

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC - SP

Ana Maris Petry

Franz Brentano: o Conceito, o Objeto e o Método de uma
"Psicologia do Ponto de Vista Empírico"

MESTRADO EM FILOSOFIA

SÃO PAULO
2012

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC - SP

Ana Maris Petry

Franz Brentano: o Conceito, o Objeto e o Método de uma
"Psicologia do Ponto de Vista Empírico"

MESTRADO EM FILOSOFIA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial à obtenção do título de MESTRE em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. Mario Ariel González Porta.

SÃO PAULO

2012

Banca Examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente ao Prof. Dr. Mario Ariel González Porta pela gentileza em acolher cada dúvida, mesma aquela mais simples, pela clareza invejável das explicações e pelas excelentes horas de diálogo. Foi um grande privilégio tê-lo como orientador.

Agradeço ao Prof. Dr. Pedro Monticelli e ao Prof. Dr. Jose Rezende, pelas críticas e sugestões no momento da qualificação.

Agradeço especialmente ao Prof. Dr. Antonio Meneghetti pelo estímulo ao estudo contínuo.

*Aquilo que, como se pode notar, no princípio pareceu explicar o incognoscível,
e que em seguida despertou misteriosamente estupor e desejo de saber;
aquilo acerca do que os grandes pensadores da antiguidade muito se dedicaram,
e acerca do que ainda hoje não há clareza nem unanimidade,
são aquelas mesmas manifestações que eu também observei com espírito indagador,
e cujas propriedades e leis aqui tento fornecer, através de traços gerais,
uma imagem correta. Nenhum ramo do saber deu frutos mais insignificantes à
natureza e à vida, mas não há nenhum outro cujas necessidades mais essenciais
aguardem por satisfação. Não há parte do saber – excluída somente a metafísica –
acerca da qual a maioria dos homens não dirija frequentemente um olhar de desprezo,
mas não há alguma outra que o singular homem valorize e aprecie mais.*

Franz Brentano, 1874

RESUMO

PETRY, Ana M. **Franz Brentano: o Conceito, o Objeto e o Método de uma "Psicologia do Ponto de Vista Empírico"**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012, 95fls.

Este trabalho tem por objetivo apresentar o programa de uma psicologia empírica de Franz Brentano, identificando as fundamentais contribuições do autor para a fundação de uma ciência psicológica. Quando a psicologia buscava autonomia da filosofia e reconhecimento como ciência positiva, era necessário: distinguir fenômenos psíquicos de fenômenos físicos, para justificar a distinção da psicologia da fisiologia; clarificar o conceito de psique, para justificar uma autonomia da psicologia em relação à filosofia; e ainda, identificar um acesso metodológico a tais objetos de investigação como alternativa à introspecção, possibilidade fortemente combatida não só pelo positivismo, mas também por Hume e Kant. Sem uma clara e distinta definição de tais conceitos uma ciência psicológica não seria possível. Partindo do contexto histórico científico do século XIX, esse texto apresenta o conceito de uma psicologia empírica, o objeto de investigação dessa disciplina e o método estabelecido para tal estudo como foram definidos por Brentano. O texto segue o desenvolvimento da obra *Psicologia do ponto de vista empírico*, publicada em 1874. Trata-se de uma revisão desta fundamental obra de Brentano, explicitando seus principais conceitos. A particular concepção brentaniana de fenômeno e a identificação da intencionalidade como fundamental característica dos fenômenos psíquicos possibilitou a Brentano delinear o projeto de uma ciência psicológica que atendessem aos critérios positivistas de cientificidade e, ao mesmo tempo, evitasse uma psicologia meramente fenomênica.

Palavras-chave: Brentano. Psicologia empírica. Intencionalidade. Fenômenos psíquicos.

ABSTRACT

PETRY, Ana M. **Franz Brentano: o Conceito, o Objeto e o Método de uma "Psicologia do Ponto de Vista Empírico"**. Dissertation (Master Degree). Philosophy Department, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012, 95 pages.

This work aims to present the program of an empirical psychology of Franz Brentano, identifying the author's fundamental contributions to the foundation of a psychological science. When psychology sought autonomy of the philosophy and recognition as a positive science, it was necessary to: distinguish psychic phenomena of physical phenomena, to justify the distinction of the psychology of physiology; to clarify the concept of psyche, to justify an autonomy of psychology in relation to the philosophy; and also, identify a methodological access such research objects as an alternative to introspection, a possibility strongly opposed not only by positivism, but also by Hume and Kant. Without a clear and distinct definition of such concepts a psychological science would not be possible. Starting from the 19th century scientific historical context, this text introduces the concept of an empirical psychology, the research object of this discipline and the method established for such study as were defined by Brentano. The text follows the development of work *Psychology from an empirical standpoint*, published in 1874. This is a review of this crucial work of Brentano, showing its key concepts. The particular Brentano's conception of phenomenon and the identification of intentionality as fundamental characteristic of psychic phenomena enable Brentano to define the project of a psychological science that follows the science positivist criteria and, at the same time to avoid a mere phenomenical psychology.

Key-words: Brentano. Empirical psychology. Intentionality. Mental phenomena.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 VIDA E OBRA DE FRANZ BRENTANO	16
2 O CONTEXTO CULTURAL DO SÉCULO XIX	19
2.1 O <i>background</i> à psicologia de Brentano	19
2.1.1 As tendências filosóficas	20
2.1.2 Os avanços das ciências da natureza e da psicofísica	25
2.2 Os principais interlocutores de Brentano	27
2.2.1 Gustav Fechner	27
2.2.2 Willian Wundt	29
2.3 Os problemas a que se propõe Brentano	33
3 CONCEITO E TAREFA DA CIÊNCIA PSICOLÓGICA DE FRANZ BRENTANO	35
3.1 Conceituação e tarefa da ciência psicológica	35
3.2 Os confins da psicologia: metafísica, psicofísica e fisiologia	44
3.3 Os objetivos de Brentano	45
3.4 Psicologia genética e psicologia descritiva	48
4 O OBJETO DA PSICOLOGIA DE BRENTANO	50
4.1 O conceito de psique	50
4.2 Ciência dos fenômenos	51
4.3 A especificidade da concepção de fenômeno em Brentano	54
4.4 Fenômenos psíquicos e fenômenos físicos	60
4.5 Critérios para a distinção entre os fenômenos	63
4.6 A intencionalidade: caracterização positiva e geral dos fenômenos psíquicos	67

4.7 O caráter consciente dos fenômenos psíquicos	70
4.8 A classificação dos fenômenos psíquicos	73
5 O MÉTODO DA PSICOLOGIA DE BRENTANO	76
5.1 A oposição à introspecção	76
5.2 A posição de Brentano	77
5.3 A derivação do método a partir do objeto da investigação: a percepção interna	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS	91

INTRODUÇÃO

Na segunda metade do século XIX, a psicologia buscava legitimar um lugar entre as ciências como disciplina autônoma, mas estava longe de conseguir unanimidade entre seus pesquisadores. Muitas abordagens nasciam das diversas tradições de pesquisa psicológica e revelavam a coexistência de variadas modalidades de descrever e interpretar o mundo psíquico, sem que houvesse um corpo unitário de princípios teóricos e metodológicos.

Nesse processo, o ano de 1874 foi particularmente importante, pois são publicadas duas fundamentais obras que estão na base de várias correntes de psicologia que depois se seguirão. São elas *Psicologia Fisiológica*¹, de Wilhelm Wundt (1832-1920), e *A Psicologia do ponto de vista empírico*², de Franz Brentano (1838-1917). Ambos os autores desejavam fixar a psicologia como uma disciplina científica destacada da filosofia e, para isso, buscavam estabelecer, sobre bases sólidas e indiscutíveis, o objeto de estudo dessa disciplina e o método próprio com o qual operar.

A primeira dificuldade para tal intento era a definição do objeto temático, dado que, diferentemente das ciências naturais, a explicitação *sobre o que se estava falando* em psicologia não era um consenso. A existência de uma ciência psicológica dependia, em primeiro lugar, de uma clara caracterização daquilo que era definido como “psíquico”. Segue-se que tantas foram – e são – as psicologias quantos foram os objetos definidos para seu campo de estudo.

A segunda dificuldade era definir se tal âmbito era passível de investigação científica, ou seja, se havia um método por meio do qual seria possível acessar e investigar aquele determinado objeto. A dificuldade na definição do objeto de estudo se estende, então, ao método uma vez que é do objeto de estudo definido que se estabelece o método apropriado para sua investigação.

As obras de Wundt e Brentano anteriormente citadas poderiam ser consideradas em sentido lato como psicologia empírica, diferenciando-se da anterior psicologia racional baseada em princípios metafísicos³. No entanto, tais obras apresentavam diferenças de impostação quanto ao método e objeto da psicologia. Enquanto Wundt propunha uma

¹ A primeira parte dessa obra já havia sido publicada em 1873.

² Essa obra será referenciada neste texto com a abreviação *PsE*, do original alemão **Psychologie vom empirischen Standpunkt**. (1874), Mit Einleitung, Anmerkungen, und Register herausgegeben von Oskar Kraus. Hamburg: Felix Meiner Verlag. 1973 (Unveränderter Nachdruck von 1924). No entanto, as citações e referências foram extraídas da tradução italiana. **La psicologia dal punto di vista empírico**. Organização de Oskar Kraus. Vol I (1874). Tradução de Giovanni Gurisatti. Roma/Bari: Editori Laterza, 1997.

³ Tema abordado no quarto capítulo.

psicologia do conteúdo e um método experimental, a posição de Brentano era por uma *psicologia do ato* cujo método era a percepção interna (*innere Wahrnehmung*). Brentano, rejeitando a psicologia racional, considerava que a psicologia deveria basear-se sobre dados empíricos, mas afirmava que os dados empíricos eram colhidos não através do método da introspecção e sim através da percepção interna.

Estas duas grandes personalidades da psicologia do século XIX eram pesquisadores polêmicos cheios de entusiasmo pela pesquisa, mestres dotados de grande força para influenciar as mentes mais jovens. Wundt é um dos nomes que auxiliaram no desenvolvimento do que se chamou de Psicologia da Forma (*Gestalt*)⁴ e Edward B. Titchener, o importante representante do estruturalismo americano, foi seu aluno em Lipsia. Brentano, por sua vez, é uma referência inicial para diversas correntes. Von Ehrenfels é um dos nomes de expressão da *Gestalt*, Husserl é o iniciador da Fenomenologia e Freud o fundador da Psicanálise; o que esses três pesadores têm em comum é o fato de terem sido, em épocas diferentes, alunos de Brentano. No entanto, apenas o nome de Wundt é largamente conhecido. É dele o mérito de ter estabelecido formalmente a psicologia como uma disciplina independente e organizada e grande parte da bibliografia⁵ acerca da história da psicologia o cita como o pai da psicologia moderna⁶. Quanto a Brentano, apesar de ter tido um papel muito ativo na psicologia de seu tempo, as suas investigações foram gradativamente sendo esquecidas na medida em que seus alunos as reformularam e foram se tornando muito conhecidos. Além disso, diferente da tradição wundtiana, o método brentaniano não foi ilustrado sistematicamente pelos psicólogos que o adotaram e nem sempre foi concebido como introdutivo à ciência psicológica⁷.

Muitos são os motivos para se estudar Brentano. Antes de tudo, é importante para não restringir-se a uma visão arbitrária da história da psicologia como consta na maioria dos

⁴ O wundtiano Frederico Kiesow e Eugenio Rignano consideravam que os princípios da *Gestalt* estavam já presentes na teoria de Wundt. Cf. MECACCI, Luciano. **Storia della psicologia del Novecento**. 19 ed. Bari: Editori Laterza, 2009, p. 89.

⁵ Por exemplo, as obras de SCHULTZ, Duane. P; SCHULTZ, Sydney Ellen. **História da psicologia moderna**. Tradução Suely Sonoe Murai Cuccio. São Paulo: Cengage Learning, 2009, e de PEWZNER, Evelyne; BRAUNSTEIN, Jean-François. **Storia della psicologia**. Torino: Einaudi, 2001.

⁶ Há, no entanto, argumentos a favor de uma psicologia positiva já no século XVIII. Por exemplo, R. H. Lotze publica em 1852, *Psicologia Médica ou Psicologia da Alma*, em que reúne correntes fisiológicas e filosóficas. LOTZE, Hermann. **Medizinische Psychologie oder Physiologie der Seele**. Leipzig: Weidmann, 1852.

⁷ Atualmente, o nome de Brentano e a sua psicologia do ato não constam na maioria dos compêndios e principais enciclopédias. Brentano é comumente citado como “o mestre de Husserl”. Ainda que correto, é empobrecedor. Cabe ressaltar também a ausência de obras em língua portuguesa acerca da psicologia e da filosofia de Brentano.

manuais dedicados ao tema. Michael Wertheimer⁸, por exemplo, na obra *Pequena história da psicologia*, passa de Wundt diretamente à psicologia norte-americana de William James. Tais obras negligenciam aspectos importantes e fundamentais para a correta compreensão não só da história da psicologia, como também dos problemas e das discussões que fundamentam este campo de estudo. Há uma desproporção entre a influência e a importância de Brentano sobre a filosofia e a psicologia do seu tempo e a consideração de seu estudo e sua reflexão na psicologia contemporânea.

Mueller⁹ observa que para muitos estudiosos a psicologia moderna não tem correlação com a psicologia antiga, considerando arbitrária qualquer relação entre elas¹⁰. No entanto, a Psicologia provém de uma longa tradição que iniciou na filosofia grega e tanto a psicologia antiga quanto a moderna psicologia seguem tendo o homem interior como enigma essencial, mesmo quando tentam captar *objetivamente* seus aspectos exteriores. Além disso, conceitos como “psique”, “fenômeno” e “representação” são formulações de longa tradição filosófica cujas abordagens não podem ser descartadas pela psicologia moderna. A autonomia de uma ciência psicológica consiste em não estar subordinada à filosofia identificando um âmbito específico de investigação, mas não pode nesse processo negar sua herança filosófica.

É importante estudar Brentano também porque, a partir do século XX, observa-se uma crescente proliferação da psicologia aplicada, ignorando os conflitos ou os avanços da psicologia do século XIX, o que contribui para uma prática psicológica sempre mais questionável e controversa. Conforme Araújo, “há um grande distanciamento dos psicólogos em relação a suas próprias raízes e às condições intelectuais que tornaram possível o projeto de uma ciência psicológica”¹¹.

Por fim, as contribuições de Brentano podem ser colhidas em todas as modernas escolas de psicologia que resgatam a subjetividade e a especificidade cognitiva da conduta humana, conforme observa Ramón¹². Na psicanálise, a concepção de ideias ativas e o

⁸ O texto é inspirado na obra clássica de E. G. Boring, **A history of experimental psychology**, publicada em 1929. WERTHEIMER, Michael. **Pequena história da psicologia**. Trad. L. L. De Oliveira. 8. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1989.

⁹ MUELLER, Fernand-Lucien. **História da psicologia**. Vol I: Da antiguidade aos dias de hoje. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978, p. XVIII.

¹⁰ Veja-se também Kurt Dazinger para quem as abordagens filosóficas antigas são a pré-história da psicologia moderna e, portanto, não podem ser consideradas ‘história da psicologia’. Cf. DAZINGER, 1980 apud SCHULTZ & SCHULTZ, op. cit., p. 4.

¹¹ ARAÚJO, Saulo de Freitas. Uma visão panorâmica da psicologia de Wilhelm Wundt. **Revista SCIENTIÆ STUDIA**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 209-20, 2009, p. 218. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ss/v7n2/v7n2a03.pdf>. Acesso em: 22 Abr. 2011.

¹² RAMÓN, Saturnino Pesquero. **A importância da act-psychology de Franz Brentano**. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, v. 19, n. 2, 2006, p. 341. Available from:

conceito nuclear freudiano de representação (*Vorstellung*), têm raízes nos ensinamentos de Brentano. Wolheim¹³ é ainda mais contundente afirmando que Freud reteve ao longo de toda sua obra um pressuposto brentaniano, “que todo e qualquer estado ou condição mental pode ser analisado em dois componentes: uma idéia a qual dá ao estado mental o seu objeto ou aquilo para que é dirigido, e a sua carga de afeto (*affect*) ou valência, que lhe dá a sua medida de força e eficácia”. Os interpretes de Freud têm afirmado a possibilidade de discernir, principalmente nos primeiros trabalhos de Freud, a “influência de Brentano, seja na ideia de estrutura intencional da ação como de sua classificação dos fenômenos da consciência”¹⁴ e foi através de Brentano que Freud tornou-se o tradutor do volume 12 da edição de J. S. Mill.

Ainda para Ramón¹⁵, na psicologia da *gestalt*, o conceito de *einstellung* (aspecto intencional) e de *insight* (aspecto cognitivo) tem participação da ideia brentaniana de intencionalidade do pensamento. O método fenomenológico que se centra na descrição imediata dos fenômenos das experiências vividas, por sua vez, antes de ser sistematizado por Husserl, havia sido preconizado por Brentano.

Quanto à presença da filosofia brentaniana na psicologia cognitiva, esta se dá através da *teoria da forma*, raiz do paradigma cognitivo juntamente com a tecnologia de informática¹⁶. Para Smith¹⁷, o trabalho de Brentano e sua escola acerca dos processos cognitivos em que os objetos correspondentes são experienciados podem ser vistos como antecipando certos aspectos da psicologia cognitiva contemporânea.

Há ainda que se citar a contribuição de Brentano à psicopatologia, expressa nos trabalhos de Jaspers e Biswanger, dois dos maiores expoentes da denominada corrente psiquiátrica de inspiração fenomenológica e existencial.

Se a obra de Brentano influenciou toda essa série de autores e pesquisadores, é evidente a importância de conhecer-se seu pensamento, sob pena de interpretações equivocadas ou limitadas de tais autores, estes, sim, considerados clássicos da literatura psicológica e presentes para qualquer interessado na disciplina psicológica. Smith¹⁸, afirma que o eixo central da filosofia austríaca constituída pela obra de Brentano e sua escola ainda é muito mal compreendido, limitando-se a simplificações de teses tomadas fora do contexto.

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722006000200021&lng=en&nrm=iso.
access on 11 Dec. 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722006000200021>.

¹³ WOLHEIM, 1971, p. 36/37, apud RAMÓN, op. cit., p. 341.

¹⁴ HALLER, Rudolf. **Wittgenstein e a filosofia austríaca**. Tradução Norberto de Abreu e Silva neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1990, p. 23.

¹⁵ Cf. RAMÓN, op. cit., p. 341.

¹⁶ Ibid., p. 342.

¹⁷ SMITH, Barry. **Austrian philosophy: the legacy of Franz Brentano**. Chicago, IL: Open Court, 1994, p. 6.

¹⁸ Ibid., p. 2.

Avançar na prática psicológica sem se preocupar com os princípios de uma ciência psicológica pode ser uma das causas principais da falta de resultados e da enorme dispersão teórica que as ciências psicológicas assumem nos nossos dias. Franz Brentano é um pensador que estabeleceu muitas das bases do que ainda hoje constituem o fundamento da ciência psicológica. Não conhecê-lo é uma grave lacuna. Abandonam-se aspectos que dariam um desenvolvimento positivo à psicologia, não somente como método, mas também frente a outros campos científicos. Além disso, deixou-se de discutir sobre o objeto e o método em psicologia, mas o problema permanece aberto.

Quais contribuições são possíveis identificar na obra *PsE* de Brentano para a compreensão da psicologia como ciência dos fenômenos psíquicos? A presente dissertação pretende delinear o projeto concebido por Brentano para uma psicologia científica, identificando os principais pontos do seu programa filosófico, sua concepção de psicologia empírica, o objeto e o método definido por ele para a delimitação de seu campo de estudo.

PsE, obra capital de Brentano, é um clássico da filosofia, mas não da psicologia, apesar de seu papel genitor para a psicologia moderna. Nela estão os pontos de chegada da reflexão psicológica de Brentano. O autor assinala constantemente paralelos entre as ciências naturais e a ciência psíquica, estabelecendo similaridades, diferenças, vantagens e desvantagens de uma sobre a outra. Além disso, determina de maneira rigorosa qual é o domínio psicológico, definindo as limitações e intercessões dos campos correlacionados como, por exemplo, a fisiologia. *PsE* é uma obra de relevância principalmente porque nela Brentano clarifica o objeto de estudo e, a partir disso, estabelece o método de investigação de uma ciência psicológica empírica, enquadrando-a assim no marco das ciências positivas.

Para Mucciarelli¹⁹, o valor eminentemente psicológico da obra *PsE* está em dois aspectos: a) evidenciar a necessidade de máxima atenção às manifestações dos múltiplos atributos que a vida psíquica pode assumir e b) evidenciar o *télos*, aquele elemento que possibilita uma unificação das várias dimensões psíquicas, sem o qual as mesmas pareceriam contraditórias. O estudo das dimensões intencionais que concorrem a constituir a estrutura psíquica tem relevância para as teorias da personalidade e, por consequência, para a psicologia clínica.

Este trabalho restringe-se a *PsE*, uma vez que a mesma é considerada fundamental para qualquer estudo posterior acerca dos fundamentos de uma ciência psicológica. Não é pretensão deste texto, portanto, apresentar a evolução do pensamento de Brentano.

¹⁹ Cf. prefácio a ANTONELLI, Mauro. **Alle radici del movimento fenomenologico**. Psicologia e metafísica nel giovane Franz Brentano. Collana di Psicologia descrittiva. Bologna: Pitagora, 1996, p. 10.

Apresenta-se, no primeiro capítulo deste texto, um breve relato da vida e da obra de Franz Brentano.

O segundo capítulo aborda o contexto cultural e científico em que se desenvolveu o pensamento de Brentano, considerando a situação antimetafísica na qual a filosofia da época se encontrava e os avanços no campo da fisiologia, bem como os interlocutores mais expressivos de Brentano, Wundt e Fechner. É o cenário onde se constituiu a psicologia dita científica.

O terceiro capítulo apresenta o conceito e a tarefa de uma investigação psicológica do ponto de vista empírico, ou seja, uma ciência a partir da experiência dos fenômenos psíquicos como foi delineada por Brentano. Apresenta também a divisão operada pelo autor entre uma psicologia descritiva e uma psicologia genética, cada qual se ocupando de tarefas específicas: respectivamente, descrever os componentes últimos das manifestações psíquicas e estabelecer as conexões causais segundo as quais tais manifestações estão sujeitas.

Esclarecimentos sobre qual seria o objeto de tal ciência são realizados no quarto capítulo, juntamente com as distinções entre as duas classes de fenômenos existentes, fenômenos psíquicos e fenômenos físicos. Apresenta-se também o critério positivo distintivo válido para todos os fenômenos psíquicos, a intencionalidade.

O quinto e último capítulo aborda o método de investigação dos fenômenos psíquicos. Criticando o método da introspecção, Brentano propõe a percepção interna como o método válido para a investigação dos fenômenos típicos do mundo interno, os fenômenos psíquicos.

Considerações finais e referências encerram o presente texto.

1 VIDA E OBRA DE FRANZ BRENTANO

Franz Clemens Honoratius Hermann Brentano nasceu em 1838 em Marienberg am Rhein em uma antiga família católica originária da Lombardia (Itália). Cresceu em um ambiente de intelectuais, políticos de renome e artistas; o pai era autor de obras religiosas e místicas e um de seus primos, o conde Georg Von Hertlinh, era professor em Munique e autor de obras sobre Santo Agostinho e Descartes.

Em 1856, Brentano matriculou-se na faculdade de Filosofia de Munique; estudou também em Wurtzburgo, Berlim e Tübingen. Os anos de 1858-59 foram decisivos na vida do jovem Brentano quando, em Berlim, encontrou Friedrich Adolf Trendelenburg, quem o endereçou a um estudo intensivo de Aristóteles. Em 1862 concluiu o curso com a tese *Sobre os múltiplos significados do ser em Aristóteles* e a dedicou a Trendelenburg. Estudou com Clemens Baeuemker, fundador em 1891 da coleção de textos históricos que se tornaria a vasta *Contribuições para a história da filosofia da Idade Média*. Clemens foi quem o iniciou na filosofia dos aristotélicos medievais, mas foi Trendelenburg, considerado um dos mais importantes críticos de Hegel, o seu inquestionável mestre. Em uma carta a Oskar Kraus em 1916²⁰, Brentano define a sua vocação filosófica dizendo que nascera em uma época de grave decadência filosófica e encontrara em Trendelenburg o único possível mestre depois do velho Aristóteles. Exatamente por isso permanecera seu afeiçoado discípulo. Com Trendelenburg, Brentano compartilhou por toda a vida a concepção de que a filosofia fosse suscetível de um tratamento verdadeiramente científico e que, para tal, era necessário considerar aquilo que havia sido deixado pelos grandes pensadores do passado.

Inclinado ao sacerdócio pela rígida tradição religiosa da família, ingressou no monastério dominicano de Graz e foi ordenado em 1864, aos 26 anos. Aprofundou o estudo da Patrística e da Escolástica, iniciando a docência em Wurtzburgo. Em 1866 apresentou 25 teses que esclarecem sua concepção de ciência; nelas está contido todo o programa brentaniano; são as 25 *Habilitationstheses*. Havia surgido em Brentano a necessidade de ver resgatada a filosofia das cepas do verbalismo idealista e da rudeza do materialismo científico e as 25 teses revelam o claro propósito de renovação da filosofia e da sua fundação como ciência rigorosa²¹.

²⁰ Cf. KRAUS, 1919, p. 31 apud MANGIAGALLI, Maurizio. **Franz Brentano Interprete di Aristotele**. Roma: Aracne Editrice, 2009, p. 19.

²¹ Cf. *ibid.*, p. 21.

Brentano foi um grande estudioso de Aristóteles e da escolástica e sua originalidade está em uma perspicaz recuperação da tradição aristotélica. Em 1867 publica *A psicologia de Aristóteles*, obra na qual realiza um aprofundamento do *De anima* aristotélico e afronta particularmente a doutrina do *noûs poietikós*²².

O primeiro grupo de alunos de relevância forma-se em 1872 e entre eles encontramos Carl Stumpf²³.

As polêmicas geradas pela definição do dogma da infalibilidade do Papa pelo Concílio Vaticano I e o conflito entre filosofia e teologia que se desenhava em seu íntimo ocasionaram o afastamento de Brentano da Igreja em 1873²⁴. Deixou também o cargo de Professor em Wurtzburgo e dedicou-se desde então a ensinar como professor assistente (*Privatdozent*). Viajou a Paris, Luxemburgo e Inglaterra, onde conheceu Johan Stuart Mill²⁵ e Herbert Spencer. Em 1873 entra em contato com as obras de Fechner e Weber. Em 1874 publica *PsE* e é chamado como Professor em Viena onde se forma um segundo grupo de estudantes, entre os quais Husserl e Von Ehrenfels.

Permaneceu como professor na Universidade de Viena de 1874 a 1880. Acreditando que era indispensável para o desenvolvimento da disciplina, tentou instituir um laboratório de psicologia, mas o projeto nunca se realizou devido à hostilidade das autoridades austríacas pela sua posição de ex-sacerdote.

Abandonou a cátedra, esposou Ida Von Lieben e permaneceu como professor assistente tendo como aluno neste período Sigmund Freud. Publicou *Was für ein Philosoph manchmal Epoche macht?* (1876), *Vom Ursprung sittlicher Erkenntnis* (1889), *Das Genie* (1892), *Vom Schlechten als Gegenstand dichterischer Darstellung* (1892), *Über die Zufunk der Philosophie* (1893), *Über den Creatianismus des Aristoteles* (1882), *Offener Brief an Herrn Prof. Dr. Zeller* (1883).

Deixou definitivamente a Áustria em 1895, quando da morte da esposa. Viajou para a Suécia e depois Itália onde se casou com Emilie Ruprecht, tornando-se cidadão italiano. Viveu em Florença por 20 anos e relacionou-se com Giovanni Papinni²⁶ e Mario Puglisi Pico²⁷.

²² Para Aristóteles, a dinâmica psíquica é a expressão de uma polaridade entre contribuição sensorial e contribuição noética. A sensação é uma forma de alteração induzida no perceptor pelo objeto sensível externo enquanto, no pólo contrário, está presente desde as origens do conhecimento sensível, uma instância ativa, o *noûs poietikós*, que exercita uma retroação regulativa que assegura o proceder coordenado e harmônico das faculdades. É a ideia da presença ativa do intelecto nas raízes da percepção. Cf. ANTONELLI, Mauro. **Franz Brentano psicólogo**. Dalla Psicologia dal punto di vista empirico alla Psicologia decrittiva. 2 ed. Bologna: Pitagora, 1998, p. 6.

²³ Filósofo e psicólogo teórico alemão, revisou conceitos da psicofísica e da psicologia dos tons musicais.

²⁴ Cf. MECACCI, op. cit., p. 18.

²⁵ Filósofo e economista inglês, um dos pensadores liberais mais influentes do século XIX.

²⁶ Escritor italiano, autor de **Um Homem Acabado**, **Palavras e Sangue** e **Juízo Universal**.

Publicou *Untersuchungen zur Sinnespsychologie* (1907), *Aristoteles und seine Weltanschauung* (1911), *Aristoteles Lehre vom Ursprung des menschlichen Geistes* (1911) e *Von der Klassifikation der psychischen Phänomene* (1913).

Devido à adesão da Itália à primeira grande guerra mundial, Brentano, atingido por uma enfermidade que o cegou, transferiu-se para Zurique onde morreu em 1917 aos 79 anos.

²⁷ Filósofo italiano.

2 O CONTEXTO CULTURAL DO SÉCULO XIX

Para Mueller, as investigações acerca do homem e do seu mundo se inscrevem sempre em uma historicidade, em uma determinada mentalidade da época, tornando necessário evidenciar as relações dialéticas entre tais investigações: “somente a história pode aportar essa dimensão preciosa que nos dá, na medida do possível, o conhecimento genético dos problemas”²⁸. É preciso atenção às fontes originais e dedicar esforço em estabelecer quais eram os problemas nos quais os filósofos centraram seus interesses. Considerando, como afirma Porta²⁹, a “indissolúvel unidade hermenêutica” entre a estrutura de texto e contexto, apresentam-se a seguir os autores e as ideias com os quais a psicologia de Brentano se confrontava.

2.1 O *BACKGROUND* À PSICOLOGIA DE BRENTANO

Brentano é pertencente a um século caracterizado pelo esforço de diversos autores na formação e definição de uma psicologia científica, o século XIX. Até então, a compreensão do psiquismo humano estava vinculado ao desenvolvimento da própria filosofia e a natureza humana era estudada mediante a especulação, a intuição e a generalização, a partir das experiências dos próprios filósofos. Agora, no século XIX, em toda a Europa, o método experimental introduzido por Galileu no século XVII era aplicado às mais diversas áreas e o êxito das ciências positivas e experimentais contribuía para o descrédito da metafísica. Na Alemanha, ocorria um movimento de renovação filosófica, estimulado pelo veloz desenvolvimento das ciências da natureza (*Naturwissenschaften*), que tinha por meta o emprego de métodos científicos. Imperava o *Keine Metaphysik mehr*³⁰ e os pesquisadores celebravam a matéria e repudiavam “as especulações racionais em favor dos ‘fatos’³¹ e da experiência positiva”³².

Destes dois eixos, o descrédito da metafísica e o avanço das ciências da natureza, nascia a tentativa de examinar os fenômenos do espírito com métodos científicos.

²⁸ MUELLER, op. cit., p. 8.

²⁹ PORTA, Mario Ariel González. **A filosofia a partir de seus problemas**. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2007, p. 77.

³⁰ “Basta de metafísica”. Cf. MUELLER, op. cit., p. 268. Em todo o presente texto, as citações extraídas das obras em língua estrangeira foram traduzidas pela autora da presente dissertação.

³¹ Em todo o presente texto, os grifos originais presentes nas citações foram mantidos. Nos casos em que não são do autor, os grifos são identificados com a nota de rodapé “grifo nosso”.

³² MUELLER, op. cit., p. 268.

Para compreender melhor esse contexto, é importante apresentar as principais tendências filosóficas que predominavam naquele período e os avanços das ciências da natureza que levaram à psicofísica.

2.1.1 As tendências filosóficas

No século XVIII, reinava nas universidades a obra de Christian Wolff³³, que dividia a metafísica em quatro partes: a ontologia, a cosmologia, a teologia e a psicologia. Wolff definiu a psicologia como “a ciência das coisas que são possíveis através da alma humana”³⁴ e explicou a vida psíquica em termos de faculdades: imaginar, lembrar, sentir etc. Também dividiu a psicologia em racional e empírica. Caberia à psicologia racional, incluída na metafísica e baseada na dedução, o estudo *a priori* da essência da alma, de sua razão ou possibilidade. A psicologia empírica, por sua vez, deveria se ocupar dos fatos psíquicos fundados na experiência. Usando a observação e a experimentação, a psicologia empírica daria origem a um conhecimento *a posteriori* dos processos e dos conteúdos da experiência. A psicologia racional, portanto, dependeria da filosofia e a psicologia empírica, por sua vez, dependeria da psicologia racional. Para Fabro³⁵, toda a dificuldade da psicologia contemporânea em determinar sua natureza e tarefa pode ser localizada nessa dualidade de objeto, ser e fenômeno, e nessa dualidade de método, *a priori* e *a posteriori*.

Immanuel Kant, ainda que formado no clima do racionalismo wolffiano, criticou tanto as ciências empíricas quanto racionais e negava que a psicologia pudesse se constituir em ciência de qualquer um dos tipos. Todo o século XIX foi influenciado pela monumental obra de Kant, *A crítica da razão pura* (1781). Nesta obra, Kant investiga as pretensões, possibilidades e limites da razão, atuando sobre os conhecimentos de que o homem efetivamente dispõe com o fim de determinar as condições de sua validade. Se por um lado, a tarefa da *Crítica* é restringir o uso da razão, por outro garante o uso legítimo de seus direitos.

Kant denunciou a ilusão da psicologia racional, assim expressa por Mueller:

reportar o dado da intuição sensível a uma substância considerada simples e imaterial, para determinar-lhe as propriedades como objeto transcendente à experiência. Pois, como a experiência jamais pode ser transcendida, o

³³ Wolff retomou o uso do termo “psicologia” cunhado entre os séculos XVI e XVII, não se sabe ao certo se por Filippo Melantone ou Rodolfo Goclenio.

³⁴ WOLFF apud JACÓ-VILLELA, Ana Maria. **História da psicologia:** rumos e percursos. Rio de Janeiro: Editora NAU, 2005, p. 60.

³⁵ Cf. FABRO, Cornelio. **L’anima.** Introduzione al problema dell’uomo. Roma: Idivi, 2005, p. 9.

pensamento funciona no vácuo quando imagina ter por objeto o ser em si. Se a intuição sensível é cega sem o conceito, o conceito, sem ela, é o vazio³⁶.

Kant parte da proposição *eu penso* como o texto sobre o qual repousa toda a estrutura da psicologia racional que pretendia conhecer a natureza do sujeito. *Eu penso* é entendido como a noção de um sujeito puro, absoluto, ou seja, é o eu que atua como fundamento do pensamento e do qual derivam todos os fenômenos psíquicos. Também é do *eu penso* que se chega à ideia de alma como uma substância simples, a essência última do sujeito. Mas o *eu penso* é um pensamento, uma unidade puramente analítica que não pode ser considerada conhecimento. Não há conhecimento senão de um objeto e o sujeito é somente sujeito e não objeto de conhecimento. O único conhecimento que se pode ter é do eu empírico, como aparece e não tal como é. Diz Kant,

Eu, como pensante, sou um objeto do sentido interno e denomino-me alma. Aquilo que é um objeto dos sentidos externos denomina-se corpo. Portanto, a expressão eu, como um ente pensante, significa já o objeto da psicologia, que pode denominar-se doutrina da alma, se não pretendo saber da alma nada além do que possa ser inferido do conceito *eu*, independentemente de toda a experiência, enquanto tal conceito apresenta-se em todo pensamento. Ora, a *doutrina* racional da alma é realmente um empreendimento dessa espécie. Com efeito, se um mínimo de empírico do meu pensamento – uma percepção particular qualquer do meu estado interno – ainda se mesclasse entre os fundamentos cognitivos dessa ciência, então ela não seria mais uma doutrina racional – mas *empírica* – da alma³⁷.

O *eu penso* só pode conhecer o que não é ele mesmo e tampouco pode conhecer a sua essência. Basicamente, o erro consistia em fazer do *eu penso* uma substância, o que consiste em uma aplicação ilegítima da categoria do entendimento denominada “substância” que só pode ser aplicada aos dados da intuição. O *eu penso* para Kant é pura atividade formal da qual dependem as próprias categorias. Nas palavras de Kant, “(...) a psicologia racional tem a sua origem num simples equívoco. A unidade da consciência que subjaz às categorias é tomada aqui por uma intuição do sujeito enquanto objeto, aplicando-se-lhe a categoria da substância”³⁸.

Na crítica kantiana, a psicologia também não poderia ser uma ciência empírica, uma vez que de um procedimento indutivo não se podem deduzir princípios gerais absolutamente

³⁶ MUELLER, op. cit., p. 241.

³⁷ KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Tradução de Valério Rohden e Udo Valdur Moosburger. 2 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1983, 400. (Os Pensadores, 25).

³⁸ Ibid., 422.

certos³⁹. Para Kant o que havia sido definido psicologia empírica não era propriamente uma “ciência da alma”, mas somente uma descrição dos fenômenos da alma. Além disso, a psicologia não pode se utilizar dos procedimentos matemáticos, uma vez que os seus fenômenos não têm dimensão espacial.

Penna assim elenca os argumentos de Kant contra a eficácia metodológica da psicologia:

1) O sujeito que pensa não pode ser ao mesmo tempo sujeito e objeto do experimento; 2) os fenômenos psíquicos, ainda que por abstração possam ser considerados como separados, na realidade formam uma totalidade cujas partes não podem ser separadas nem combinadas; 3) a experiência por si própria constitui-se num fator que muda e altera o estado do objeto sobre o qual se pretende explicar⁴⁰.

A psicologia possível para Kant era um tipo de antropologia que, apoiada na história, na biografia e na literatura, poderia proporcionar relatos descritivos *a posteriori* da alma. Kant chamou “antropologia do ponto de vista pragmático” o estudo do que o homem, como um ser que age livremente, faz ou poderia e deveria fazer de si próprio⁴¹. A tarefa de tal estudo correspondia à classificação, descrição e seriação dos fenômenos psíquicos e o próprio Kant chegou a estabelecer uma classificação que prevaleceu até Brentano: distintos em três categorias, os fenômenos psíquicos se dividiam em intelectuais, afetivos e volitivos.

A questão epistemológica levantada pela exposição kantiana dos elementos *a priori* de nossa experiência é que, se grande parte do que percebemos é criação da nossa própria mente, seria possível um conhecimento autêntico do mundo real?⁴² Para Kant, no final das contas, devemos pensar que as aparências são aparências de algo, do númeno ou da coisa-em-si, a que Kant chama de objeto transcendental. Deste númeno nós nada podemos saber enquanto teríamos que submetê-lo a uma das categorias do entendimento. Após a morte de Kant, um de seus pupilos, Johann Fichte, “abandonou qualquer noção de coisa-em-si e procurou derivar o todo da consciência da livre experiência do sujeito pensante. Assim, tornou a si mesmo o intransigente fundador do idealismo alemão”⁴³, elaboração metafísica especulativa que pretendia superar a distinção kantiana entre fenômeno e númeno. Do idealismo de Fichte, que

³⁹ A desqualificação da psicologia como ciência pela gigantesca figura de Kant mais tarde refletiu-se no pensamento de Comte. A posição comteana será abordada mais adiante.

⁴⁰ PENNA, Antonio Gomes. **História das ideias psicológicas**. Rio de Janeiro: Imago ED., 1991, p. 105.

⁴¹ Cf. KANT, Immanuel. **Antropologia de um ponto de vista pragmático**. Trad. Clécia Aparecida Martins. São Paulo: Iluminuras, 2006, p. 21.

⁴² Cf. KENNY, Anthony. **O despertar da filosofia moderna**. Vol III. Uma nova história da filosofia ocidental. São Paulo: Loyola, 2009, p. 188.

⁴³ Ibid., p. 133.

defende que o mundo da experiência é a criação de um sujeito pensante, segue-se aquele de G. W. F. Hegel que vê as faculdades cognitivas como uma hierarquia ascendente de consciência, autoconsciência e razão. A consciência, agindo em três estágios, percepção sensorial (*Die sinnliche Gewissheit*), percepção (*Wahrnehmung*) e entendimento (*Verstand*), recebe e confere ordem aos fenômenos sensoriais. A Autoconsciência seria o retorno da consciência a si própria quando compreende que as leis do entendimento são criação do próprio entendimento. Por fim, consciência e autoconsciência se dobram à razão, para quem a natureza e a mente são manifestação de um único espírito. Assim, na tradição hegeliana, a epistemologia fundiu-se com a metafísica; “o Eu ou Espírito é o princípio único de tudo e fora dele não existe nada”⁴⁴. A intenção de Hegel era estabelecer a autenticidade de uma metafísica que iria fornecer conhecimento incondicionado do absoluto⁴⁵. Em outras palavras, Hegel pretendia construir um sistema científico que aproveitasse todos os dados adquiridos pelas ciências, bem como os acontecimentos da história e as instituições como momentos da autorrealização e autoconsciência do Espírito Absoluto. Um dos importantes princípios do sistema hegeliano é o princípio de identidade do ideal e do real que afirma que tudo que é racional é real e tudo que é real é racional.

Para Kenny⁴⁶, o idealismo hegeliano assinala o mais alto ponto da especulação metafísica e seus adversários têm usado seus textos para ilustrar a obscuridade e a futilidade desse tipo de pretensão. Entre eles estão materialistas, realistas e positivistas. Materialistas como, por exemplo, K. Marx e F. Engels, repropõem os direitos da matéria, da concretude, contra a ideia, que em si mesma tudo contém. Os realistas A. Rosmini e V. Gioberti rejeitam o princípio da identificação do ideal com o real. E ainda, em nome de considerações metodológicas e científicas, entre os que repudiam o método dialético em favor do método positivo e renunciam ao absoluto metafísico de Hegel para manterem e assegurarem o absoluto científico estão os positivistas C. R. Darwin, H. Spencer e, sem dúvida, A. Comte.

Embora diferentes daqueles de Kant, Comte também apresentou argumentos que impediam que a psicologia se tornasse ciência e exerceu forte influência nas ideias psicológicas do século XIX. Em sua doutrina, todo o conhecimento humano se circunscreve exclusivamente a fatos ou fenômenos observáveis objetivamente, ou seja, sobre o domínio dos sentidos, e às relações entre eles. Não existindo as causas últimas e o absoluto, não é possível o verdadeiro conhecimento metafísico. Em síntese, o conhecimento científico é

⁴⁴ IDEALISMO. In: ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 608.

⁴⁵ Cf. KENNY, op. cit., p. 241.

⁴⁶ Ibid., p. 241.

possível “apenas em se tratando dos fenômenos, em contraposição ao das pretensas causas geradoras dos fenômenos (o conhecimento da substância do mundo)”⁴⁷. Sendo a investigação do que é denominado *causa*, seja primeira, seja final, inacessível e desprovida de sentido, caberia à ciência explicar as leis naturais invariáveis às quais as coisas que nos aparecem estão sujeitas.

Comte, em sua intenção de abandonar qualquer estudo de natureza especulativa, reage à psicologia introspectiva do seu tempo, considerando a contemplação direta do espírito por si mesmo uma pretensão e pura ilusão. A observação interna (*innere Beobachtung*), ou seja, a observação que o eu faz dos próprios estados internos não é possível enquanto o indivíduo não pode dividir-se em dois, um que pensa e outro que observa o pensar. A observação não poderia ter lugar quando o órgão observado e o órgão observador são idênticos.

Pelas razões acima descritas, Comte excluía a psicologia da enciclopédia das ciências. No entanto, influenciou-a; a psicologia deveria se conformar às exigências do *estado positivo*⁴⁸, seguindo as mesmas diretrizes que os demais âmbitos científicos. O clima positivista de Comte esteve presente por ainda muito tempo, atravessando o século XX e chegando ao XXI.

Na base do positivismo de Comte, estavam outras ideias filosóficas como o materialismo e o empirismo. A doutrina materialista “assegurava a possibilidade de descrição dos fatos do universo em termos físicos e da sua explicação por meio das propriedades da matéria e da energia”⁴⁹, o que equivale a dizer que os fenômenos psíquicos, uma vez que seriam estritamente causados por fenômenos fisiológicos, poderiam ser compreendidos com base nos princípios da física e da química. O empirismo inglês, por sua vez, preocupava-se em descobrir a forma como a mente adquiria o conhecimento. Locke, por exemplo, negando a existência das ideias inatas, propõe que todas as ideias são resultantes da experiência que recebemos por meio dos sentidos e que a mente evolui com o acúmulo progressivo das experiências sensoriais.

⁴⁷ MONTICCELI, Pedro. **Sobre a relação essencial da estrutura ontológica dos fenômenos psíquicos com a estrutura epistemológica da psicologia em Franz Brentano na psicologia do ponto de vista empírico**. 2005. s/n. Tese (Doutorado em Filosofia) -- Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, 2005, p. 17. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1147>. Acesso em: 5 Jun. 2011.

⁴⁸ Comte acreditava que o desenvolvimento do conhecimento humano havia passado por três fases: o estado teológico, considerado infantil e caracterizado pela investigação da natureza íntima dos seres; o estado metafísico, que corresponde ao tempo da adolescência em que os agentes sobrenaturais do primeiro estágio são substituídos por forças abstratas; e o estado positivo ou científico, que corresponde à maturidade e é caracterizado pela renúncia de todo absoluto e pela investigação apenas de leis efetivas. Brennan critica essa divisão por conter erros históricos e epistemológicos. Cf. BRENNAN, Robert Edward. **Historia de la psicología**. Segun la vision tomista. Madri: Clemares, 1957, p. 125.

⁴⁹ SCHULTZ & SCHULTZ, op. cit., p. 40.

A Alemanha, portanto, estava impregnada do espírito positivista, materialista e empirista. É exatamente ao projeto de fundar uma ciência dos fenômenos psíquicos dotada de rigor e exatidão ambicionados por todas as ciências que apela a cultura alemã da segunda metade do século XIX.

2.1.2 Os avanços das ciências da natureza e a psicofísica

Com nomes como Johannes Muller, na Alemanha, e Charles Bell, na Inglaterra, as pesquisas neurofisiológicas se alastraram por toda a Europa na primeira metade do século XIX e afetaram profundamente o progresso da psicologia. Os fisiologistas faziam grandes progressos na compreensão dos processos da mente, abordando-os de outro ponto vista, aquele dos processos corporais subjacentes a tais processos mentais. Avançavam as investigações sobre o sistema nervoso, possibilitando a formulação de leis acerca da variabilidade estrutural e funcional dos nervos motores e sensoriais, bem como a mensuração dos impulsos nervosos. Havia também tentativas de localização das funções psicológicas em partes do sistema nervoso. Os estudos de fisiologia haviam herdado os métodos da física, e a excelente resposta a esses procedimentos dera-lhe o estatuto científico.

O avanço da fisiologia aliado ao da anatomia colocou no centro das investigações o problema da sensação. Bell buscava relações causais entre estímulos, nervos e reações, identificando que uma parte da ação humana independia da interferência do cérebro e da vontade⁵⁰. Muller formulou leis da relação entre o sistema nervoso e a sensação tendo como princípio fundamental que nós “não somos diretamente conscientes dos objetos que nos estimulam, mas das modificações que eles produzem nos nervos”⁵¹. Os nervos seriam, portanto, intermediários entre os objetos percebidos e a mente.

Mas o grande intento de aplicar os métodos das ciências naturais à psicologia era dificultado pelo próprio conceito de psique. O objeto de estudo da psicologia de então, a alma, como era definida, não era adequado ao desejado alinhamento com as ciências da natureza, ou seja, às metodologias e aos procedimentos de quantificação e explicação. Para tanto, a alma deveria deixar de ser um conceito metafísico.

⁵⁰ BELL, 1811 apud PENNA, op. cit., p. 135.

⁵¹ MULLER, 1826 apud Ibid., p. 135.

Segundo Gomes, Gauer e Souza⁵², havia o entrave da remota influência do legado cartesiano: “na ontologia, o dualismo entre mente imaterial e corpo material; na lógica, a orientação para uma explicação mecânica do mundo material; na epistemologia, o uso da matemática e da medição”. Mensurar os fenômenos mentais era uma operação impossível do ponto de vista cartesiano da alma. O corpo, fazendo parte da categoria de coisas extensas, por ter dimensões espaciais, pode ser divisível e quantificado em termos de tamanho, figura e movimento. A mente, por sua vez, sendo imaterial, não pode ser divisível nem quantificável. Ao fazer a medição de fenômenos mentais, os pesquisadores suplantaram a tese cartesiana da imaterialidade e unicidade da alma.

Kant havia considerado e refutado a possibilidade da aplicação matemática aos fenômenos mentais; uma vez que não se localizam no espaço, sendo unidimensionais (somente se localizam no tempo), tais fenômenos não podiam ser medidos. Kant indicou diversos obstáculos para uma formulação de uma psicologia científica nos moldes da física. Para que a alma pudesse ser estudada em laboratório, era necessária outra concepção ontológica da vida mental, a definição de uma *psique* que fosse compatível com a lógica causal e passível de quantificação. Em resposta ao veto de Kant, Herbart⁵³ postulou que, como fenômenos que acontecem no tempo, são passíveis de formulações matemáticas.

Em síntese, o modo como o objeto de estudos da psicologia era considerado resultava em dificuldades para a transposição do método das ciências naturais para a psicologia. Descartes havia impulsionado a física postulando uma filosofia mecânica, mas o seu legado da imaterialidade da alma era incompatível com a lógica mecânica.

Naquele período, surgiram vários sistemas e formulações que pretendiam fundamentar essa posição científica para a psicologia. Entre essas formulações estão as de estudiosos alemães da física e da fisiologia, embasados na concepção do paralelismo harmônico entre corpo e mente formulada por Leibniz e Wolf. Weber, Fechner e Helmholtz deram início à Psicofísica. Os preceitos da física, estendidos à psicologia, levavam a uma visão da mente como uma máquina e, como tal, poderia ser estudada pelo método experimental.

⁵² GOMES, W. B., GAUER, G., SOUZA, M. L. **História da psicologia**. Manuscrito em preparação. 2007, p. 3. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/cogvila/dischistoria/gauer2.pdf>>. Acesso em 17 Out. 2011.

⁵³ Para Johann Friedrich Herbart, a psicologia somente poderia usar o cálculo, mas não a experimentação. Fechner foi quem aliou o método matemático de Herbart com a experimentação como proposta por Weber. Cf. BORING, Edwin G. **A History of experimental psychology**. London/New York: D. Appleton – Century Company, 1931, p. 261.

2.2 OS PRINCIPAIS INTERLOCUTORES DE BRENTANO

Para Porta⁵⁴, além da importância do contexto histórico em que está inserido o texto, que faz com que os elementos nele apresentados não sejam suficientes para entendê-lo, há que se identificar os seus interlocutores, ou seja, da amplitude do contexto histórico, especificar o desenvolvimento das ideias dos pensadores que se ocupavam da mesma disciplina. “Os filósofos escrevem textos; estes, porém não são escritos para historiadores, professores ou estudantes, mas para outros filósofos que são os seus contemporâneos”⁵⁵. Para o que aqui é proposto, os contemporâneos relevantes de Brentano são Fechner e Wundt.

2.2.1 Gustav Fechner

A física e a biologia, valendo-se do método experimental, haviam sido consolidadas e a psicologia deveria aprender novos métodos para corresponder ao espírito positivista da época que privilegiava a pesquisa sobre fatos observáveis.

Alberttazzi⁵⁶ assinala que os problemas base da psicologia científica, antes mesmo de pensar em uma aplicação da matemática aos fatos psíquicos, eram:

- a) demonstrar que os fatos psíquicos são de *grandeza mensurável*;
- b) demonstrar se são *extensivos* (mensuráveis no espaço) ou *intensivos* (mensuráveis enquanto intensidade).

Autores como Herbart, Lotze e Helmholtz afrontam o problema da aplicabilidade da matemática à mensuração dos fenômenos psíquicos, argumento que, como já mencionado, fora considerado e refutado anteriormente por Kant. Outro autor que se insere neste grupo é Gustav Fechner.

Fechner é o herdeiro das pesquisas do anatomista e fisiologista Ernest Weber acerca da relatividade perceptual. Weber buscava verificar qual a menor diferença possível de ser percebida entre dois estímulos e formulou a chamada equação sensorial⁵⁷, explicando matematicamente a relação entre a intensidade de um estímulo (dado objetivo) e a sensação por ele acarretada (dado subjetivo).

Foi Fechner quem concebeu o termo “psicofísica”, uma prática de pesquisa psicológica que nasceu influenciada pelos avanços da neurofisiologia e espelhada no modelo

⁵⁴ Cf. PORTA, op. cit., p. 77.

⁵⁵ PORTA, op. cit., p. 77.

⁵⁶ Cf. ALBERTAZZI, Liliana. **Introduzione a Brentano**. Roma-Bari: Editori Laterza, 1999, p. 38.

⁵⁷ $C = dR / R$. C: constante perceptiva. R: magnitude de alguma medida. dR: a diferença de magnitude.

experimental da física. Segunda Penna, Fechner definia a Psicofísica como “a ciência exata das relações funcionais ou de dependência entre o corpo e a alma e, em geral, entre o mundo corporal e o espiritual, entre o mundo físico e o psíquico”⁵⁸. Propunha-se demonstrar que há uma relação matemática entre o psíquico e o físico, sendo, portanto, possível fazer medições de eventos e quantidades mentais.

A psicofísica era a ciência da correlação entre corpo e mente: os estados mentais e materiais eram vistos como eventos perfeitamente correlacionados, o que permite que, da observação do estado de um, se possa inferir o outro. Na prática, os psicofísicos tentavam explicar a relação funcional entre a medida objetiva do estímulo e a medida da sensação subjetiva percebida pela mente; os psicofísicos desejavam medir grandezas psíquicas.

Fechner acreditava que a dificuldade em conceber medidas na psicologia era devido à prévia preocupação em definir a natureza tanto da matéria como do espírito. Para Penna, Fechner – com inspiração kantiana – não revela nenhuma preocupação com o *noumenon*, com a coisa-em-si, estando preocupado exclusivamente com o processo dos fenômenos: “nós estudamos o ser físico como o estudam a física e a química e estudamos o ser psíquico como o faz a psicologia experimental, sem buscar por baixo dos fenômenos a essência da alma ou do corpo, como o faz a metafísica”⁵⁹.

Também não se registram em Fechner preocupações com o problema do modo como os fenômenos psíquicos influenciam os fenômenos físicos e vice-versa. Isso se deve ao fato de um dos princípios básicos da psicofísica de Fechner ser a aceitação da doutrina que não existem dois gêneros de fenômenos; fenômenos físicos e psíquicos são aspectos de uma única realidade parecendo-nos diversos quando os observamos de ângulos diferentes, ângulo interno ou externo.

Em 1860, Fechner publica *Elementos de Psicofísica*. Nessa obra, ele descreve como havia aprimorado o experimento de Weber ao desenvolver o conceito de “diferenças apenas perceptíveis”, demonstrando que, enquanto um estímulo aumenta a uma progressão geométrica, as sensações por ele provocadas aumentam em progressão aritmética.

Para medir o alcance e a extensão dos fenômenos conscientes, Fechner usou três métodos psicofísicos⁶⁰:

a) o método de identificação das diferenças apenas perceptíveis, no qual se varia gradualmente um estímulo até que o observador possa descobrir uma alteração na sensação;

⁵⁸ PENNA, op. cit., p. 135.

⁵⁹ FECHNER, 1860 apud Ibid., pp. 135-136.

⁶⁰ Cf. BRENNAN, op. cit., p. 145.

- b) o método dos acertos e erros, onde se mede o percentual de juízos corretos emitidos pelo observador sobre alguma diferença pequena entre dois estímulos;
- c) o método do erro médio, segundo o qual o mesmo observador modifica um estímulo até fazê-lo semelhante a outro.

Para Fechner, o objeto da psicologia era definido pelo conteúdo daquilo que é percebido pela consciência. Ele foi revolucionário quando defendeu a necessidade de a psicologia ter recursos próprios de laboratório, aparelhagem e métodos. Ocasionalmente, já haviam sido feitos experimentos, mensurações e propostas psicofísicas, mas Fechner os sistematizou. Foi revolucionário também ao dar uma dimensão nova à psicologia. De uma disciplina que até então havia sido essencialmente filosófica, a psicologia tornou-se também quantitativa e experimental.

Fechner lançou a base para o que viria a ser uma psicologia baseada na experimentação. Wundt sistematizou os conhecimentos da fisiologia e da psicofísica integrando-os ao conhecimento psicológico⁶¹.

2.2.2. Wilhelm Wundt

Wilhelm Wundt exerceu uma influência considerável na constituição da psicologia experimental fundando, em 1879, em Lipsia, o primeiro laboratório Para este fim. Em tal laboratório, símbolo da fundação da psicologia como ciência autônoma, eram utilizados métodos da ciência natural para investigar fenômenos puramente mentais.

De formação médica e criado profissionalmente nos laboratórios de fisiologia, Wundt estava particularmente interessado pelo problema da “equação pessoal”, elaborado pelo astrônomo alemão Friedrich Bessel. Estudando os erros constantes de medição entre os astrônomos, Bessel concluiu que, em todas as ciências que dependem dos métodos de observação, deve-se considerar a natureza humana do observador, uma vez que as características e as percepções pessoais influenciam as observações. Bessel acreditava que cada indivíduo tinha sua própria classe de erros. A partir dessa problemática, Wundt iniciou estudos acerca da percepção sensorial, particularmente da visão.

Wundt desejava fundar uma nova ciência, autônoma e independente de teorias metafísicas. Naquela época, havia uma concepção de psicologia pautada no antigo conceito de

⁶¹ Sobre as contribuições de Fechner, conferir Fechner, G. (1966). **Elements of psychophysics** (D. H. Howes & E. G. Boring, Edit.s; H. Adler, Trad.). New York: Holt, Rinehart and Winston. (Originalmente publicado em 1860).

Aristóteles que considerava a mente uma substância ou entidade⁶². Wundt, influenciado por Kant, considerava essa posição equivocada, uma vez que extrapolava toda possibilidade de experiência⁶³. Seu interesse era fundar uma psicologia eminentemente epistêmica, recuando das concepções metafísicas acerca do objeto de estudo e direcionando-se a uma concepção que se ativesse à experiência psicológica. Assim, o objeto de estudo da psicologia fisiológica⁶⁴ definido por Wundt eram os processos psíquicos revelados na experiência.

Mas o que Wundt entendia por experiência? O objeto da psicologia de Wundt era a experiência imediata que ele definia como uma conexão de processos, de “fatos gerias que acontecem em nós e de suas relações recíprocas”⁶⁵. Wundt, baseado no molde do empirismo e do positivismo, definia a experiência como um todo organizado que abrange o mundo interno e externo. Esse todo organizado e coerente definido como experiência pode ser elaborado cientificamente a partir de dois pontos de vista distintos: um objetivo e outro subjetivo. Quando a experiência é analisada pelo seu conteúdo puramente objetivo, o sujeito da experiência é abstraído e enfatizam-se os objetos ou mundo externo. A esta experiência é dada a nomenclatura de experiência mediada, uma vez que o acesso aos objetos da natureza é sempre mediado pelas características do sujeito da experiência. De outra parte, denomina-se experiência imediata quando se investigam os aspectos subjetivos da experiência e as relações com os seus conteúdos. Há, portanto, dois modos de fazer ciência empírica que, trabalhando de forma complementar, abrangem o conteúdo da experiência como um todo, a saber: a ciência natural que se ocupa da experiência mediata e a psicologia que se ocupa da experiência direta e imediata.

Segundo Araujo⁶⁶, há uma importante diferenciação entre experiência mediata e imediata: enquanto a experiência mediata revela objetos estáveis, o mesmo não ocorre na experiência imediata, cujo conteúdo é um conjunto frequentemente complexo de processos.

Em síntese, a psicologia de Wundt era a ciência da experiência consciente direta e imediata. Essa definição distinguia claramente a psicologia das demais ciências naturais que se referiam a conhecimentos da experiência indireta e mediada. Wundt reputava inadequada a definição de psicologia como ciência da experiência interna, uma vez que ela sugere que a psicologia se ocuparia de objetos diferentes daqueles da experiência externa. Para ele, as

⁶² Essa definição de psicologia e de seu objeto de estudo será discutida no Capítulo III deste texto.

⁶³ MUELLER, op. cit., p. 273.

⁶⁴ O termo ‘fisiológica’ referia-se ao método experimental utilizado na fisiologia e não ao sentido que hoje atribui-se ao termo, ou seja, relativo à fisiologia. Referia-se também ao estudo da atividade psíquica na normalidade e não na patologia.

⁶⁵ WUNDT, Wilhelm. **Compendio di psicologia**. Torino: Clausen, 1900, p. 12.

⁶⁶ Cf. ARAUJO, op. cit., pp. 211-213.

expressões ‘experiência interna’ e ‘experiência externa’ não se referem a diferentes objetos, mas, sim, a diferentes pontos de vista.

Se ciência natural e psicologia eram distintas não pela natureza do que é estudado, mas, sim, do ponto de vista a partir do qual o que se estuda é considerado, ambas deveriam ter os mesmos métodos. Wundt, portanto, adaptou os métodos das ciências naturais à experiência subjetiva: o experimento e a observação.

Em que modo ocorreu essa adaptação? Se o objeto de estudo da psicologia é a experiência subjetiva, o método da observação se transforma em auto-observação.

Para Goodwin⁶⁷, Wundt faz uma distinção nem sempre considerada entre a auto-observação de caráter filosófico e auto-observação de caráter experimental. A auto-observação como tentativa filosófica tradicional de analisar as experiências da vida por meio da introspecção reflexiva, era rejeitada por Wundt por ser considerada especulação filosófica. Ele considerava a observação pura da própria experiência subjetiva uma ilusão porque carecia de sistematização e era demasiadamente baseada na memória que, por sua vez, é sujeita a falhas. A auto-observação experimental considerava por Wundt consistia na mesma análise de experiências, mas constituía um processo muito mais estreito de reação imediata a estímulos controlados com precisão. Com o passar dos anos, ambos os termos foram sendo chamados de introspecção⁶⁸.

Assim, a exemplo da física, que usou a introspecção para estudar a luz e o som, e da fisiologia, que usou a introspecção para obter informações sobre os órgãos dos sentidos, Wundt estabeleceu que o método da observação deveria utilizar-se da introspecção (auto-observação com controle experimental), uma vez que somente o indivíduo que viveu determinada experiência, como por exemplo o estímulo de dois objetos de pesos diferentes, é capaz de observá-la. A introspecção é, então, o autoexame do estado mental. Em outras palavras, a introspecção é a observação e descrição pelo indivíduo de suas experiências conscientes. Wundt introduziu no método da auto-observação a aplicação do controle experimental sobre as condições de execução da introspecção. Usando a introspecção com controle experimental, o processo que se pretendia estudar era mantido próximo de um estímulo controlado a partir do qual os sujeitos davam respostas quantificáveis. Wundt se dedicou particularmente a “cronometria mental”, estudo dos tempos de reação em laboratório

⁶⁷ Cf. GOODWIN, C. James, **História da psicologia moderna**. São Paulo: Cultrix, 2005, p. 122.

⁶⁸ Em outras obras, é possível encontrar diferentes formas de diferenciar esses mesmos processos. Pewzner & Braunstein, por exemplo, denominam “percepção interna” como uma introspecção pré-científica não controlada distinta de uma auto-observação experimental verificável e direta. Cf. PEWZNER & BRAUNSTEIN, op. cit., pp. 114-115.

realizando experimentos de complicação da reação, como, por exemplo, fazendo o sujeito reagir a uma determinada cor com uma das mãos e a outra cor com a mão oposta.

Wundt não acreditava, no entanto, que os métodos de laboratório (a experimentação científica) fossem aplicáveis para abordar processos mentais superiores, como a aprendizagem e a memória⁶⁹, uma vez que estes eram condicionados pela língua e pela cultura. Para o estudo de tais processos superiores do pensamento, Wundt acreditava no emprego de meios não experimentais a exemplo daqueles utilizados na sociologia e na antropologia como comparação entre culturas, análises históricas e estudos de casos⁷⁰. Entre 1900 e 1920, Wundt publicou os dez volumes de *Psicologia dos Povos (Völkerpsychologie)*, obra em que abordou as etapas e o papel das forças sociais no desenvolvimento dos processos cognitivos manifestados pela linguagem, nas artes, nos mitos, nos costumes, nas leis e na moral, temas que o ocuparam nos últimos vinte anos de sua carreira.

Segundo Goodwin⁷¹, a psicologia wundtiana possuía dois programas principais. O primeiro, caracterizado por métodos experimentais de laboratório, propunha-se ao exame da experiência consciente “imediate”. O segundo era um programa voltado ao estudo dos processos mentais superiores por meio de métodos não laboratoriais.

Para explicar a relação entre elementos psíquicos e somáticos da sensação e do sentimento, considerados como contêdores de propriedades tanto somáticas quanto fisiológicas, Wundt propôs a teoria do paralelismo psicofísico, na qual todo evento mental tem um processo físico correspondente. O inverso disso, no entanto, não é exigido. Por exemplo, na visão há um elemento corpóreo e um elemento consciente, sendo ambas simples atividades paralelas. Há, portanto, correspondência entre processos mentais e físicos, não sendo possível reduzir o mental ao físico e vice-versa.

Outro aspecto importante observado por Wundt é que existem conteúdos da nossa experiência que podem ser conhecidos somente a partir de um ponto de vista. Os estados cerebrais, por exemplo, somente podem ser conhecidos do ponto de vista físico, enquanto os aspectos qualitativos da experiência religiosa, somente pelo ponto de vista psicológico. Assim, é-se obrigado a reconhecer a autonomia do conhecimento psicológico.

⁶⁹ Alguns anos após a afirmação de Wundt sobre a impossibilidade da aplicação de métodos experimentais aos processos superiores, Hermann Ebbinghaus realizou experimentos sobre a aprendizagem e a memória, ampliando o campo de aplicação da psicologia experimental. Cf. MUELLER, op. cit. p. 278.

⁷⁰ Cf. GOODWIN, op. cit., p. 122.

⁷¹ Ibid., p. 121.

Para Araujo⁷², o paralelismo psicofísico e o princípio da causalidade psíquica são os principais postulados que fornecem a fundamentação da autonomia epistemológica da psicologia em relação às demais ciências.

Em síntese, a tarefa da psicologia para Wundt⁷³ era a descoberta das leis que regulam as combinações e relações entre os elementos sensoriais irreduzíveis que formam a experiência subjetiva. A chave para tal investigação é a experiência imediata possível de ser aferrada por meio da introspecção⁷⁴.

2.3 OS PROBLEMAS A QUE SE PROPÕE BRENTANO

Quando Brentano publicou a singular *PsE*, singular porque responde às exigências da filosofia alemã contemporânea de forma autônoma e original⁷⁵, a psicofísica de Fechner já tinha quatorze anos e Wundt já havia estabelecido os fundamentos da sua obra. Brentano apresenta uma visão da psicologia em outra perspectiva: valorizava a cientificidade da psicologia, mas se opunha ao método experimental em sentido estrito e a uma abordagem muito dependente de conteúdos fisiológicos e físicos. A particularidade em Brentano é que ele não pretende reconduzir os fenômenos psíquicos a fenômenos físicos, químicos ou fisiológicos e não apoia o uso da introspecção como método útil à psicologia, como havia sido postulado por Wundt. Isso significa que, o projeto psicológico de Brentano não se homologa aos de seus contemporâneos.

Brentano propunha uma abordagem empírica fundada sobre a descrição dos dados psíquicos. A psicologia wundtiana era nomotética e experimental, objetivando o estudo de leis gerais; aquela brentaniana era descritiva e fenomenológica⁷⁶.

PsE é uma obra que reflete o horizonte histórico em que vem concebida: a consideração definitiva da impossibilidade de uma psicologia filosófica de caráter racionalista. Em *PsE*, Brentano se propõe fundar a psicologia em um duplo sentido, em sua autonomia frente às outras disciplinas e em seu caráter de ciência propriamente dita.

⁷² Cf. ARAUJO, op. cit., pp. 216-217.

⁷³ Sobre as contribuições de Wundt, conferir ARAUJO, S. F. **A fundamentação filosófica do projeto de uma psicologia científica em Wilhelm Wundt**. Campinas, 2007. Tese (Doutorado em Psicologia). Departamento de Psicologia, Universidade de Campinas.

⁷⁴ Cf. ROSAS, Paulo da Silveira. **O dilema da Psicologia Contemporânea**. Psicol. cienc. prof., Brasília, v. 30, n. spe, Dec. 2010, p. 47. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000500003&lng=en&nrm=iso>. access on 08 May 2012. <<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932010000500003>>.

⁷⁵ Cf. ANTONELLI, op. cit., 1996, p. 324.

⁷⁶ Cf. SORO, Giorgio. **Il soggetto senza origini**. La soggettività empirica nella fondazione wundtiana della psicologia sperimentale. 5 ed. Milão: Raffaello Cortina, 1992, p. 252.

Há uma preocupação constante em Brentano: delimitar os âmbitos de estudo das diversas ciências da época, mais especificamente delimitar o campo da psicofísica e da filosofia e encontrar entre estas o espaço da psicologia. De um lado, “a inegável dependência dos processos psíquicos daqueles fisiológicos conduziram repetidamente à ideia de uma fundação direta da psicologia sobre a fisiologia”⁷⁷. De outro, a filosofia especulativa, particularmente aquela de Hegel, havia se proposto como “um atalho para o cumprimento de todas as ciências”⁷⁸.

Em segundo lugar, Brentano pretende tornar a psicologia uma ciência segundo as orientações empiristas e positivistas que dominavam a reflexão filosófica e psicológica alemã da época. Como lembra Porta⁷⁹, a primeira edição de *PsE* é uma resposta à crítica comtiana acerca da cientificidade da psicologia introspeccionista, mas mantendo válido o conceito positivista de ciência.

As tarefas de Brentano na fundamentação de uma psicologia científica podem ser sintetizadas nos seguintes pontos:

- a) determinar de maneira rigorosa qual é o domínio psicológico;
- b) assinalar a possibilidade de uma investigação sistemática desse domínio;
- c) evidenciar a autonomia dessa investigação.

Porém, todas essas definições dependem da possibilidade ou não de acesso a esse mundo interno, ou seja, se a percepção interna pode ser um método científico universalmente aceito. Assim, para proclamar a identidade da psicologia como uma área formal de estudo, Brentano afronta o problema da definição de psicologia, do que são os fenômenos psíquicos e as leis que regulam as suas relações, se poderiam ser individuáveis os elementos psíquicos últimos, se poderiam ser classificados, qual seria o método a ser adotado para sua indagação e suas características.

⁷⁷ BRENTANO, op. cit., p. 112.

⁷⁸ BRENTANO, op. cit., p. 63.

⁷⁹ Cf. PORTA, Mario Ariel González. **Brentano y Natorp ("Intentionalität" y "Bewusstheit")**. *Philosophica*, ISSN 0716-1913, Nº. 30, 2006, p. 105n. ol. 30 [Semestre II / 2006] Valparaíso (103 - 126). Disponível em <<http://www.philosophica.ucv.cl/Phil%2030%20-%20art%2008.pdf>>. Acesso em: 18 Jun. 2011.

3 A CIÊNCIA PSICOLÓGICA DE BRENTANO

“Nenhum ramo do saber deu frutos mais insignificantes à natureza e à vida, no entanto, não há nenhum outro cujas necessidades mais essenciais aguardem por satisfação”⁸⁰, diz Brentano já no início do capítulo em que descreve a Psicologia como ciência e a sua tarefa. Dessa afirmação se pode depreender a importância dada por Brentano a esse âmbito do saber. Havia uma grande ambiguidade quanto à Psicologia nos tempos da publicação de *PsE*: de um lado, considerada um campo fundamental do saber e com uma antiga tradição filosófica; de outro, criticada pelas ciências positivistas devido à ausência de unanimidade quanto ao seu objeto e seu método e à ausência de resultados confiáveis. Todo o parágrafo é uma afirmação da importância da Psicologia no quadro das ciências gerais. Como via Brentano, a Psicologia era a ciência que coroava todas as outras, tendo como dever a renovação da vida da humanidade, acelerando o progresso e tornando-o mais seguro.

Mas como Brentano definiu a ciência psicológica? No primeiro capítulo de *PsE*, Brentano busca determinar qual seria a definição e a tarefa de uma ciência psicológica revelando em seu texto toda a problemática exigida para a constituição de uma ciência psicológica autônoma: delimitar provisoriamente o objeto e o método de tal investigação e sua relação com as demais áreas do conhecimento.

3.1 CONCEITUAÇÃO E TAREFA DA CIÊNCIA PSICOLÓGICA

O panorama cultural europeu do século XIX é caracterizado pela passagem de uma psicologia como ciência aristotélica, entendida como ciência da alma e de suas faculdades, a uma psicologia como ciência galileana⁸¹ que, rompendo com a tradicional psicologia filosófica, assume o paradigma metodológico das ciências naturais para a estruturação de uma psicologia experimental e empírica⁸².

Assim, no século XIX havia duas definições de psicologia. Na definição clássica, que provinha de Aristóteles, a psicologia era a ciência da psique. A definição mais recente – ou as mais recentes, uma vez que não havia unanimidade sobre o conceito – era defendida por

⁸⁰ BRENTANO, op. cit., p. 67.

⁸¹ Outra forma de definir esse período é dada por Albertazzi que assinala a coexistência de uma psicologia do racional de tipo herbartiano a uma psicologia experimental de tipo wundtiano. Cf. ALBERTAZZI, Liliana. Franz Brentano: un filosofo mitteleuropeo. In: BRENTANO, ibid., p. IX.

⁸² Cf. ANTONELLI, op. cit., 1998, p. 3.

autores como Lange e Mill que sustentavam uma psicologia como ciência dos fenômenos psíquicos.

Aristóteles foi quem por primeiro realizou uma classificação das ciências a partir de seus objetos de estudo. Em *Peri Psyches*, obra em torno da qual gravitou toda a psicologia desde o período helenístico até o Renascimento, Aristóteles definiu a Psicologia como a ciência cujo objeto de estudo é a psique, entendida como entidade substancial. A psicologia seria a ciência que se ocupa da realidade efetiva primeira de um ser vivente, estudando as propriedades mais gerais de suas atividades vegetativas, sensitivas e intelectivas. Segundo Brentano⁸³, gradativamente, dado que não há atividade consciente no reino vegetal e tanto este quanto o reino animal são objetos da percepção externa, estes âmbitos são excluídos da pesquisa psicológica. Também são excluídas as manifestações conexas com o sistema nervoso e muscular, cabendo ao fisiologista a sua investigação. Apesar de limitar e restringir a psicologia, Brentano não considera essa exclusão arbitrária, uma vez que resulta útil à ciência reunir o que é afim e separar o que é não o é. Unindo as manifestações da consciência que são de fato afins uma vez que são dadas pela mesma modalidade perceptiva, começa-se a delimitação do campo da psicologia.

Mas a definição aristotélica de psicologia como ciência da alma apresentava problemas. Como afirma Antonelli,

O conceito de psique, sublinha Brentano, é um conceito metafísico e não pode, portanto, ter lugar entre as *premissas* de uma psicologia empírica, que programaticamente pretende ocupar-se de fenômenos e não de entidades absolutas e cujos resultados podem e devem ser aceitos pelos estudiosos das mais diversas ‘escolas’⁸⁴.

Como mencionado anteriormente, o conceito de psique⁸⁵ não era adequado ao desejado alinhamento com as ciências da natureza. A psique deveria deixar de ser um conceito metafísico e a psicologia deveria abandonar a pretensão de conhecer a “essência” de tal conceito.

É deste problema que parte Brentano: “Uma vez que se diz que a psicologia é a ciência da psique, entendendo com isso o portador essencial dos estados psíquicos, exprime-

⁸³ BRENTANO, op. cit., p. 68.

⁸⁴ ANTONELLI, op. cit., 1996, p. 35.

⁸⁵ Houve também diversas alterações no próprio conceito de psique. Uma revisão dessas alterações será realizada no Capítulo IV referente ao objeto da psicologia.

se a convicção de que as manifestações psíquicas devem vir consideradas como atributos de uma substância”⁸⁶. Aceitando as restrições à existência de tal substância, questiona Brentano,

O que autoriza a assumir similares substâncias? Diz-se que elas não são objetos de experiência uma vez que nem as sensações nem a percepção interna nos mostram uma substância. [...] Trata-se, portanto, de uma ficção, que não encontra nenhuma realidade efetiva, e a sua subsistência, uma vez que fosse possível, não seria de todo modo demonstrável⁸⁷.

Portanto, ainda que diante da possibilidade de uma substância, ou seja, de um ser ao qual pudessem ser atribuídas propriedades como pensar, sentir e querer, tal substância não seria objeto de ciência.

Oskar Kraus, em uma nota à edição de 1924 de *PsE*, recorda que Brentano, seguindo a doutrina de Aristóteles, considera que a percepção interna nos mostra substâncias⁸⁸; porém, o repúdio aos conceitos metafísicos e a necessidade de conquistar um estatuto legal no mundo científico que identificasse seu âmbito específico principalmente em relação às suas vizinhas incômodas, a fisiologia e a filosofia, geram a necessidade de uma reformulação no clássico conceito de psicologia como ciência da psique.

Uma ciência psicológica, então, não seria possível?

A discussão acerca da existência ou não de uma psique como substância não elimina a possibilidade de uma indagação das manifestações que nos são oferecidas pela percepção interna, as quais, por sua vez, estão submetidas a leis de coexistência e sucessão. “De fato, que exista ou não uma psique, os fenômenos psíquicos de todo modo existem”⁸⁹. Com isso, ainda resta um campo de pesquisa para uma ciência psicológica e esse campo possui diversas tarefas. O objeto de investigação não era mais a psique entendida como entidade metafísica, mas os estados psíquicos e a referência constante eram as ciências na natureza (*Naturwissenschaften*).

Segundo Brentano, Mill seria o mais representativo expoente da moderna ciência psicológica enquanto propunha que a sua tarefa geral seria a extração das leis em função das quais os fenômenos do espírito se produziram uns aos outros, ou seja, as leis de sucessão dos estados psíquicos.

Comte sustentava que os fenômenos espirituais devem a sua regularidade em absoluto aos estados fisiológicos, dos quais são produtos ou nos quais se acham envolvidos. Contra a

⁸⁶ BRENTANO, op. cit., p. 75.

⁸⁷ Ibid., p. 75.

⁸⁸ Este tema será retomado no próximo capítulo quando será abordado o objeto da psicologia de Brentano.

⁸⁹ BRENTANO, op. cit., p. 83.

posição de Comte, Stuart Mill defendia a existência de uma psicologia independente da fisiologia e sustentava a legitimidade da psicologia fundada no princípio da associação, ou seja, reduzir os fenômenos psíquicos a seus elementos mais simples e destas relações estabelecer leis correspondentes, sem jamais afastar-se da experiência fenomênica. Mill propunha que a tarefa geral da psicologia seria a extração das leis em função das quais os fenômenos do espírito se produziram uns aos outros, sem, no entanto, excluir que essas leis dependiam de condições orgânicas. Este autor reivindica para a psicologia o *status* de ciência independente, uma ciência de observação e de experimentação.

O francês Théodule Ribot, seguindo os passos de Mill, em 1870 propôs que a psicologia deveria instituir-se como ciência separada da metafísica tornando-se puramente experimental por meio de um estudo constante dos fatos. Aos filósofos caberia o estudo da alma, do espírito, da sua natureza e das relações com o corpo, enquanto aos psicólogos caberia a tarefa de compreender os mecanismos que governam os comportamentos observáveis, os funcionamentos afetivos e intelectuais, na medida em que são produzidos pela consciência. Recusando a introspecção, deveriam basear as suas teorias sobre as observações e as experiências que se inspiravam nos métodos das ciências naturais. Entusiasticamente, Ribot afirmava: “A nova psicologia difere da antiga pelo espírito: ele não é metafísico; pela finalidade: só estuda fenômenos; pelos processos: ela os toma de empréstimo, tanto quanto possível, às ciências biológicas”⁹⁰.

Era aguardada uma psicologia não metafísica, voltada aos fenômenos e cujo método se assemelhava às ciências naturais. As primeiras tentativas de construção de tal ciência não foram realizadas sem problemas e contradições, como apontado por Federico Alberto Lange na obra *A história do materialismo: crítica de seu presente significado*, publicada em 1866. Adotando o ponto de vista kantiano segundo o qual somente os fenômenos podem ser conhecidos, Lange fez severas críticas à psicologia do seu tempo, assinalando as incoerências e os abusos nas tentativas de estabelecer uma psicologia como ciência da natureza. A crítica de Lange se destinava principalmente à utilização dos métodos matemáticos em filosofia por Herbart⁹¹, apesar de atribuir a ele um importante papel na cadeia de transição a uma psicologia da natureza. Além disso, Lange considerava ingênua a utilização do chamado “sentido interno”, do “estudo de si mesmo” e questionava até que ponto o método das ciências naturais era possível de ser aplicado à psicologia.

⁹⁰ RIBOT, 1898, p. VIII, apud MUELLER, op. cit., p. 274.

⁹¹ Também são criticadas as abordagens de Fortlage, Lotze, Bain e Mill.

[...] tudo o que inicia com frases positivas acerca da alma e fala, por exemplo, de sua simplicidade, de sua falta de extensão etc., ou qualquer um que acredite poder cuidadosamente circunscrever *a priori* o domínio da psicologia antes de começar a construí-la, pode estar seguro de que não tratará seu argumento de um modo conforme a ciência da natureza⁹².

Lange apontava, sobretudo, a influência metafísica ainda presente, por exemplo, na ideia da existência de uma psique e questionava a necessidade de se utilizar tal conceito:

[...] o que fazer com uma hipótese sobre a essência da alma ou simplesmente com uma hipótese sobre a existência da alma, quando, todavia, sabemos tão pouca coisa acerca dos fenômenos isolados, aos quais deve atender primeiro toda investigação exata? No reduzido número dos fenômenos acessíveis até aqui a uma observação exata não há o menor motivo para admitir em geral uma alma, qualquer que seja o sentido mais ou menos preciso que se dê a essa palavra, e a razão secreta dessa hipótese não se encontra além da tradição ou do desejo silencioso que experimenta o coração de resistir ao pernicioso materialismo⁹³.

Mas, se de um lado Lange afirma que o materialismo, para o conhecimento fenomênico – que é tudo o que o homem pode buscar –, com seus precisos métodos científicos forneceu um serviço útil, por outro lado demonstra a necessidade de rejeitar e superar um materialismo grosseiro que pretende derivar o conhecimento da matéria.

Lange não se dedicou a formular uma psicologia, mas apresentou indicações de como essa ciência deveria ser e cunhou a paradoxal expressão “psicologia sem psique”:

Porém, a palavra psicologia não significa teoria da alma? Como, então, imaginar uma ciência da qual não se pode dizer se tem ou não um objeto? [...] temos um nome tradicional para um grupo de fenômenos considerável, porém vagamente limitados, este nome provém de uma época em que não se conheciam ainda as exigências atuais de uma ciência rigorosa; devemos rechaçá-lo porque o objeto da ciência mudou? Este seria um pedantismo pouco prático. Admitamos, então, atrevidamente uma psicologia sem alma [...]⁹⁴.

Lange propunha continuar utilizando o tradicional termo “psicologia” para o estudo, com os rigores das ciências atuais, de uma classe de fenômenos que ainda não estava completamente bem delimitada, tarefa a que se propõe Brentano em *PsE*.

Em síntese, Lange apresentava dois tipos de questionamentos: a) de um lado, criticava nas psicologias de seu tempo a persistência de conceitos metafísicos e, b) de outro, na

⁹² LANGE, Federico Alberto. **Historia del Materialismo**. Tradução de Vicente Colorado. Madrid: Editor Daniel Jorro, 1903, p. 401.

⁹³ *Ibid.*, p. 406.

⁹⁴ *Ibid.*, p. 407.

tentativa de adequar-se ao novo paradigma de ciência positivista, criticava as incongruentes aplicações dos métodos das ciências da natureza aos fenômenos psíquicos.

A redução do âmbito da psicologia tinha, de um lado, o espírito positivista do tempo que excluía o estudo da psique enquanto substância e, de outro, o avanço da fisiologia que excluía do campo da psicologia a investigação do sistema nervoso e dos músculos.

Portanto, a segunda definição de psicologia existente na época de Brentano, influenciada por Stuart Mill e Lange, ainda que cada qual com suas particularidades, apresentava a psicologia como a ciência dos fenômenos psíquicos. “Brentano sacrifica o conceito tradicional (e aristotélico) segundo o qual a psicologia é ciência da alma e faz seu o convite de F.A. Lange a uma ‘psicologia sem alma’”⁹⁵.

Brentano, então, adotou a definição de psicologia como ciência dos fenômenos psíquicos. Considerava que ela seria mais vantajosa para a psicologia enquanto eliminava o caráter metafísico contido na primeira definição anteriormente apresentada. Havia uma discordância entre os psicólogos quanto a esse elemento metafísico, mas era de consenso que a psicologia fosse a ciência dos fenômenos psíquicos, definição mais neutra que a colocaria no mesmo nível das ciências naturais. Se ciência natural não era ciência dos corpos, mas dos fenômenos físicos, psicologia não era ciência da alma, mas ciência dos fenômenos psíquicos⁹⁶.

Para Antonelli, Brentano aceita a definição de psicologia como ciência dos fenômenos psíquicos não porque compartilhava dos intentos antimetafísicos, mas porque ela consentia preparar o terreno para uma ciência psicológica unificada, uma vez que apresentava um número limitado de pressupostos⁹⁷. Era uma escolha de caráter metodológico, não uma renúncia às implicações metafísicas da indagação psicológica, o que remete à nota de Kraus anteriormente citada.

Diferentemente pensa Albertazzi, para quem Brentano assume uma posição intermediária sobre o que seria a ciência psicológica, se ciência da alma ou dos fenômenos psíquicos. Salvando aspectos tanto da psicologia de Aristóteles e Leibniz quanto de Locke e Spencer, Brentano considera que a psicologia tem valor tanto empírico quanto teórico uma vez que apresenta áreas de confins seja com a psicofísica, seja com a metafísica⁹⁸.

⁹⁵ ANTONELLI, op. cit., 1996, p. 34.

⁹⁶ Esta posição será abandonada quando, ao final dos anos 80, com a definitiva distinção entre psicologia genética e psicologia descritiva, a “ciência dos fenômenos psíquicos” volta a definir-se como “ciência da alma”, reassumindo fortes conotações ontológicas e metafísicas. Não há mais o filtro da tradição empirista e positivista e Aristóteles é interpretado à luz da tradição racionalista. Cf. ANTONELLI, op. cit., 1998, p. 85/86.

⁹⁷ Cf. Ibid., pp. 22-23.

⁹⁸ Cf. ALBERTAZZI, Liliana. Franz Brentano: un filosofo mitteleuropeo. In: BRENTANO, op. cit., p. 41.

De fato, Brentano considera que a nova definição de psicologia, ciência dos fenômenos psíquicos, não é contraditória com a noção mais antiga, ciência da psique, uma vez que essa segunda definição comportaria o contido naquela primeira. Para Brentano, “a clarificação mais recente do termo psicologia nada contém que não possa ser aceito por aqueles que apoiam a escola precedente”⁹⁹. A diferença que permaneceria é quanto aos pressupostos metafísicos da existência de uma substância¹⁰⁰ que obrigaria a noção mais antiga a uma indagação geral preliminar. Também aqui cabe sublinhar uma importante nota de Kraus presente na edição de 1924 de *PsE*, na qual o curador alemão esclarece que, por substância, ou portador substancial das atividades psíquicas, Brentano entendia o sujeito da representação; “é isso que unicamente merece o nome de substância”¹⁰¹.

Diferente de Lange, Brentano não nega a existência de uma alma cujos fenômenos deveriam ser estudados pela psicologia, mas acredita que não seja necessária a pressuposição desse conceito para fundamentar uma investigação psicológica. Ao contrário, poderia ser uma vantagem enquanto, diz Brentano,

[...] a assunção da concepção mais recente [ciência dos fenômenos psíquicos] leva a simplificação do trabalho e, ao mesmo tempo, provoca outra vantagem: a completa eliminação de uma questão supérflua comporta uma simplificação e uma consolidação, uma vez que mostra que os resultados de uma pesquisa dependem de um menor número de precondições, e se torna, assim, maiormente convincente¹⁰².

Mas se havia dois conceitos de psicologia, uma proveniente da filosofia racional e metafísica e outra coagida a uma redefinição e com influências empiristas e positivistas, havia dois estilos para a nova psicologia: a psicologia empírico-experimental da forma que entendia Wundt e a psicologia empírica da forma como entendia Brentano.

Porém, o que Brentano entendia por empírico e em que sentido adjetivava sua ciência psicológica como empírica? É longo o debate entre os filósofos da ciência acerca do significado de “empírico” cuja acepção mais simples refere-se a “experiência sensorial”.

Albertazzi esclarece que, em Brentano, o adjetivo empírico “não indica uma análise da experiência no sentido do empirismo inglês, mas assume a ideia aristotélica de uma

⁹⁹ BRENTANO, op. cit., p. 83.

¹⁰⁰ Este tema será aprofundado no próximo capítulo.

¹⁰¹ KRAUS, 1924, apud BRENTANO, op. cit., p. 83n.

¹⁰² Ibid., p. 83.

experiência pura e da sua análise”¹⁰³, ou seja, não são os sentidos que estão em questão, mas a própria atividade psíquica.

Brentano pretende exaurir os vários âmbitos fundamentais da psicologia, partindo da experiência, mas compartilhando “com outros que a convicção de tal impostação não seja incompatível com certo grau de intuição ideal”¹⁰⁴. Significa que Brentano relaciona intimamente o lado da descrição empírica a uma determinação categorial dos dados. Como observa Mecacci, Brentano mantinha certa argumentação conceitual, um prazer pela reflexão filosófica, de forma que sua *ciência da psique*, embora empírica enquanto ciência dos fenômenos psíquicos, apresenta traços refinadamente teóricos¹⁰⁵.

Na reflexão de Monticelli, para Brentano,

o processo verdadeiramente científico de investigação tem que ser um movimento complementar de obtenção de dados empíricos e expansão de consciência lógica; [...] sem a ingenuidade de se pensar que se trata de um processo temporal linear no qual se dão antes os dados e depois a arrumação lógico-categorial¹⁰⁶.

De acordo com Monticelli, a psicologia empírico-descritiva de Brentano e a sua doutrina das múltiplas categorias do ser devem ser tomadas como disciplinas correlatas para que sejam plenamente compreendidas, uma vez que, sem as reformas categoriais, não é possível uma descrição genuína dos fenômenos psíquicos e o objeto dado é apreendido segundo uma determinada estrutura categorial. Em outras palavras, quanto maior a clareza da estrutura, maior a possibilidade de manifestação fiel do dado; “quanto mais elaboração lógica, mais empiria radical”¹⁰⁷.

Em síntese, refutando uma psicologia puramente racional tanto quanto uma psicologia puramente experimental, Brentano considerava que a psicologia devia basear-se sobre dados empíricos entendidos como a experiência da própria atividade psíquica conjuntamente com a reflexão ideal.

Os tais dados empíricos, por sua vez, deveriam ser obtidos com outro método que não a observação. Quanto ao método, Albertazzi afirma que Brentano assume a mesma posição que Lange, ou seja, considera a psicologia ciência dos fenômenos psíquicos¹⁰⁸. Existem,

¹⁰³ ALBERTAZZI, Liliana. Franz Brentano: un filosofo mitteleuropeo. In: BRENTANO, op. cit., p. IX.

¹⁰⁴ Ibid., p. 61.

¹⁰⁵ Cf. MECACCI, op. cit., p. 3.

¹⁰⁶ MONTICELLI, op. cit., p. 62.

¹⁰⁷ Ibid., p. 62.

¹⁰⁸ Cf. ALBERTAZZI, Liliana. **Introduzione a Brentano**. Roma-Bari: Editori Laterza, 1999, p. 42

porém, especificidades principalmente no que se refere ao método em cada uma dessas ciências que partem do próprio conceito de seus respectivos objetos de estudo.

Para Antonelli, ambos os fenômenos, físicos e psíquicos, como sendo coisas que se manifestam ou aparecem, podem ser recolhidos sob o conceito geral de “fenômeno”; mas há diferenças ontológicas que devem ser consideradas. Os fenômenos físicos são essencialmente incompletos, sem uma justificativa em si mesmos. O que se manifesta não é autoconsistente, mas indício que se justifica apenas na hipótese de um mundo externo independente. Os fenômenos psíquicos são entidades ontologicamente completas, em que ser e aparecer se identificam sem reservas; são consistentes em si mesmos, incompletos somente na medida em que não ocorrem isoladamente, mas como partes de um momento mais complexo¹⁰⁹. O conceito geral de fenômenos e os conceitos de fenômeno físico e fenômeno psíquico, uma vez que são fundamentais na teoria brentiana, serão aprofundados no capítulo seguinte.

O que já se pode concluir é que essas distinções garantem que uma psicologia ainda que concebida como ciência do fenômeno mantenha sua especificidade em relação às ciências dos fenômenos físicos. “Enquanto os fenômenos psíquicos representam o objeto verdadeiro e próprio da indagação psicológica, os fenômenos físicos representam para a ciência senão a via de acesso a uma realidade física transcendente, nos confrontos da qual eles exercem uma função puramente simbólica”¹¹⁰. Brentano assume o paradigma positivista de uma ciência fenomênica exatamente por essa reserva conceitual que permite tomar com muita cautela a analogia entre ciência física e ciência psicológica. Afirma Brentano,

Se a nova definição conceitual da psicologia fosse inseparável da nova doutrina metafísica assim como a velha psicologia dependia da velha metafísica, deveríamos nos ver constrangidos aqui ou a endereçar a pesquisa em direção a uma terceira possibilidade, ou a nos calar nos temidos abissos da metafísica¹¹¹.

Sem retornar a conceitos metafísicos incompatíveis com a ideia de ciência positivista, o que Brentano pretendia era determinar à ciência psicológica um campo de indagação que não se restringia a uma esfera puramente sensória ou se subordinasse às ciências da natureza.

¹⁰⁹ Cf. ANTONELLI, op. cit., 1998, p. 24.

¹¹⁰ Ibid., p. 24.

¹¹¹ BRENTANO, op. cit., p. 83.

3.2 OS CONFINS DA PSICOLOGIA: METAFÍSICA, PSICOFÍSICA E FISIOLOGIA

Albertazzi sublinha que para Brentano ciência da psique e ciência natural “compartilham uma *zona de confim*¹¹², onde se manifestam alguns fenômenos cujas propriedades físicas e propriedades psíquicas são extremamente conexas”¹¹³, ou seja, há uma inter-relação entre estados físicos e psíquicos, de modo que um gera eventos consequenciais ao outro. No mesmo grupo de dados considerados, por exemplo, seja pelo psicólogo seja pelo fisiologista, “[...] encontramos propriedades psíquicas entrelaçadas a propriedades físicas. Não somente estados físicos surgem de estados físicos e estados psíquicos que se originam de estados psíquicos, mas também estados físicos tendo consequências psíquicas e estados psíquicos tendo consequências físicas”¹¹⁴.

Como, então, podem ser definidos os confins dessas duas disciplinas? Brentano identifica em Fechner e Wundt a tentativa de individuar uma ciência que se ocupasse exatamente dessa interação entre o físico e o psíquico, denominada psicofísica pelo primeiro, e psicologia fisiológica pelo segundo. Para Brentano, no entanto, a consideração de uma terceira ciência – psicofísica ou psicologia fisiológica – geraria novos contrastes. Qual seria o limite entre psicologia e psicofísica? E qual seria o limite entre psicofísica e fisiologia? Por fim, acabar-se-ia por ocupar-se duas vezes das mesmas questões, às vezes em psicologia e em psicofísica, e às vezes em psicofísica e fisiologia. Além disso, cabe assinalar que Brentano afirma a existência de apenas dois tipos de fenômenos rejeitando a possibilidade de um terceiro tipo como, por exemplo, fenômenos psicofísicos¹¹⁵.

Brentano considera inevitáveis as ingerências recíprocas entre psicologia e fisiologia como são inevitáveis as ingerências recíprocas entre outras áreas como, por exemplo, química e física, causadas por certa artificialidade sempre presente nas subdivisões do saber. Isso, no entanto, não impede uma clara delimitação dos domínios de ambos os âmbitos de pesquisa. O ponto fundamental para tal delimitação está em verificar as dificuldades essenciais de cada fato particular, remetendo-os ao campo que possibilita sua resolução sem, no entanto, desconsiderar os aspectos do âmbito vizinho que estão implicados. Em outras palavras, um mesmo fato pode ter uma parte da investigação que caberia ao psicólogo e outra parte que caberia ao fisiologista.

Um dos exemplos apresentados por Brentano é o seguinte:

¹¹² Fechner havia nominado essa zona de confim de psicofísica e Wundt de psicologia fisiológica.

¹¹³ ALBERTAZZI, op. cit., 1999, p. 41.

¹¹⁴ BRENTANO, op. cit., p. 70.

¹¹⁵ Ibid. p. 143.

[...] é, contudo, tarefa do psicólogo individuar os primeiros fenômenos psíquicos imediatamente ativados pelo estímulo físico, ainda que contemporaneamente não possa perder de vista os dados fisiológicos. [...] Ao fisiologista, ao contrário, caberá identificar a causa física determinante da sensação, ainda que fazendo isso ele deva obviamente levar em conta as manifestações psíquicas¹¹⁶.

O que Brentano pretende esclarecer é que, para um mesmo objeto, não é necessário que seja investigado duas vezes, ou seja, pelas duas disciplinas, mas que o mesmo objeto apresenta dois ângulos bastante distintos de investigação a partir do problema que se pretende analisar.

Por fim, completando as áreas do saber, Brentano considera que existem fatos que não podem ser objetos nem da ciência natural nem da psicologia, uma vez que podem ser igualmente demonstrados seja pela percepção interna seja pela percepção externa. A compreensão de tais fatos, considerando que possuem um escopo mais amplo, deve ser objeto de pesquisa de um tipo particular de indagação, a metafísica.

3.3 OS OBJETIVOS DE BRENTANO

A obra *PsE* deve ser entendida como um fragmento de um projeto mais amplo. Segundo Antonelli¹¹⁷, essa perspectiva permite identificar três objetivos na obra de Brentano apresentados a seguir.

Antes de tudo, Brentano tem um objetivo pragmático: reportar as diversas escolas e os diversos campos de pesquisa psicológicos a um núcleo comum de verdades aceitas. Em um momento em que era consenso a impossibilidade de uma psicologia filosófica de caráter racionalista, Brentano pretende desenvolver uma nova psicologia científica e, para tal, era necessário fazer o que as outras ciências já haviam alcançado. Individuando uma base que pudesse ser aceita por todos os estudiosos, seria possível construir ulteriores desenvolvimentos teóricos e práticos. Para esse propósito, Brentano se preocupa mais com a solidez do que com a completude dos fundamentos:

devemos buscar obter o que a matemática, física, química e fisiologia em outros tempos obtiveram, ou seja, um núcleo de verdade universalmente reconhecido, em torno do qual, com o concurso de forças múltiplas,

¹¹⁶ BRENTANO, op. cit., p. 71.

¹¹⁷ ANTONELLI, op. cit., 1998, p. 12.

sedimentem-se cristais sempre novos. Às *psicologias* devemos buscar substituir uma só *psicologia*”¹¹⁸.

Na busca desse denominador comum que possibilitasse uma ciência psicológica unificada, com um sólido fundamento epistemológico, Brentano apresenta suas reflexões com atitude conciliadora, flexível e disponível às críticas.

Há também um escopo estratégico em Brentano: revitalizar, com o aporte metodológico da moderna ciência positiva, alguns momentos essenciais da psicologia aristotélica para dispô-los de forma favorável à reflexão filosófica e psicológica contemporânea. Brentano pretendia, de um lado, evidenciar como a psicologia aristotélica podia ser revitalizada pelo método das ciências modernas e, por outro, “como a ‘nova psicologia’ científica poderia encontrar naquela aristotélica uma base adequada, em condições de responder às interrogações eminentemente filosóficas conexas ao nascimento da nova ciência”¹¹⁹.

De fato, Brentano afirma, já no início do primeiro capítulo de *PsE* que Aristóteles, falando como um psicólogo contemporâneo, teria fornecido “um esboço da correta delimitação moderna da psicologia” e que, portanto, “Aristóteles ainda conta nos nossos dias”¹²⁰.

Porém, Brentano tem um projeto mais amplo¹²¹, exposto por ele próprio no Prefácio de sua *PsE*, na qual apresenta os seis livros que compõem a inteira obra:

O presente livro trata da psicologia como ciência, enquanto o segundo afronta os fenômenos psíquicos em geral; a estes dois primeiros livros se seguirão, na sequência, um livro dedicado às peculiaridades e às leis das representações, um aos juízos e um quinto à questão dos movimentos do ânimo e da vontade. O último livro, enfim, tomará em exame a coligação entre organismo psíquico e organismo físico, possibilitando considerar a questão se seja possível pensar uma persistência da vida psíquica depois da destruição do corpo¹²².

¹¹⁸ BRENTANO, op. cit., p. 62.

¹¹⁹ ANTONELLI, op. cit., 1998, p. 10.

¹²⁰ Cf. BRENTANO, op. cit., p. 68-69.

¹²¹ Cf. ANTONELLI, op. cit., 1998, p. 12.

¹²² BRENTANO, op. cit., p. 61.

Brentano parte do programa de uma psicologia sem pressupostos e condicionamentos metafísicos¹²³, mas o seu mais ambicioso objetivo era fundar uma doutrina científica da alma e da sua imortalidade. Diz Brentano:

[...] parece que não foi tomada em consideração ao menos *uma* questão de tal forma importante que a sua ausência ameaça deixar um vazio eminente. [...] Parece que nessa perspectiva [da psicologia da época] não possa encontrar o justo reconhecimento exatamente *a* pesquisa que a psicologia mais antiga considerava sua tarefa principal, ou seja, *a* questão que por primeiro estimulou a indagação psicológica: o perdurar a pós a morte¹²⁴.

Brentano pretendia mostrar que uma psicologia segundo o método positivo de pesquisa conduz a uma abertura nos confrontos da metafísica, recuperando, assim, problemas que a psicologia, com a preocupação inicial de garantir a autonomia à nova ciência, havia prematuramente abandonado.

A perspectiva de Brentano era, portanto, partir do desenvolvimento de uma *psicologia empírica* livre de condicionamentos de ordem metafísica, mas que se tornaria “a base sobre a qual fundar uma nova ‘metafísica do ponto de vista empírico’”¹²⁵. Assim, a psicologia de Brentano, em última instância, respondia a um debate filosófico mais geral de seu tempo – a possibilidade ou não de uma ciência da alma:

[...] trata-se conservar o edifício metafísico aristotélico, elevando-o sobre o fundamento gnosiológico indicado pelo pensamento moderno. O projeto de Brentano retoma assim sobre bases renovadas o projeto trendelenburgiano [...] de uma metafísica metodologicamente e gnosiologicamente fundada como única legítima reproposição da metafísica depois da falência das filosofias idealistas¹²⁶.

Para Antonelli (1998), portanto, os três objetivos de Brentano são:

- a) a criação de um denominador comum universalmente aceito que possibilite a unificação das diversas abordagens psicológicas existentes na época;
- b) a renovação da doutrina aristotélica com o aporte do método científico, e
- c) a fundação de uma doutrina científica da alma e da sua imortalidade.

Visando a esses objetivos, Brentano divide a psicologia em dois âmbitos, nomeando uma como Psicologia Genética e outra Psicologia Descritiva.

¹²³ Ainda assim, é importante sublinhar que em sua obra menos metafísica, exatamente naquela na qual Brentano se propõe delinear uma psicologia sem pressupostos metafísicos, o problema da imortalidade da alma representa o último aspecto da pesquisa psicológica. Cf. ANTONELLI, op. cit., 1996, p. 167.

¹²⁴ BRENTANO, op. cit., p. 79.

¹²⁵ ANTONELLI, op. cit., 1996, p. 31-32.

¹²⁶ Ibid., p. 32.

3.4 PSICOLOGIA GENÉTICA E PSICOLOGIA DESCRITIVA

Em *PsE* Brentano divide a psicologia em psicologia genética e psicologia descritiva¹²⁷, ambas com níveis de análises distintos. Segundo Antonelli (1998), essa demarcação é esboçada, mas ainda não suficientemente explicitada, uma vez que tais psicologias estão reunidas no projeto mais amplo de fundar uma psicologia como ciência empírica. Não considerar essa distinção leva a uma interpretação equivocada da obra. Neste texto, assim como em *PsE*, apresenta-se apenas o esboço da distinção entre psicologia genética e descritiva.

A psicologia descritiva tem como meta descrever a natureza do fenômeno psíquico básico, pois todos os outros fenômenos mais complexos são combinações dos fenômenos elementares. É a análise do que é exposto à percepção visando definir analiticamente as modalidades de consciência nas relações do pensamento com seus objetos.

Cabe, então, à psicologia descritiva

determinar os conceitos elementares necessários para descrever a nossa atividade psíquica, individuando-lhe todas as possíveis formas de conexão e, portanto, definindo o espaço de todas as suas sintaxes possíveis, através da análise que possam em certa medida prescindir do dado empírico, da concreta fatualidade da experiência¹²⁸.

É “psicologia pura” dedicada a delinear uma “gramática pura” da experiência interna¹²⁹. Assim como das letras se originam as palavras, a psicologia descritiva mostra os componentes psíquicos últimos de cuja combinação resulta o conjunto dos fenômenos psíquicos.

A consciência, na psicologia descritiva, é analisada como um sistema de atos intencionais, a saber, representação, juízos e emoções¹³⁰, através dos quais a mente constrói a própria imagem do mundo ao mesmo tempo em que é ciente de si mesma; a consciência não é entendida como derivada do organismo ou produzida pela atividade do cérebro¹³¹.

O método da psicologia descritiva pode ser “[...] chamado ‘empírico’ enquanto se baseia sobre a experiência interna; a psicologia descritiva usa, porém, a experiência e a

¹²⁷ Brentano também nomeou a psicologia descritiva de “psicognosia” e, ocasionalmente, “fenomenologia”.

¹²⁸ ANTONELLI, op. cit., 1998, p. 5.

¹²⁹ Cf. *ibid.*, p. 14.

¹³⁰ Tema abordado no Capítulo IV deste texto.

¹³¹ Cf. ANTONELLI, op. cit., 1998, p. 5.

apercepção de processos psíquicos também para deduzir representações mais gerais, graças à intuição contida naquela experiência”¹³².

A psicologia descritiva, portanto, parte da experiência, mas pretende chegar a conceitos universais, não de modo indutivo, mas imediato.

A psicologia genética, por sua vez, dedicada a estudar a “gênese”, ocupa-se das explicações e conexões causais dos fenômenos psíquicos. Uma vez que as funções psíquicas dependem de processos que têm lugar no sistema nervoso, as pesquisas psicológicas neste campo devem estar interligadas à pesquisa fisiológicas. Seu método é o das ciências naturais, principalmente o indutivo.

A psicologia descritiva antecede a psicologia genética, uma vez que primeiro é necessário saber em que consistem os fenômenos psíquicos, para depois investigar as leis de sucessão entre os fenômenos, tal como a anatomia precede à fisiologia.

Estabelecidos os âmbitos de indagação da psicologia, Brentano dedica-se a duas questões fundamentais em *PsE*: 1) a caracterização distintiva do que é o psíquico e, como tal, identificando o objeto dessa nova psicologia científica, e 2) a indicação dos fundamentos metodológicos dessa ciência, considerando como essa tem acesso a seu objeto de indagação. Esses dois aspectos são discutidos nos capítulos seguintes.

¹³² KRAUS, 1924, In: BRENTANO, op. cit., p. 6.

4 O OBJETO DA PSICOLOGIA DE BRENTANO

Enquanto a psicologia de Wundt era uma psicologia dos conteúdos da experiência os quais são experimentados pelo sujeito, a teoria de Brentano colocava em relevo a dinamicidade dos processos psíquicos. Mais que sobre o conteúdo da experiência, ou seja, sobre aquela sensação, sobre aquela representação e assim por diante, a psicologia de Brentano era a ciência dos processos mentais no seu agir e proceder, ou seja, sentir, representar etc¹³³.

A conceituação do que seria a ciência psicológica feita por Brentano no Capítulo I de *PsE* apresentava já uma inicial caracterização do seu objeto de investigação. Entretanto, se Brentano pretendia constituir uma ciência psicológica, então era fundamental a determinação distintiva, firme e precisa, do que se entende por “psíquico”.

Desse modo, parte-se da definição de tal conceito e as alterações sofridas pelo mesmo na tradição aristotélica da qual Brentano deriva. Tem-se também a passagem da definição de psicologia como ciência da psique à psicologia como ciência dos fenômenos psíquicos, a especificidade do conceito de fenômeno em Brentano e os critérios para a distinção entre fenômenos físicos e psíquicos como o eixo em torno do qual articular o presente capítulo.

4.1 O CONCEITO DE PSIQUE

Para Aristóteles, ponto de partida de Brentano, a psicologia era a ciência da psique e a psique era a forma substancial de todo vivente, ou seja, o princípio da vida seja das plantas, dos animais e dos homens. Como apresentado por Brentano em *PsE*, Aristóteles entendia por psique

a natureza, ou, como costuma exprimir-se preferencialmente, a forma, a realidade efetiva primeira, o primeiro cumprimento de um ser vivente. Ele define vivente aquilo que se nutre, cresce e se reproduz, que age sensivelmente e mentalmente, ou que pelo menos é capaz de qualquer uma dessas ações¹³⁴.

A psique, portanto, compreendia o reino vegetal, animal e humano. As determinações aristotélicas constituíram por séculos os projetos de estudos acerca da alma e as mais importantes são: 1) que a alma é substância e causa; 2) que a alma é simples e indivisível; 3)

¹³³ Cf. MECACCI, op. cit., p. 23.

¹³⁴ BRENTANO, op. cit., p. 68.

que a alma, na sua relação com o corpo, é uma relação da forma com a matéria, do ato com a potência. Esse conceito de psique foi progressivamente sofrendo uma restrição. No século XVIII, em muitas formulações, já não se encontrava mais a dimensão vegetativa: da concepção antiga de princípio da vida passou-se a concepção moderna de princípio da consciência. O conceito de psique indicava, então, na época de Brentano:

[...] o portador substancial das representações e das outras propriedades que, como elas, podem vir percebidas em modo direto somente mediante experiências internas, e das quais as representações são a base; habituou-se a definir ‘psique’ o portador substancial de uma sensação, por exemplo, de uma fantasia, de um ato mnemônico, de um movimento de esperança ou de medo, de um desejo ou de uma aversão¹³⁵.

Como apresentado no capítulo precedente, “a concepção de uma alma-substância é uma hipótese que não encontra uma justificativa na experiência direta”¹³⁶. Após principalmente Kant, Comte e Lange e o emergir das novas ciências empíricas, também a psique como substância deveria ser excluída do domínio de uma disciplina que se pretendia empírica.

A psicologia deveria, então, a exemplo das ciências dos fenômenos físicos, limitar-se à indagação dos fenômenos psíquicos.

4.2 CIÊNCIA DOS FENÔMENOS

Brentano questiona o que exatamente se entende quanto se diz ciência dos fenômenos. Antes de tudo, o que é “fenômeno” (*Erscheinung*)? Havia uma preocupação constante em Brentano em definir cada termo com que se expressava com a evidente intenção de diminuir as divergências em um campo do saber caracterizado por equívocos conceituais. A fim de apresentar a concepção brentaniana, é importante retomar brevemente o histórico deste conceito, em especial suas determinações específicas nos pensamentos de Kant e Comte.

O termo “fenômeno” significa, em termos gerais, “aparência sensível que se contrapõe à realidade, podendo ser considerado manifestação desta, ou que se contrapõe ao fato, do qual pode ser considerado idêntico”¹³⁷. Este é o significado encontrado, por exemplo, em Bacon, Descartes e Wolff.

¹³⁵ BRENTANO, op. cit., p. 69.

¹³⁶ ANTONELLI, op. cit., 1998, p. 17.

¹³⁷ Cf. ABBAGNANO, op. cit., pp. 510-512.

Na antiguidade era mais frequente o uso do termo “aparência” que teve, ao longo da história da filosofia, dois significados diametralmente opostos. Seu primeiro significado era ocultação da realidade; a aparência obscurece a realidade das coisas de tal modo que essa última pode ser conhecida somente quando se traspõe aquela primeira. Conhecer, então, significava liberar-se das aparências e atingir saber mais sólido, uma vez que a relação entre aparência e verdade era de oposição. Platão, por exemplo, afirmava que do mundo das aparências sensíveis somente seria possível ter conhecimento verossímil ou provável¹³⁸. O ideal de ciência para Platão era prover a garantia da validade de uma doutrina demonstrando suas afirmações; essa ideia de ciência não podia ser aplicada as aparências ou fenômenos, dada sua natureza incerta e fugaz. Somente as Ideias e os fenômenos enquanto representação das Ideias (cópias ou imagens da realidade) podiam ser conhecidos, sendo que conhecimento do real em sentido forte é conhecimento intelectual.

Aristóteles, quem sistematizou a ideia platônica de ciência definindo-a como conhecimento universal e necessário, reconheceu a *neutralidade* da aparência sensível considerando que ela poderia ser tanto verdadeira quanto falsa. Nem tudo o que aparece é verdade, mas a aparência é o ponto de partida da pesquisa científica. A aparência não tem garantia de verdade, mas é o ponto de partida para a busca da verdade; o uso dos princípios do intelecto possibilita reconhecer a necessidade do quanto colhido através da aparência ou refutá-la.

O segundo significado do termo “aparência” era manifestação da realidade; aparência é o que revela a realidade. Portanto, conhecer, nesse segundo significado, era confiar na aparência, reconhecendo que nela se manifesta a própria realidade; a relação entre aparência e verdade é, pois, de identidade ou semelhança. Foi no último período da filosofia grega que a noção de aparência ganha relevo. Os cétricos fizeram da aparência o critério da verdade, julgando impossível passar além dela, enquanto os neoplatônicos consideraram a aparência manifestação do mundo inteligível e esse mundo inteligível como aparência de Deus.

A partir do século XVII a filosofia reconhece o caráter real da aparência. Hobbes, por exemplo, identifica aparência real com sensação e assume a aparência como ponto de partida para a indagação das coisas, formulando o fundamento do empirismo moderno. Essa reabilitação da aparência como manifestação da realidade aos sentidos e ao intelecto do homem abriu o caminho da distinção kantiana entre aparência e ilusão; as aparências seriam os fenômenos como objetos da intuição sensível e da experiência.

¹³⁸ Cf. PLATÃO. **Timeu**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 3. ed. ver. Belém: Editora da Universidade Federal do Pará, 2001, 29.

É em Kant, quando da distinção de fenômeno e númeno, que o termo “fenômeno” sofre uma inflexão decisiva. Kant define fenômeno como o objeto do conhecimento enquanto condicionado pelas formas da intuição (tempo e espaço) e pelas categorias do intelecto. Fenômeno, portanto, não é o objeto que se manifesta, mas o objeto que *se manifesta segundo os modos e as formas próprias da estrutura cognitiva do sujeito que conhece*. Por isso, não são as coisas em si mesmas. A “coisa-em-si” (ou “númeno”, ou ainda “substância” no vocabulário da filosofia pré-kantiana) é o que a coisa é independentemente da sua relação com o homem. É um conceito utilizado para circunscrever os limites do conhecimento humano: não conhecemos as coisas tal como elas são em si mesmas, mas sim os fenômenos, ou seja, aparições de coisas que nelas mesmas desconhecemos. A noção de fenômeno é correlativa a de coisa-em-si e se remete a ela por oposição. O “fenômeno” kantiano, portanto, é entendido como “uma manifestação atrás da qual estaria oculto, de modo inatingível, o númeno, a coisa-em-si”¹³⁹. Para Kant, conhecimento científico é conhecimento universal e necessário, mas os fenômenos são as únicas realidades que o homem pode conhecer. Nas palavras de Kant, “[...] não podemos conhecer nenhum objeto como coisa em si mesma, mas somente na medida em que for objeto da intuição sensível, isto é, como fenômeno; disto segue, é bem verdade, a limitação de todo possível conhecimento especulativo da razão aos meros objetos da *experiência*”¹⁴⁰.

Essa restrição do conhecimento é válida não só para o objeto físico como também para o objeto psicológico. Para Kant o sujeito conhece a si próprio somente como fenômeno e não como coisa-em-si. Esta é a revolução kantiana:

A razão tem que ir à natureza tendo numa das mãos os princípios segundo os quais fenômenos concordantes entre si podem valer como leis, e na outra o experimento que ela imaginou segundo aqueles princípios, claro que para ser instruída pela natureza, não, porém, na qualidade de um aluno que se deixa ditar tudo o que o professor que, mas na de um juiz nomeado que obriga as testemunhas a responder às perguntas que lhes propõe. E assim até mesmo a Física deve a tão vantajosa revolução na sua maneira de pensar apenas à ideia de procurar na natureza (não lhe imputar), segundo o que a própria razão coloca nela, aquilo que precisa aprender da mensura e sobre o que nada poderia saber por si própria¹⁴¹.

Há, portanto, uma mudança no conceito de ciência do mundo antigo para o mundo moderno.

¹³⁹ BRENTANO, 1869, pp. 15-37, apud KRAUS, 1924, In: BRENTANO. op. cit., p. 43.

¹⁴⁰ KANT, op. cit., 1983, XXXVI.

¹⁴¹ Ibid., XIII.

Por outro lado, para Comte, conhecimento é conhecimento positivo no sentido de ciência baseada na observação dos fatos e nas consequências que deles podem ser deduzidos através de cálculos ou inferências. Tanto para Kant quanto para Comte o conhecimento possível é conhecimento fenomênico, porém para Comte a noção de “fenômeno” se aproxima da noção de “fato” como fato *natural, puro*: refere-se ao dado imediato, à aparência simples. Um acontecimento, por exemplo, é uma espécie particular de fato, um *fato natural*. Comte emprega com frequência ambos os termos, fato e fenômeno, indiferentemente. Diz Comte:

[...] no estado positivo [da marcha progressiva do filosofar], o espírito humano, reconhecendo a impossibilidade de obter noções absolutas, renuncia a procurar a origem e o destino do universo, a conhecer as causas íntimas dos fenômenos, para preocupar-se unicamente em descobrir, graças ao uso bem combinado do raciocínio e da observação, suas leis efetivas, a saber, suas relações invariáveis de sucessão e de similitude. A explicação dos fatos, reduzida então a seus termos reais, se resume de agora em diante na ligação estabelecida entre os diversos fenômenos particulares e alguns fatos gerais [...]¹⁴².

Assim, em Comte, o conhecimento deixa de buscar as causas dos fenômenos (ou fatos), origem e fim de tudo que existe para investigar suas leis enquanto relações constantes entre fenômenos (ou fatos). O conhecimento científico baseia-se na observação e na previsibilidade dos fenômenos.

Então, quando se diz “ciência dos fenômenos” é preciso ter claro de que noção de fenômeno se está falando. A “ciência dos fenômenos” de Kant é diferente daquela de Comte e ambas são diferentes da “ciência dos fenômenos” de Brentano. Este último rejeita tanto o fenomenalismo kantiano quanto, ainda que fortemente influenciado por ele, o positivismo comteano, utilizando a expressão “fenômeno” de modo particular.

4.3 A ESPECIFICIDADE DA CONCEPÇÃO DE FENÔMENO EM BRENTANO

Ao definir a psicologia como ciência dos fenômenos, Brentano toma da literatura precedente o conceito de fenômeno, mas é ciente que o uso do termo é problemático e que poderia facilmente levar a equívocos. Sob certo aspecto, Brentano se aproxima da concepção comteana de fenômeno enquanto usa o termo “no sentido positivista de fato ou de algo que aparece ou que se manifesta à consciência”¹⁴³. No entanto, Brentano distancia-se tanto de

¹⁴² COMTE, Auguste. **Curso de Filosofia Positiva**. São Paulo: Abril Cultural, 1983, pp. 22-23. (Os pensadores, 33).

¹⁴³ ALBERTAZZI, Liliana. Franz Brentano: un filosofo mitteleuropeo. In: BRENTANO, op. cit., p. XV.

Comte quanto de Kant quando, munido pela tradição aristotélica que lhe deriva de Trendelenburg, concebe “fenômeno” não como oposição a coisa-em-si (ou a substância), mas como um tipo particular de manifestação que aponta justamente para a existência de algo subsistente para além do próprio fenômeno. Assim, Brentano concebe os fenômenos não como vazios, mas como eventos que apontam para uma estrutura psíquica que é fundamento para tais fenômenos. Desta não oposição entre fenômeno e coisa-em-si, ou ainda, dessa possibilidade de correlação entre fenômeno e coisa-em-si é possível conhecer algo de tal coisa. Monticelli recorda que, para Kant, não é possível “uma experiência na qual seja dado cognoscitivamente um objeto não-sensível. Tudo o que pode nos ser dado de efetivo tem a sua fonte nos sentidos”¹⁴⁴. Em outras palavras, não é possível conhecer a coisa-em-si, ou a substância do mundo, uma vez que não há possibilidade de experiência não sensível. Assim, o empírico exclui qualquer idealidade intrínseca e torna-se meramente sensível. Brentano, na contracorrente desse movimento, pretende reelaborar a própria noção de experiência. Assim, esclarece Monticelli,

a noção brentaniana de psíquico não é a de um objeto empírico-sensível entre outros, mas de um objeto empírico fenomênico que não exclui a substancialidade. Dito com palavras bem claras: Brentano afirma o que parecia impossível depois de Kant e Comte, que há empiria de dados não sensíveis; e mais, que não há uma exclusão necessária nas noções de fenômeno e substância (coisa em si)¹⁴⁵.

Um esclarecimento importante quanto ao uso dos termos “ciência dos fenômenos físicos” e “ciência dos fenômenos psíquicos” é oferecido por Oskar Kraus. Esse comentador, que na sua introdução à edição de 1924 tem a tarefa de evitar todo e qualquer mal entendido no pensamento de Brentano, observa que o autor usa o termo “fenômeno” de duas formas distintas. “Quando Brentano fala da manifestação ou do fenômeno como algo de aparente, usa frequentemente a locução ‘*mero fenômeno*’, como nas páginas 73 e 74 (a meia página). Em vez disso, na página 75, linha 4, usa fenômeno no sentido de estado, processo, evento”¹⁴⁶.

A primeira passagem assinalada por Kraus é a seguinte:

O termo ‘fenômeno’, ‘manifestação’, frequentemente é usado em contraposição ao que existe verdadeiramente e realmente. Dizemos assim, que os objetos dos nossos sentidos, os quais as nossas sensações nos mostram, são *meros* fenômenos; cor e som, calor e gosto não subsistiriam

¹⁴⁴ MONTICELLI, op. cit., p. 19.

¹⁴⁵ Ibid., p. 21.

¹⁴⁶ KRAUS, apud BRENTANO, op. cit., p. 43.

verdadeira e efetivamente fora das nossas sensações, não obstante acenem sempre a algo que subsiste verdadeiramente e efetivamente¹⁴⁷.

Sublinha-se o sentido kantiano de fenômeno como algo que aparece em contraposição àquilo que existe realmente. Mas deve ser atentamente considerado como Brentano conclui a frase: “não obstante acenem sempre a algo que subsiste verdadeiramente e efetivamente”, o que significa dizer que tais fenômenos, cor, calor, gosto, apesar de estarem condicionados às estruturas do entendimento que se caracteriza por organizar a matéria da sensibilidade, apontam para coisas que subsistem, *verdadeiramente* e *efetivamente*. Isso não significa dizer que se devem tomar por verdadeiras as sensações, mas que existe um mundo que as ativa. Nas palavras de Brentano,

Parece que a demonstração da falsidade dos objetos da sensação seja irrefutável. Mas ainda que isso não fosse assim evidente, igualmente se deveria duvidar da verdade das sensações, uma vez que não se poderia fornecer para elas nenhuma outra garantia, senão a assunção que, na realidade, existe um mundo que ativa as nossas sensações e que mostra ter analogias específicas com o que nelas emerge¹⁴⁸.

Uma vez que acerca desses fenômenos, os físicos, objetos da experiência externa, não é possível saber se eles existem tal como nos aparecem, são eles, portanto, definidos por Brentano como *meros* fenômenos, ou seja, meras manifestações. Porém, não em sentido kantiano, uma vez que tais fenômenos nos dão a conhecer algo sobre o mundo que os ativa. Diz Brentano,

Os fenômenos dos quais ele se ocupa [o cientista que se ocupa dos fenômenos físicos], como a luz, o som, o calor, o lugar e o movimento local, não existem verdadeiramente e efetivamente, são somente sinais de algo real que, mediante a sua ação, produz a sua representação. Mas não por isso eles dão uma imagem correspondente daquele real, ao contrário, fornecem acerca desse real um conhecimento muito incompleto. Pode-se dizer que existe algo que, em certas condições, é causa desta ou daquela sensação. Podemos também demonstrar que esse algo deve conter relações similares àqueles demonstrados pelas manifestações espaciais, pela grandeza e pelas formas. Mas com isso se disse tudo. O verdadeiro não comparece em si e por si na manifestação e aquilo que aparece não pode ser definido verdadeiro. A verdade dos fenômenos físicos é, como se sente dizer, puramente relativa¹⁴⁹.

¹⁴⁷ KRAUS, apud BRENTANO, op. cit., p. 73.

¹⁴⁸ Ibid., p. 74.

¹⁴⁹ BRENTANO, op. cit., p. 84.

Deve-se entender luz, som, calor, como qualidades sensíveis, *meros* fenômenos que não existem realmente e efetivamente, mas que fornecem algum tipo de conhecimento acerca do mundo. Tal conhecimento, porém, é incompleto, relativo, enquanto aponta para coisas que existem realmente, mas das quais sabemos apenas por relações análogas, ou seja, “o mundo real mostra ‘determinadas analogias’ com o mundo da nossa intuição”¹⁵⁰. O que Brentano chama de *mero* fenômeno é, por exemplo, o calor enquanto sensação em mim e que só subsiste em mim que o sinto. Mas isso não significa que a propriedade de emanar ou causar em mim a sensação de calor não seja a propriedade de algo real que subsiste.

No que diz respeito aos fenômenos psíquicos, objetos da experiência interna, há ainda outra importante observação: não há nada de contraditório em tomar por verdadeiras as suas manifestações, ao contrário “[...] da sua existência temos aquele nítido conhecimento e aquela suma certeza que somente a compreensão direta tem condições de fornecer”¹⁵¹. Este tipo de fenômeno, pensar, sentir, desejar, não podem ser tomados como fenômenos em sentido kantiano nem como *meros* fenômenos no sentido de apontarem para algo acerca do qual não é possível conhecimento seguro, mas como estados e processos que subsistem verdadeiramente. Portanto, os fenômenos em questão estão muito longe de serem *meras aparências* ou *meros fatos*.

É importante, porém, ter muito claro de que se trata quando se considera a existência de algo que subsista aos fenômenos. A noção de “substância” está no eixo de qualquer metafísica, quando tomada no seu significado tradicional de estrutura necessária. Na metafísica aristotélica “substância” é o que é necessariamente aquilo que é, ou seja, a “essência” necessária que enuncia o que a coisa não pode não ser. Os conceitos de “substância” e “essência necessária” em sentido aristotélico estão relacionados à noção de “alma” no caso do homem. O que Brentano entende quando usa o termo “substância”, não é a existência de uma alma ou substância com todos os seus atributos como apresentada pela metafísica aristotélica, mas tão somente que não há um fenômeno sem que exista um suporte para tal fenômeno. Brentano recorda: “No seu texto sobre Hamilton, o próprio Mill, com a franqueza que lhe é própria, reconheceu que a renúncia à substância como portadora das manifestações, em particular no que diz respeito ao âmbito psíquico, não é certamente ausente de dificuldade e obscuridade”¹⁵². Segundo Brentano, J. S. Mill reconheceu as dificuldades em

¹⁵⁰ KRAUS, 1924, apud BRENTANO, op. cit., p. 74n.

¹⁵¹ Ibid., p. 74.

¹⁵² BRENTANO, op. cit., p. 83.

renunciar à substância como portadora das manifestações no que diz respeito ao âmbito psíquico porque um representar sem sujeito é uma ficção absurda. Como esclarece Kraus,

A assunção de um portador substancial das atividades psíquicas, segundo a mais tardia doutrina de Brentano, não é propriamente uma assunção metafísica, ou seja, transcendente, uma vez que um representar sem sujeito é uma ficção absurda; o sujeito do representar ou aquilo que lhe subsiste e a que nada mais subsiste é o que unicamente merece o nome de “substância”¹⁵³.

Estas considerações anteriormente apresentadas são importantes para assinalar que Brentano não pretendia fazer metafísica, mas está retomando uma noção de substância pré-kantiana sem se comprometer com a totalidade das características e implicações metafísicas do conceito de substância como algo simples, sem partes, imortal etc. Em outras palavras, para Brentano, a existência dos fenômenos psíquicos aponta para a existência de um suporte desses fenômenos, mas ele não pretende se comprometer com as teses clássicas acerca dos atributos de tal suporte.

Kraus auxilia na compreensão dessa importante posição de Brentano dizendo:

[...] seja a sensação que a percepção interna nos mostra *substâncias*, segundo a doutrina de Brentano, que segue aquela de Aristóteles [...]. Na percepção interna aprendemos nós mesmos como “coisas pensantes” (pensar em sentido cartesiano = consciência) ou como “reais pensantes”, nós olhamos (sentimos) na percepção externa algo que tem como sujeito acidentes qualitativos, por exemplo, uma extensão a qual se acrescenta a cor. Não é assunção de uma substância a ser uma ficção, mas a assunção de uma propriedade sem sujeito, que é o seu portador, é uma ficção totalmente absurda¹⁵⁴.

O que é ficção não é exatamente supor que algo que não pode ser objeto de conhecimento exista, como, por exemplo, uma alma, mas que existam atos, processos, fenômenos sem que haja algo por meio do qual tais fenômenos se deem. Dito de forma bem simples, não há um sentir, um pensar, um ver sem um sujeito que sinta, pense, veja. Podemos dizer que, embora sem se comprometer com asserções metafísicas, Brentano se aproxima de uma das concepções aristotélica de substância, a saber, a de substância como suporte (dos acidentes).

Para Aristóteles, “[...] substância tem dois sentidos: A) o substrato último que já não é predicado de nenhuma outra coisa, e B) o que, sendo algo determinado, é também separável,

¹⁵³ KRAUS, 1924, apud BRENTANO, op. cit., p. 83n.

¹⁵⁴ Ibid., p. 75n.

como a forma ou figura de cada ser”¹⁵⁵. No primeiro sentido, substância “é o sujeito último, capaz de receber atributos, mas que não pode se afirmar nada de outro”¹⁵⁶. Tudo o que se atribui a um outro sujeito recai sob a categoria de “acidente”¹⁵⁷. Utilizando essa definição de substância como suporte dos atributos, Brentano afirma que, “com ou sem substancialidade da psique, não se pode, contudo, negar um certo perdurar da nossa vida psíquica sobre essa terra. Negando a substância, não resta senão a hipótese que, para tal perdurar, seja estritamente necessário um portador substancial”¹⁵⁸. Ou seja, Brentano pode aceitar a negação de uma psique como substância, mas não pode aceitar a inexistência de um portador substancial das manifestações psíquicas.

Que tipo de conhecimento pode, então, oferecer uma ciência de *tais* fenômenos psíquicos? Uma vez que a especificidade no conceito brentaniano de fenômeno consiste no fato de que não é um *mero* fenômeno, ele nos dá a conhecer não somente os dados puros da sensibilidade, mas aponta para a existência de um elemento subsistente ao menos como suporte dos acidentes, ou seja, dos dados da sensibilidade. Pode-se dizer que essa concepção de Brentano o coloca numa posição intermediária entre a concepção clássica de substância (de cunho aristotélico) e uma concepção kantiana de fenômeno, na medida em que Brentano reconhece a possibilidade de conhecimento daquele suporte ainda que isso não o comprometa com a adesão completa à totalidade das características determinantes do conceito de substância na tradição clássica.

Distinguindo fenômeno como *mero* fenômeno e fenômeno como algo que aponta para uma substância, Brentano altera o objeto da psicologia e, por consequência, a possibilidade de conhecimento dessa ciência. Levando em conta essa distinção é possível um ulterior esclarecimento no que se refere à psicologia entendida como ciência dos fenômenos psíquicos. Brentano consegue unir “a segurança epistemológica do tratamento científico restrito a fenômenos e, ao mesmo tempo, a abrangência racional de um conhecimento das coisas tal como são em si mesmas (substâncias)”¹⁵⁹.

Essa é a originalidade da posição de Brentano em relação ao contexto intelectual da época e é nessa direção que se deve entender a psicologia de Brentano como empírica. Quando Brentano usa a expressão “mero fenômeno” ele está dizendo que, para aqueles que

¹⁵⁵ ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução de Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1969, 1017 b 22-25.

¹⁵⁶ MANSION, Suzanne. A primeira doutrina da substância: a substância segundo Aristóteles. In: ZINGANO, Marco Antônio de Ávila (Coord.). **Sobre a metafísica de Aristóteles: textos selecionados**. São Paulo: Odysseus, 2005. p. 78.

¹⁵⁷ São os dez gêneros do ser: a substância, dividida em primeira e segunda, e os acidentes: qualidade, quantidade, relação, ação, paixão, lugar, tempo, posição, posse. Cf. *ibid.*, p. 75.

¹⁵⁸ BRENTANO, op. cit., p. 82.

¹⁵⁹ MONTICELLI, op. cit., p. 22.

postulam o conhecimento fenomênico a partir de uma tradição kantiana, há uma cisão epistêmica entre os fenômenos e as coisas-em-si ou, dito no vocabulário da tradição filosófica pré-kantiana, entre fenômeno e substância. A especificidade do que Brentano está dizendo é que o fenômeno não é isolado da coisa-em-si. A concepção de Brentano é que todo fenômeno psíquico precisa de um suporte. Fenômeno, então, não é o oposto epistêmico de substância. Isso possibilita que a psicologia de Brentano seja uma psicologia do fenômeno que aparece e que seja uma psicologia da substância, ou seja, que é possível fazer uma psicologia empírica sem as restrições da empiria kantiana e comteana. Dessa maneira, afirma Monticelli, “não é contraditório afirmar que a psicologia pode resumir-se aos fenômenos psíquicos (e não à alma) e, mesmo assim, não se encapsular na esfera da reflexão meramente subjetiva (do idealismo subjetivo moderno)”¹⁶⁰. Desta forma, a ciência dos fenômenos psíquicos ou da consciência passa da esfera de uma ciência da mera representação à esfera de uma ciência cujo objeto é um tipo de ente cujas características são possíveis de serem descritas realisticamente¹⁶¹. Como afirmado por Kraus,

O que existe é, de um lado, o que vê a cor e o que ouve os sons e, do outro, aquilo que pertence às causas originárias do ver e do ouvir como processo etéreo. A psicologia é contradistinta pelo fato de ocupar-se de manifestações, que *devem ser reconhecidas como verdadeiras e efetivamente reais em si*. Este não é outro que, e não era outro que, a doutrina de Brentano¹⁶².

Esse aspecto tem estreita ligação com o método proposto por Brentano que será tratado no próximo capítulo.

Esclarecido o conceito de fenômeno e como a psicologia brentaniana pode ser definida ciência dos fenômenos psíquicos, é importante ainda fazer a distinção entre as classes de fenômenos existentes. Para Brentano, o mundo inteiro dos fenômenos divide-se em apenas duas classes: os fenômenos físicos e os fenômenos psíquicos, não existindo uma terceira classe que pudesse ser diferente (fenômenos psicofísicos ou fenômenos sociais, por exemplo), ou uma síntese das anteriores.

4.4 FENÔMENOS PSÍQUICOS E FENÔMENOS FÍSICOS

Se o objeto da psicologia são os fenômenos psíquicos, estes, por sua vez, o que são?

¹⁶⁰ MONTICCELLI, op. cit., p. 22.

¹⁶¹ Cf. Ibid., p. 24.

¹⁶² KRAUS, 1924, apud BRENTANO, op. cit., p. 85n.

O problema da distinção entre fenômenos físicos e fenômenos psíquicos era muito discutido nos debates filosóficos e psicológicos do século XIX, porém sem um nível de clareza que possibilitasse uma unanimidade. Brentano assinala o quão imatura se encontrava a psicologia pelo fato de que não era possível “pronunciar nem mesmo *uma* frase sobre os fenômenos psíquicos sem que alguém a conteste”¹⁶³. Por isso, ele introduz uma nova abordagem objetivando caracterizar positivamente o âmbito psíquico, ou seja, não mais como classe residual.

A partir da primeira definição de fenômeno explicitada no item anterior, Brentano inicia considerações que não somente distinguem fenômenos físicos de fenômenos psíquicos, mas também caracterizam a base de onde partem os diferentes métodos de estudo da ciência natural e da ciência psicológica.

Para as primeiras distinções entre as duas classes de fenômeno, Brentano parte de exemplos significativos, considerando que as explicações particulares favorecem o entendimento dos conceitos mais gerais. Diz Brentano:

Toda representação nascida da sensação ou da fantasia é um exemplo de fenômeno psíquico. Com o termo ‘representação’ não entendo aqui o que vem representado, mas o ato de representar; exemplos de representação entendida desta forma são o ouvir um som, o ver um objeto colorido, o sentir calor e frio, assim como os análogos modos da fantasia; mas é uma representação também o pensar um conceito geral, admitido que isso aconteça realmente. Além disso, são fenômenos psíquicos todo juízo, recordação, expectativa, dedução, convicção, tristeza, medo, esperança, coragem, maldade, ira, amor, ódio, desejo, vontade, intenção, estupor, maravilha, desprezo etc.¹⁶⁴

Brentano entendia por fenômenos psíquicos as representações e todos os fenômenos que têm por fundamento a representação, entendendo representação como o ato de representar e não o representado. Essa categoria incluía:

- a) os dados provenientes da sensação, como ouvir um som, sentir calor, ver uma cor, ou da fantasia, como imaginar um unicórnio, lembrar um objeto visto anteriormente etc.;
- b) os atos de juízo, como julgar, duvidar, deduzir, pensar um conceito etc.;
- c) os estados de ânimo, como alegria, medo, coragem etc.

Utilizando a síntese de Albertazzi, os fenômenos psíquicos são, “[...] em primeiro lugar: (i) *atos* de certo tipo (antes de tudo representativos, e depois judicativos e emotivos); (ii)

¹⁶³ BRENTANO, op. cit., p. 146.

¹⁶⁴ Ibid., pp. 144-145.

expressos por formas verbais (ver, ouvir, imaginar etc.); (iii) tendo origens, indiferentemente, de sensações ou de fantasias; (iv) mas sempre representações *internas*”¹⁶⁵.

Quanto aos fenômenos físicos, Brentano exemplifica da seguinte maneira: “Exemplos de fenômenos físicos são, ao invés, uma cor, uma figura, uma paisagem que vejo, um acorde que ouço; frio, quente, odor que sinto, assim como configurações análogas que me aparecem na fantasia”¹⁶⁶. Brentano entendia por fenômeno físico duas coisas: 1) as qualidades sensíveis, como cor, som, qualidades táteis, e 2) algo de espacial, corpóreo ou extenso¹⁶⁷.

Uma cor, uma figura que vejo, uma música que ouço são fenômenos físicos, portanto, qualidades sensíveis determinadas espacialmente. Os fenômenos físicos, resume Albertazzi, “[...] são, então, em primeiro lugar: (i) *objetos* (ou conteúdos) de atos de representação, (ii) expressos por formas nominais; (iii) tendo origens, também nesse caso, indiferentemente, de representações sensíveis ou de fantasias”¹⁶⁸.

Antonelli (1998) assinala dois aspectos principais possíveis de serem extraídos dos exemplos iniciais apresentados por Brentano: a) o ato, como única realidade da percepção; b) a própria noção de fenômeno físico.

a) O *ato* como única realidade da percepção: o uso comum do termo “representação” designava seja a consciência do representar, seja a representação. Em outras palavras, o termo “representar” continha, ao mesmo tempo, tanto o fenômeno psíquico (ato psíquico: ver) quanto o fenômeno físico (fenômeno físico: a cor vista). Na teoria de Brentano, verdadeiro e próprio fenômeno psíquico é o ato de representar. Se para Wundt, os processos mentais envolviam conteúdos, para Brentano era necessário diferenciar a experiência como estrutura e como atividade. Assim, o verdadeiro objeto de estudo da psicologia é o ato da experiência: uma cor é uma qualidade física, mas o ato de ver é mental. Funda, assim, a psicologia do ato segundo a qual o fenômeno psíquico se constitui como atividade e não como conteúdo.

b) A própria noção de fenômeno físico: fenômenos físicos não “se referem aos ‘objetos’ da nossa experiência cotidiana, mas são aquilo que sem nenhuma mediação indutiva ou conceitual a percepção nos oferece”¹⁶⁹. O que percebemos é o branco que vemos, não o objeto do qual o branco é predicado, que poderia ser percebido somente por acidente.

Para compreender a distinção entre fenômenos físicos e psíquicos é importante ter presente que:

¹⁶⁵ ALBERTAZZI, op. cit., 1999, p. 49.

¹⁶⁶ BRENTANO, op. cit., pp. 145-146.

¹⁶⁷ Cf. Kraus, apud Ibid., p. 43.

¹⁶⁸ ALBERTAZZI, op. cit., 1999, p. 50.

¹⁶⁹ ANTONELLI, op. cit., 1998, p. 37.

- a) Brentano distingue entre objetos físicos e fenômenos físicos e
- b) a distinção de Brentano entre físicos e psíquicos é entre fenômenos, ou seja, não são os objetos físicos do mundo que estão divididos entre físicos e psíquicos, mas os fenômenos, como já dito anteriormente, na particular acepção brentiana.

Após as considerações introdutórias através de exemplos, Brentano inicia a exata demarcação das duas classes de fenômenos estabelecendo os critérios classificatórios apresentados a seguir.

4.5 CRITÉRIOS PARA A DISTINÇÃO ENTRE OS FENÔMENOS

Brentano observa que fenômenos físicos e psíquicos foram confundidos em duas diferentes formas¹⁷⁰:

Era considerado psíquico aquilo que, ao contrário, era um fenômeno físico. Um exemplo de confusão desta ordem é considerar que uma fantasia seja produzida por um fenômeno psíquico em base às leis da associação. Para Brentano, o ato da fantasia é um fenômeno psíquico, enquanto o conteúdo da fantasia é um fenômeno físico.

Era considerado físico aquilo que não era um fenômeno, mas sim a substância material por trás das aparências. Para Brentano é um equívoco e um abuso do termo ‘fenômeno’ dizer que a sensação surge de um “fenômeno físico”.

Se a possibilidade de uma psicologia como ciência dependia da existência de uma classe específica de fenômenos (que não poderiam ser senão psíquicos), era necessário encontrar um critério que fosse satisfatório na distinção entre fenômeno físico e fenômeno psíquico. Para tanto, Brentano elencou cinco critérios distintivos:

- a) a natureza representativa dos fenômenos psíquicos;
- b) a ausência de extensão espacial;
- c) as fontes de experiência através das quais os fenômenos se manifestam;
- d) a existência efetiva dos fenômenos psíquicos;
- e) o critério da in-existência intencional;

Segue uma descrição de cada um desses critérios¹⁷¹.

- a) A natureza representativa dos fenômenos psíquicos.

Em meio a muitas divergências quanto à definição de fenômeno psíquico, há um ponto em que a concordância está mais próxima: as representações estão na base de todos os

¹⁷⁰ BRENTANO, op. cit., p. 144.

¹⁷¹ Conforme apresentados por Brentano no primeiro capítulo do segundo livro de *PsE*. Cf. *Ibid.*, pp. 143-204.

fenômenos psíquicos. No entanto, como já assinalado anteriormente, o termo “representação” é ambíguo, podendo significar tanto o ato de representar quanto o representado. Brentano utiliza-se do termo representação (*Vorstellung*) na seguinte acepção: “[...] por representação não entendemos aqui o representado, e sim o representar [o ato mental que caracteriza essencialmente o objeto de estudo de uma ciência psicológica], que constitui a base não somente do julgar, mas também do desejar, assim como de todo outro ato psíquico”¹⁷². Assim, o ato de ver a cor, por exemplo, é fenômeno psíquico enquanto a cor vista é fenômeno físico; ouvir o som é fenômeno psíquico, enquanto o som ouvido é fenômeno físico.

É importante atentar que fenômeno físico é todo correlato de ato psíquico, ou seja, tudo o que se dá num ato psíquico e que não é o ato mesmo. Tomando o exemplo utilizado por Monticelli¹⁷³, ver uma caneta azul é fenômeno psíquico e o azul da caneta vista é fenômeno físico. Mas, no caso da imaginação, imaginar a caneta azul outrora vista é fenômeno psíquico, enquanto a imagem do azul da caneta outrora vista, por ser correlato de um ato psíquico, é fenômeno físico. Ou seja, o ato da representação (ver, ouvir etc.) é sempre psíquico, enquanto o conteúdo ou objeto da representação (a cor vista, o som ouvido etc., ou seja, o representado) é sempre físico.

Para Brentano a forma mais elementar de consciência de um objeto é a consciência representativa onde o objeto está presente à consciência sem nenhuma conotação afetiva ou judicativa, ou seja, em modo neutro. O ato complexo afetivo ou judicativo é sobre esse fundamento, de onde deriva, então, a necessidade: “Nada pode vir julgado, e nem mesmo desejado, aguardado ou temido, se não vem representado”¹⁷⁴.

Portanto, há fenômenos psíquicos que são representações e fenômenos psíquicos que se baseiam em representações. Exemplo: fenômeno físico dor e fenômeno psíquico sentimento de dor. Geralmente são tomados como um só fenômeno e tende-se a pensar que não haja alguma representação na base do fenômeno dor. Porém são dois fenômenos e na base do sentimento de dor há uma representação da parte do corpo de onde parte a sensação.

Uma vez que são fornecidos dois tipos de fenômenos psíquicos – há fenômenos psíquicos que são representações e fenômenos psíquicos que se baseiam em representações –, esta é uma definição fragmentada do conceito “fenômeno psíquico”. Como esta primeira definição apresentava o problema de não ser unitária, devia-se, então, buscar uma definição menos fragmentada.

¹⁷² BRENTANO, op. cit., p. 146.

¹⁷³ Cf. MONTICELLI, op. cit., p. 68.

¹⁷⁴ BRENTANO, op. cit., p. 146.

b) A ausência de extensão espacial.

Outra característica distintiva dos fenômenos psíquicos consiste na ausência de extensão e determinação espacial. Os fenômenos psíquicos não têm existência no espaço, como já fora apontado por Kant, enquanto tais características estão presentes nos fenômenos físicos.

Brentano cita Bain:

De uma árvore ou de um riacho se pode dizer que possuem uma grandeza extensa. Um prazer, ao contrário, não tem comprimento, nem amplitude, nem espessura; em nenhum sentido pode ser dito algo de extenso. Um pensamento ou uma ideia podem ser colocados em relação com grandezas extensas, mas não se pode dizer que eles sejam em si mesmos extensos. Tanto menos podemos dizer que um ato de querer, um desejo ou uma crença preencham um espaço em direções determinadas¹⁷⁵.

Porém, não há unanimidade entre os estudiosos quanto a essa questão. Para autores como Herbart, Lotze e Mill esse critério não pode ser distintivo entre fenômenos físicos e psíquicos porque também em muitos fenômenos físicos está ausente a extensão como, por exemplo, as manifestações coligadas aos sentidos externos, principalmente para os sons e o olfato. Para outros, incluindo o próprio Aristóteles, conforme assinala Brentano, esse critério não pode ser aceito pelo motivo contrário, porque alguns fenômenos psíquicos demonstram a presença de extensão. Por exemplo, os sentimentos de dor, inicialmente ausentes de extensão, podem depois ser localizados por uma gradativa conexão a representações espaciais, ou seja, são sentimentos e, como tal, fenômenos psíquicos, que se apresentariam nos órgãos externos¹⁷⁶. Para Brentano, a afirmação de que os fenômenos psíquicos poderiam ter extensão se deve mais uma vez à confusão entre fenômenos físicos e psíquicos.

Ainda que não houvesse contestação, esse critério, sendo negativo, indicando o que não é e não o que é um fenômeno psíquico, não pode ser um critério suficiente para individualizá-los. Essa definição, então, além de não ser unânime, apresentava o problema de ser negativa, o que para Brentano significava não ser uma distinção completa, restando desejável uma ulterior determinação comum.

c) As fontes de experiência através das quais os fenômenos se manifestam.

Os diversos fenômenos se manifestam através de diversas fontes de experiências: enquanto os fenômenos físicos são acessíveis através da percepção externa, os psíquicos têm na percepção interna sua única possibilidade de manifestação.

¹⁷⁵ BAIN, 1998, apud BRENTANO, op. cit., p. 152.

¹⁷⁶ Cf. Ibid., p. 153.

A percepção interna se distingue de todas as formas de conhecimento dos objetos empíricos por ser imediatamente evidente e infalível¹⁷⁷.

d) A existência efetiva dos fenômenos psíquicos.

Recordando aquilo que poderíamos chamar de ontologia dos fenômenos, não temos certeza da existência dos fenômenos físicos, mas podemos ter certeza da existência dos fenômenos psíquicos. Tais fenômenos, então, têm existência efetiva, uma vez que realidade e aparecer se identificam. Assim, somente a percepção interna pode ser denominada tal “percepção” e, portanto, os fenômenos psíquicos podem vir definidos como somente aqueles em relação aos quais é possível uma percepção no verdadeiro sentido da palavra¹⁷⁸.

Antonelli identifica, na obra de Brentano, a unidade da consciência como outra característica distintiva dos fenômenos psíquicos¹⁷⁹. A consciência é uma realidade unitária, ou seja, embora pareça complexa em um determinado momento, suas partes compõem sempre uma unidade, jamais sendo partes distintas e separadas.

Brentano não inclui a unidade da consciência na síntese que realiza ao final do capítulo¹⁸⁰, mas discorre sobre ela anteriormente e lhe dedica um capítulo inteiro¹⁸¹ posteriormente. Em diferentes sentidos, “diz-se que, enquanto os fenômenos psíquicos se apresentam sempre um depois do outro, aqueles físicos são frequentemente apresentados simultaneamente em grande número”¹⁸².

Brentano esclarece que é possível afirmar essa apresentação singular dos fenômenos psíquicos somente no seguinte sentido:

Na medida em que a inteira multiformidade dos fenômenos psíquicos que se manifestam na percepção interna de um indivíduo se mostra sempre como unidade, enquanto isso não vale para os fenômenos físicos que ele colhe simultaneamente com a dita percepção externa¹⁸³.

Porém, a fundamental qualidade que distingue os fenômenos físicos dos psíquicos é o caráter intencional destes últimos. Por ser o traço mais fundamental da distinção brentaniana

¹⁷⁷ O capítulo IV desta dissertação trata do método identificado por Brentano para a investigação dos fenômenos psíquicos. Portanto aspectos da percepção interna serão detalhadamente apresentados naquela seção.

¹⁷⁸ BRENTANO, op. cit., p. 157. Essa afirmação, para ser compreendida, deve ser considerada segundo a língua alemã, na qual o vocábulo “percepção” é *Wahrnehmung* que literalmente significa “tomada de verdade” (*Wahr-nehmung*).

¹⁷⁹ Cf. ANTONELLI, op. cit., 1998, p. 40.

¹⁸⁰ Cf. BRENTANO op. cit., Parte II, Cap 1: “A diferença entre fenômenos físicos e fenômenos psíquicos”.

¹⁸¹ Ibid., Cap 4: “A unidade da consciência”.

¹⁸² Ibid., p. 160.

¹⁸³ Ibid., p. 162.

dos tipos de fenômenos e pela notoriedade que ganhou na tradição posterior, a in-existência intencional pede tratamento detalhado em uma seção que lhe seja dedicada.

4.6 A INTENCIONALIDADE: CARACTERIZAÇÃO POSITIVA E GERAL DOS FENÔMENOS PSÍQUICOS

Brentano recorda que já os psicólogos antigos haviam observado uma particular afinidade entre os fenômenos psíquicos da qual os fenômenos físicos não participam. Avicena, São Tomás de Aquino e, antes deles, Aristóteles, haviam falado de *inabitação* psíquica, ou seja, o espírito contém imaterialmente o objeto percebido. Em *Peri Psychés*, recorda Brentano, Aristóteles “diz que o sentido enquanto sentido está no sujeito dotado de sensibilidade, que os sentidos acolhem o sentido sem a matéria, que o pensado está presente no intelecto pensante”¹⁸⁴. A expressão “intencional” aparece pela primeira vez nos textos de Brentano exatamente na distinção entre fenômenos físicos e psíquicos, mas não exatamente da forma clássica como permanecerá coligada historicamente a esse autor. Brentano define que

Todo fenômeno psíquico é caracterizado por aquilo que os escolásticos medievais chamaram a in-existência intencional (ou mental) de um objeto, e que nós, mesmo que com expressão não totalmente livre de ambiguidade, gostaríamos de definir como referência a um conteúdo, direção a um objeto (que não deve ser entendido como uma realidade) ou objetividade imanente. Todo fenômeno psíquico contém em si algo como objeto, embora nem todos do mesmo modo. Na representação, algo é representado; no juízo, algo é ou afirmado ou negado; no amor, algo é amado; no ódio, odiado; no desejo, desejado etc. Tal in-existência intencional caracteriza exclusivamente os fenômenos psíquicos. Nenhum fenômeno físico mostra algo similar. Consequentemente, podemos definir psíquicos aqueles fenômenos que contêm intencionalmente em si um objeto¹⁸⁵.

Essa é, provavelmente, a passagem mais citada dos textos de Brentano, e ele próprio adverte acerca dos possíveis problemas de interpretação que ela poderia gerar.

Brentano utiliza diversas expressões para indicar um aspecto unitário e distintivo dos fenômenos psíquicos: “in-existência intencional de um objeto”, “in-existência mental de um objeto”, “relação a um conteúdo”, “direção a um objeto”, “objetualidade imanente”.

¹⁸⁴ BRENTANO op. cit., p. 155n.

¹⁸⁵ Ibid., pp. 154-155.

Considerando que essa pluralidade conduziu a divergentes interpretações, é importante fazer algumas distinções.

Segundo Antonelli, há dois tipos de expressões: as que se referem à in-existência intencional e as que se referem a um objeto¹⁸⁶.

Às que se referem à in-existência intencional fazem referência ao objeto ou conteúdo dos fenômenos psíquicos.

O prefixo “in” não é privativo, mas indica o lugar onde se faz presente a existência de objetos; “*inabitação* psíquica” ou, como chamaram os escolásticos, “inexistência intencional”. Portanto, é um modo ontológico de “existir em”, indicando a existência de objetos apenas no mundo psíquico. Assim, “in-existência intencional de um objeto”, “in-existência mental de um objeto”, “objetualidade imanente”, indicam:

- uma classe particular de objetos que não existe independente da consciência;
- um modo de ser do objeto transcendente quando se faz imanente (se torna objeto da consciência).

Trata-se do problema do estatuto ontológico do objeto intencional, ou seja, do objeto (por exemplo, a cor vista) que está contido no fenômeno psíquico (ver a cor). Com a expressão “objetividade imanente” Brentano indicava um modo de ser particular do objeto intencional, ou seja, um tipo de existência distinta, pela qual não se deve entender uma realidade. O objeto intencional é um tipo de objeto “[...] que existe em, ou tem uma ‘in-existência’, existindo não externamente, mas no estado psicológico no qual é pensado, como o ‘conteúdo’ interno do pensamento”¹⁸⁷. Dessa forma, mesmo um objeto que não existe efetivamente pode ser objeto de um ato psíquico como, por exemplo, um centauro. Nesse caso, há um estatuto ontológico particular: existe intencionalmente¹⁸⁸.

Em *PsE*, Brentano não diferencia entre conteúdos e objetos¹⁸⁹, mas há duas formas básicas de conceber o ato intencional. Uma delas, chamada “teoria do objeto”, considera que o ato intencional se refere a um objeto. A segunda, “teoria do conteúdo”, considera que o ato intencional se refere a um conteúdo por meio do qual se refere a um objeto¹⁹⁰.

Após a *PsE*, em *Psicologia Descritiva*, obra publicada em 1907, Brentano discute também qual seria o tipo de “relação” (e se seria realmente uma relação, uma vez que esse

¹⁸⁶ Cf. ANTONELLI, op. cit., 1996, pp. 40-42

¹⁸⁷ JACQUETTE, Dale. Brentano’s concept of intencionality. In: JACQUETTE, Dale (Org). **The Cambridge Companion to Brentano**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 102.

¹⁸⁸ Cf. MCALISTER, Linda L. Brentano’s epistemology. In: *ibid.*, pp. 153-154.

¹⁸⁹ Segundo Kraus (1924), em *PsE* Brentano usa o termo “conteúdo” com o mesmo significado de “objeto” e somente mais tarde preferirá o termo “objeto”.

¹⁹⁰ Apenas a título de indicação, essas formas, por sua vez, têm variantes que não estão no escopo deste texto.

conceito pressupõe duas entidades existentes) o que se estabelece entre o fenômeno psíquico e o objeto que ele contém intencionalmente em si¹⁹¹.

A interpretação ontológica da tese da intencionalidade, assim denominada por Chrudzimski¹⁹², tem inúmeros aspectos que foram desenvolvidos por pensadores como Twardowski, Meinong e Husserl.

A segunda classe de expressões¹⁹³ reúne aquelas que se referem a um objeto: fazem referência ao caráter relacional ou direcional do ato de consciência. As expressões “relação a um conteúdo”, “direção a um objeto” dizem respeito à típica natureza referencial dos fenômenos psíquicos.

Chrudzimski¹⁹⁴ nomeou psicológica essa interpretação que enfatiza a direcionalidade do ato psíquico. Considerando a intencionalidade como característica que distingue os fenômenos psíquicos dos fenômenos físicos, para Brentano todos os fenômenos psíquicos têm a propriedade da referência intencional para um objeto; não se representa, se julga, se ama ou se odeia, sem representar, julgar, amar ou odiar algo, contudo esse algo pode não ser real, conforme já discutido anteriormente.

Brentano define, então, que a intencionalidade é a determinação positiva que vale simultaneamente para todos os fenômenos psíquicos. Tal distinção entre o físico e o mental é definitiva, uma vez que no mundo físico não há nada de análogo. Nas palavras de Porta, “todos os fenômenos psíquicos (e somente eles) contêm em si algo ‘como objeto’, ou seja, possuem um conteúdo (*Inhalt*) ou objeto ‘intencional’. Não existem fenômenos psíquicos não intencionais, nem fenômenos físicos intencionais”¹⁹⁵.

Tendo sido identificada a intencionalidade como a característica que melhor determina os fenômenos psíquicos, uma vez que é uma definição positiva e realmente distintiva de todos os fenômenos psíquicos, é possível, pois, considerar claramente distinto o objeto do qual se ocupa a psicologia empírica de Brentano, os atos ou fenômenos intencionais. Mas é

¹⁹¹ Uma vez que se referem a uma evolução no pensamento de Brentano, esses aspectos não se constituem em objeto desta dissertação. Convém, no entanto, assinalar que o estatuto do objeto intencional em Brentano sofreu várias alterações e alguns comentadores dividem entre um primeiro e um segundo Brentano. A primeira fase corresponde ao período até a publicação de *PsE*, na qual se apresenta a tese central da intencionalidade imanente. A segunda fase corresponde à negação da tese da in-existência intencional dos objetos correlatos aos fenômenos psíquicos. Tal divisão não é aceita pelo próprio Brentano que afirma não ter alterado sua primeira posição e, sim, esclarecido o que entendia com o termo “imanente” anteriormente empregado. Segundo Brentano, a expressão significa que o objeto é imanente no sentido de que não precisa existir efetivamente para que possa ser o objeto intencional de um ato, por exemplo, a existência intencional de um unicórnio.

¹⁹² Cf. CHRUDZIMSKI, Arkadiusz. **Die Intentionalitätstheorie Anton Martys**. Grazer Philosophische Studien, n. 62, 2001, p. 176.

¹⁹³ Cf. ANTONELLI, op. cit., 1998, p. 41.

¹⁹⁴ Cf. CHRUDZIMSKI, op. cit., p. 177.

¹⁹⁵ PORTA, op. cit., 2006, p. 106.

necessária, ainda, uma relevante consideração acerca de tais fenômenos enquanto objetos de ciência: seu caráter consciente.

4.7 O CARÁTER CONSCIENTE DOS FENÔMENOS PSÍQUICOS

Brentano sublinha que o termo “consciência” é um daqueles conceitos acerca dos quais não se pode falar de um significado geral corrente, tão variados são os seus usos¹⁹⁶. Imprescindível, então, é definir o significado com que ele o usa: “utilizo-o preferencialmente como equivalente de fenômeno psíquico ou de *ato psíquico*”¹⁹⁷. Fenômeno psíquico, manifestação psíquica, ato psíquico, consciência são, então, sinônimos. Em outras palavras, todo ato psíquico é consciência.

Isso posto, Brentano questiona se poderia haver atos psíquicos inconscientes.¹⁹⁸ O tema da existência ou não de manifestações psíquicas inconscientes é, provavelmente, uma das argumentações que envolvem todos os pontos da teoria brentaniana, além de ser de extrema importância para uma ciência psicológica.

Inicialmente, cabe destacar uma nota de rodapé introduzida pelo autor esclarecendo em que modo utiliza o termo “inconsciente”:

Utilizamos o termo ‘inconsciente’ em dois modos: em primeiro lugar, em sentido ativo, referindo-nos a isso que não é consciente de algo; em segundo lugar, em sentido passivo, referindo-nos a algo de que não se é consciente. A expressão ‘consciência inconsciente’ seria uma contradição no primeiro sentido, mas não no segundo e é exatamente nesse sentido que usamos a palavra ‘inconsciente’¹⁹⁹.

Usando os exemplos citados pelo próprio Brentano²⁰⁰, no primeiro sentido de inconsciente, há uma contradição, pois seria a mesma coisa que perguntar se “há um vermelho que não é vermelho”, ou, ousando um pequeno ajuste para adequá-lo ao segundo exemplo, se é possível “ver um vermelho e, ao mesmo tempo, não ver um vermelho”. No segundo caso,

¹⁹⁶ Brentano elenca cinco dos diversos significados do termo “consciência”: 1) a memória dos próprios atos, principalmente os morais; 2) o conhecimento dos próprios atos psíquicos; 3) a percepção externa; 4) perceber, conhecer e representar; 5) toda manifestação psíquica. Cf. BRENTANO, op. cit., pp. 167-168.

¹⁹⁷ Ibid., p. 168.

¹⁹⁸ Brentano lista os muitos filósofos que consideravam a possibilidade da existência de representações inconscientes, entre eles Tomás de Aquino, Leibniz, o velho Mill, Hamilton, Lewes, Herbart, Fechner, Wundt, Helmholtz, Zöllner, Ulrici, Hartmann. Porém, muitos dão às mesmas palavras “inconsciente” e “consciente” sentidos totalmente diversos. Em posição oposta estavam Lotze, Bain, Spencer e J. St. Mill.

¹⁹⁹ BRENTANO, op. cit., pp. 168-169n.

²⁰⁰ Ibid., p. 168.

aquele utilizado pelo autor, não há contradição e o que se está questionando é se pode haver um “ver não visto”.

Faz-se necessária uma explicação acerca da consciência. Brentano distingue entre consciência interna e consciência externa. Quando se fala de consciência externa, está-se falando de um ato psíquico que se dirige a um fenômeno físico que, por sua vez, é seu objeto. Quando se fala de consciência interna, está-se falando de um ato psíquico que se dirige a um ato psíquico que, por sua vez, é seu objeto. Ou seja, a consciência interna é um ato psíquico que tem por objeto um ato psíquico, sinônimo de fenômeno psíquico. Assim, há dois tipos de objetos: os objetos que são correlatos da consciência externa, ou seja, os fenômenos físicos; e os objetos que são correlatos da consciência interna, ou seja, os fenômenos psíquicos. Brentano nominou os fenômenos físicos de “objeto primeiro” (correlatos da consciência externa), e os fenômenos psíquicos de “objeto segundo” (correlatos da consciência interna). Podemos, portanto, conceber a consciência como tendo, ao mesmo tempo, um objeto primeiro e um objeto segundo²⁰¹.

Essa noção de consciência secundária, ou interna é fundamental na obra de Brentano, uma vez que é sobre ela que se elabora a ideia de percepção interna²⁰² como sendo diferente de introspecção ou observação interna.

Monticelli²⁰³ esclarece que a condição de existência de uma consciência inconsciente está ligada ao problema se uma consciência pode dirigir-se a um objeto primeiro, mas não a um objeto segundo, ou seja, se é possível uma consciência que se dirige a um objeto primário, mas não toma a si mesma. Dito de outra forma, a questão não é se um fenômeno psíquico é ou não consciência, mas se existem fenômenos psíquicos que não seriam também objeto de uma consciência.

É, então, possível ver um vermelho, a consciência de um vermelho (ato psíquico, portanto, consciência), mas o ver um vermelho não ser visto (não ser por sua vez objeto – segundo – de uma consciência), ou seja, não ser consciente? O problema de como o sujeito perceptivo sabe de seus próprios atos perceptivos era antigo. Brentano elenca quatro argumentos a favor da existência de fenômenos psíquicos inconscientes, a saber:

Em primeiro lugar, poder-se-ia tentar demonstrar que certos fatos empíricos exigem a admissão de um fenômeno psíquico inconsciente como sua *causa*. Em segundo lugar, poder-se-ia tentar demonstrar que um fato empírico deveria ter como consequência um fenômeno psíquico como seu *efeito*,

²⁰¹ Cf. MONTICCELI, op. cit., pp. 34-35.

²⁰² Tema abordado no próximo capítulo desta dissertação.

²⁰³ Cf. MONTICCELI, op. cit., p. 35.

embora na consciência não surja nenhum. Em terceiro lugar, poder-se-a tentar demonstrar que, no caso dos fenômenos psíquicos conscientes, *a intensidade da consciência que os acompanha é uma função de sua própria intensidade* e que, portanto, em virtude dessa relação, em certos casos nos quais essa última é uma grandeza positiva, a primeira deve ser ausente de qualquer valor positivo. Enfim, em quarto lugar poder-se-ia tentar demonstrar que a admissão de que um fenômeno psíquico é objeto de um fenômeno psíquico levaria a uma *complicação infinita* dos estados psíquicos, que é desde o princípio impossível e contrasta com a experiência²⁰⁴.

Este último, um dos argumentos mais contundentes acerca da existência de fenômenos inconscientes, defendida, por exemplo, por Herbart, consistia na tentativa de provar que admitir que todo fenômeno psíquico é consciente resultaria numa sequência infinita de atos psíquicos, pois a consciência de cada ato exigiria um novo ato e assim sucessivamente. Brentano utiliza o exemplo do mais simples ato psíquico, a audição, para reconstruir o argumento e, depois, refutá-lo. A audição é a representação de um som, ou seja, é o ato de ouvir que tem como base a representação de um som. Ouvir é o ato. O objeto desse ato, ou seja, o objeto para o qual é dirigido o ato, é o som ouvido. Tem-se aqui duas representações: a representação do som e a representação do ouvir mesmo. Diz Brentano:

Em paridade a todo outro fenômeno psíquico, tanto a representação do ouvir quanto a representação do som devem estar presentes em modo consciente; deve, pois, haver diretamente uma representação. Em quem ouve estão presentes, então, três representações: aquela do som, aquela do ouvir, aquela da representação do ouvir. Mas também essa terceira representação não pode ser a última. Também ela é consciente e, portanto, representada [...] ²⁰⁵.

Monticelli auxilia a clarificar essa reconstrução do argumento dizendo:

Ora, dizem muitos dos psicólogos, se toda consciência é necessariamente consciente, então além do ato de ouvir é necessária a presença de um *segundo* ato que tome o primeiro como objeto e, assim, o transforme em uma consciência consciente. Mas o segundo ato, que não é mais a mera representação do som, porém é a representação da representação, também como ato psíquico exige um terceiro ato psíquico que também se dirija a ele ²⁰⁶.

Brentano conclui que, ou esta série se torna infinita (o que recai no problema da regressão ao infinito), ou deve concluir-se com uma representação inconsciente. Brentano resolve o problema da regressão ao infinito sem recorrer à segunda opção, ou seja, negando

²⁰⁴ BRENTANO, op. cit., pp. 171-172.

²⁰⁵ Ibid., p. 188.

²⁰⁶ MONTICELLI, op. cit., p. 36.

que seja possível (ou necessária) uma representação inconsciente, mas retomando a tese aristotélica de que todo ato é, ao mesmo tempo, dirigido primariamente a um objeto e secundariamente a si mesmo. Afirma Brentano, “parece que resta *somente uma* assunção que, considerada a ausência de uma consciência inconsciente, pode escapar à conclusão da complicação infinita, aquela na qual o ouvir e o som ouvido são um único fenômeno, na medida em que ela considera o ouvir dirigido a si mesmo como ao próprio objeto”²⁰⁷. Em outras palavras, todo ato psíquico se dirige a dois objetos, o objeto primário e o objeto secundário. Anteriormente foi dito que todo ato psíquico é consciência. Agora é possível dizer que todo ato psíquico é consciência (passivo) e consciente (ativo) de si mesmo. Brentano, portanto, refutando as teses acerca da existência de manifestações inconscientes, caracteriza os fenômenos psíquicos como atos conscientes.

Assim, Brentano clarifica efetivamente qual era o objeto de estudo da psicologia. Caracterizados os fenômenos psíquicos como dotados de objetividade imanente, ou seja, tendentes sempre a objetos (primários e secundários), os fenômenos psíquicos eram essencialmente “atos” e tais “atos” os verdadeiros e próprios objetos da psicologia. A psicologia, então, deveria buscar descrever as modalidades nas quais os atos fazem referência aos seus objetos, ou seja, sobre a base do conceito de intencionalidade, Brentano propunha uma classificação dos fenômenos psíquicos²⁰⁸. A seguir, é exposta essa classificação.

4.8 A CLASSIFICAÇÃO DOS FENÔMENOS

Descrever e classificar os vários tipos de fenômenos psíquicos era fundamental para o desenvolvimento da investigação psicológica, pois permitiria um estudo pormenorizado das leis que governam cada um deles.

Para classificar os fenômenos psíquicos, Brentano parte da característica distintiva desses mesmos fenômenos, a intencionalidade. Assim, o fundamento da classificação brentaniana dos fenômenos psíquicos era “a diversa relação com o objeto imanente da atividade psíquica, ou a diversa maneira da sua existência intencional”²⁰⁹.

²⁰⁷ BRENTANO, op. cit., pp. 188-189.

²⁰⁸ Diversamente de Wundt, que distinguia dois fundamentais tipos de elementos psíquicos: as sensações puras e os sentimentos simples. Cf. SORO, op. cit., p. 138.

²⁰⁹ MECACCI, op. cit., p. 24.

A existência intencional é classificada em três formas distintas: intencionalidade representativa, intencionalidade judicativa e intencionalidade afetiva²¹⁰.

a) Intencionalidade representativa: consiste nas representações (*Vorstellungen*), conceito definido por Brentano como um ato ou fenômeno psíquico que apresenta algo à consciência. Nesta modalidade intencional representativa estão todos os fenômenos psíquicos nos quais o objeto simplesmente é presente sem que exista em relação a ele nenhum tipo de tomada de posição por parte do sujeito, por exemplo, todas as representações sensíveis que configurem como simples sensações, representações mnemônicas, representações de fantasia e, ainda, as representações noéticas ou conceituais. A representação é o fenômeno psíquico fundamental, sobre o qual são possíveis todos os outros tipos de fenômenos psíquicos, ou seja, juízos (*Urteile*) e modos afetivos (*Gemütsbewegungen*).

b) Intencionalidade judicativa: compreende os juízos que, por sua vez, como já foi dito anteriormente, são fundados em representações. Não é possível o ato de julgar sem um objeto que possa ser negado ou afirmado. A distinção entre juízos e representações está em seu caráter polar, ou seja, os juízos se polarizam em torno da afirmação ou negação. Enquanto na representação o objeto é presente em modo neutro, no juízo esse objeto é negado ou afirmado.

c) Intencionalidade afetiva: modos de ânimo ou sentimento, também estes pressupondo representações e se diferenciando de tais representações por seu caráter de atração ou repulsão. Nessa classe, os atos são definidos pelo sentimento que apresentam em relação a um determinado objeto podendo apresentar diferentes gradações: amar, odiar, querer etc. São os objetos que suscitam tais atos.

Essa classificação pode ser dita natural uma vez que é realizada segundo a natureza daquilo que se está classificando. Assim, todo fenômeno psíquico, na medida em que se dirige a um objeto primeiro (fenômeno físico), dirige-se necessariamente a si mesmo (objeto segundo) e o faz de três formas distintas. Representar, julgar e sentir (amar ou odiar), portanto, são os modos fundamentais de ser da vida psíquica, cada qual caracterizado pela diversa modalidade de referimento intencional que exibem. Diz Brentano,

[...] todo ato psíquico, ainda que simples, tem um duplo objeto, primário e secundário. O simples ato no qual ouvimos, por exemplo, tem o som como

²¹⁰ A classificação dominante à época de Brentano era aquela kantiana que consistia em conhecimento, sentimento e vontade. A categoria kantiana “conhecimento” reuniria as categorias brentanianas de “representação” e “juízo”, enquanto a categoria brentaliana “modos de ânimo” incluiria aquelas de “sentimento” e “vontade” propostas por Kant. Brentano trata o argumento no segundo livro de *PeS*. BRENTANO, Franz. **La psicologia dal punto di vista empírico**. Organização de Oskar Kraus. Vol II (1874). Tradução de Giovanni Gurisatti. Roma/Bari: Editori Laterza, 1997.

objeto primário, e a si mesmo, ou seja, o fenômeno psíquico no qual o som é ouvido, como objeto secundário. Ele é consciência deste segundo objeto de uma maneira tríplice: representa-o, reconhece-o e o sente²¹¹.

Sublinha-se o fato de que os fenômenos das três classes estão intimamente ligados, de modo que em todo fenômeno psíquico estão presentes todas as três classes. Em outras palavras, como afirma Monticelli, o fenômeno da consciência interna é essencialmente tríplice, ou seja, os fenômenos das três classes se dão numa *fusão íntima*²¹².

Uma vez definido qual seria o objeto de estudo de que se ocuparia a ciência psicológica, para assegurar-lhe a tão desejada autonomia era necessário proporcionar-lhe um método adequado.

²¹¹ BRENTANO, op. cit., 1874, p. 222.

²¹² Cf. MONTICELLI, op. cit., p. 60.

5 O MÉTODO DA PSICOLOGIA DE BRENTANO

Estabelecido qual o âmbito de estudo da ciência psicológica e seu respectivo objeto, é necessário definir qual o método através do qual tal ciência tem acesso a esse objeto de investigação. Se não há um modo de acesso, não há uma ciência enquanto tal. A proposta de fundação de uma psicologia empírica no século XIX enfrentava grandes obstáculos e o principal deles era exatamente referente ao método, uma vez que a introspecção, método empregado nas investigações psicológicas até então, havia sido duramente combatida por Hume, Kant e Comte.

5.1 A OPOSIÇÃO À INTROSPECÇÃO

Na introspecção, o sujeito se pergunta o que precisamente ocorre na consciência quando sente, percebe, pensa etc. É uma observação dos próprios estados de consciência. Hume a combate porque ela pressupõe a existência da alma como substância independente, dotada de estabilidade e permanência. Para Hume, todas as nossas percepções são entidades distintas e o “eu” se reduz à soma das suas percepções²¹³. Kant combate a introspecção porque as condições das experiências internas são muito diferentes daquelas da experiência externa de objetos no espaço, na qual esses objetos aparecem um junto ao outro (*nebeneinander*) e mantidos em quietude (*als bleibend*)²¹⁴. Uma vez que o sentido interno vê as relações das suas determinações unicamente no tempo e em seu contínuo escorrer, não é possível alguma estabilidade necessária a uma observação. Não menos decidido, Comte combate a introspecção porque toda observação supõe um objeto a ser observado distinto do sujeito que observa, condição não existente na pretendida observação introspectiva na qual sujeito e objeto coincidem²¹⁵.

²¹³ “Como toda ideia é derivada de uma impressão precedente, se tivéssemos uma ideia de substância de nossas mentes, teríamos que ter dela também uma impressão – o que é muito difícil, senão impossível, de se conceber. Pois como poderia uma impressão representar uma substância senão assemelhando-se a ela? E como poderia uma impressão assemelhar-se a uma substância, já que, segundo essa filosofia, ela não é uma substância, e não possui nenhuma das qualidades ou características peculiares de uma substância?” HUME, David. **Tratado sobre a natureza humana**: uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais. Tradução Débora Danowski. - 2 ed. rev. e ampliada. - São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 265.

²¹⁴ KANT, op. cit., 1983, 37.

²¹⁵ COMTE, op. cit., pp. 34-35.

A introspecção, portanto, não poderia ser considerada como método de análise dos fatos psíquicos (*Erlebnisse*). Assim, o primeiro passo em direção a uma psicologia positivista, compreendeu uma atitude crítica em relação à introspecção.

5.2 A POSIÇÃO DE BRENTANO

Brentano, em sua habilitação de 1866 na Universidade de Wurtzburgo, exprime a sua orientação científica influenciada pelo positivismo. Suas vinte e cinco teses de habilitação são consideradas um documento válido para aferir sua visão da ciência²¹⁶. A seguir, apresentam-se as três teses que são importantes para o tema dessa dissertação.

A primeira tese apresenta a reprovação de toda a filosofia idealista alemã: “A filosofia deve negar que as ciências podem ser divididas em especulativa e exata; se a negação fosse incorreta, então a própria filosofia não teria direito de existir”²¹⁷.

Na décima terceira tese: “Não há nada na mente, que não estava nos sentidos, exceto a própria mente”²¹⁸. Para Brentano, a base de todo o conhecimento é fundamentado na experiência, compreendendo tanto a experiência interior quanto a experiência exterior.

A quarta tese, fundamental para a compreensão da proposta de Brentano, refere-se ao método: “O verdadeiro método da filosofia não é diferente daquele das ciências naturais”²¹⁹.

De uma primeira leitura dessa quarta tese entende-se que, para Brentano, existe apenas um método que irá servir todas as ciências, o método científico natural, natural porque é aquele utilizado pelas ciências naturais²²⁰. Mas é preciso atentar para o modo como essa afirmação foi compreendida, pois não é uma interpretação kantiana. Kant teria cometido o erro de igualar as ciências dos corpos às ciências da mente e quando Brentano diz “o método da filosofia é o da ciência natural” não é uma interpretação kantiana. Ao contrário, envolve a

²¹⁶ As 25 teses de habilitação de Brentano estão divididas da seguinte maneira: as teses de 1 a 4 dizem respeito ao método; de 5 a 11 se referem à ontologia metafísica; de 12 a 15, psicologia; de 16 a 21, lógica e filosofia da linguagem; as teses 22 e 23 discorrem sobre ética; as últimas teses, 24 e 25, se referem à estética. Cf. REIMHERR, Andrea. **Die philosophisch-psychologischen Grundlagen der Österreichischen Wertlehre: Franz Brentano und Carl Menger**. Inaugural-Dissertation zur Erlangung der Doktorwürde der Philosophischen Fakultät der Julius Maximilians-Universität-Wurtzburgo. Wurtzburgo, 2005, pp. 28-32. Disponível em: <http://opus.bibliothek.uni-wuerzburg.de/frontdoor.php?source_opus=1697&la=de>. Acesso em: 25 Jun. 2011.

²¹⁷ BRENTANO, 1866, apud *ibid.*, p. 29.

²¹⁸ *Ibid.*, p. 32.

²¹⁹ *Ibid.*, p. 31.

²²⁰ Cf. *Ibid.*, p. 31.

afirmação de que a separação entre um método empírico e um transcendental, como havia sido proposto por Kant, deveria ser revogada a favor do método empírico²²¹.

Deve-se recordar, como já apresentado no Capítulo II, que, a partir da segunda metade do século XIX, ocorre um declínio dos grandes sistemas filosóficos tradicionais, em particular, a filosofia de Kant e a filosofia idealista de Hegel. Em seu lugar entra em voga a ciência e o seu fundamento positivista. Cabia, então, à psicologia, de acordo com as tendências positivistas e anti-idealistas da época, constituir-se como ciência exata conforme o modelo das ciências da natureza que se baseavam na observação e na experimentação. Brentano pretende atender a esse critério. Mas poderia a psicologia seguir o método das ciências naturais se uma observação interna não era possível?

Para Brentano, seguir o método das ciências naturais não significa uma uniformidade de procedimentos. Brentano se opõe a uma transferência cega e entende que não há apenas um método científico. Ao contrário, afirma que é o objeto da investigação que determina o método²²². Em seu trabalho *Über die Zukunft der Philosophie (Sobre o futuro da filosofia)*²²³, publicado em 1893, Brentano defende a ideia da unidade do conhecimento, mas levando em consideração as especificidades do objeto:

[...] a ciência da natureza não exige, de maneira alguma [...], que em todas as partes devamos proceder uniformemente, como nos mais simples casos da mecânica. Pelo contrário, nos ensina e nos exercita a mudar nossos procedimentos de acordo com a índole especial dos objetos, e a aumentar ou diminuir nossas exigências para conseguir, em um caso, um êxito completo e obter, em outro, renunciado o impossível, o cientificamente possível²²⁴.

Para Brentano, a prática das ciências naturais revela que se variam os processos de acordo com a natureza particular dos objetos com os quais se trabalha, de forma a satisfazer a exigência da obtenção do conhecimento. Mesmo a análise matemática não poderia desempenhar o mesmo papel em todos os campos de pesquisa²²⁵. Brentano considera que matemática e psicologia se comportam como polos contrapostos, a primeira se ocupando de fenômenos mais simples e absolutos a segunda de fenômenos mais complexos e ricos de conexões. Da matemática à psicologia haveria uma crescente dificuldade em função da maior

²²¹ Cf. HALLER, op. cit., p. 19.

²²² Cf. REIMHERR, op. cit., pp. 30-31.

²²³ Obra na qual Brentano responde as críticas expostas por Adolf Exner, então Reitor da Universidade de Viena, durante o curso de 1891-1892, contra a possibilidade de unificação metodológica das ciências naturais (*Naturwissenschaft*) e ciências do espírito (*Geistwissenschaften*).

²²⁴ BRENTANO, Franz. **El porvenir de la filosofía**. Tradução de Zubiri. Madrid: Revista de occidente, 1936, p. 68.

²²⁵ Cf. HALLER, op. cit., pp. 25-26.

complexidade dos fenômenos implicados. Enquanto a matemática seria o melhor âmbito para aplicação dos conceitos fundamentais de uma disciplina verdadeiramente científica, “a psicologia, por sua vez, mostra sozinha a enorme riqueza que estimula a implantação do método científico, quando *esse busca gradativamente adequar-se a fenômenos sempre mais complexos*”²²⁶. Brentano sublinha a necessidade, em razão das diversas peculiaridades de cada âmbito de investigação, de uma contínua adaptação do método científico.

Brentano não ignora as proposições da ciência moderna, mas considera importante certa prudência no modo como se entende essa aplicação do método das ciências naturais às ciências do espírito. Ele não pretende fazer metafísica, mas, sendo o objeto de estudo da psicologia, em última instância, uma substância e não apenas fenômenos, por assim dizer, subsistentes, o método utilizado por essa ciência pode visar também essa estrutura que é fundamento dos fenômenos psíquicos e não somente o parecer fenomênico. A filosofia de Brentano²²⁷ é caracterizada por essa linha *realista*, em oposição às tendências transcendentais e idealistas, na qual as leis da natureza derivam do conhecimento humano de um sujeito transcendental.

Em outras palavras, Brentano não pretende voltar atrás no método das ciências naturais porque seria um idealismo hegeliano, mas também não concorda com as ciências naturais que entendem o fenômeno numa acepção kantiana ou comteana. Para Brentano, é prioritário nas investigações de uma ciência dos fenômenos psíquicos o método indutivo das ciências naturais²²⁸.

A quarta tese da *Habilitation* de Brentano envolve ainda a afirmação de que, com o término da separação metodológica, padrões científicos deveriam ser observados nas ciências do espírito, a exemplo das ciências naturais²²⁹.

Esses são os princípios sobre os quais Brentano delinea o método para uma psicologia empírica. Também a psicologia deveria usar o método das ciências naturais, mas adequá-lo ao seu específico objeto.

²²⁶ BRENTANO, op. cit., 1924, p. 92. Grifo nosso.

²²⁷ Poderia-se dizer o mesmo da filosofia austríaca, de modo geral. Cf. HALLER, op. cit., p. 20.

²²⁸ Cf. Ibid., p. 27.

²²⁹ Cf. Ibid., p. 19.

5.3 A DERIVAÇÃO DO MÉTODO A PARTIR DO OBJETO DA INVESTIGAÇÃO: A PERCEPÇÃO INTERNA

Ao redefinir o objeto de estudo da psicologia, como não sendo mais os conteúdos sensoriais dos quais se ocupava Wundt em seu laboratório, mas sim os atos da experiência, Brentano evidenciou a exigência de um método de estudo distinto do que se praticava até então.²³⁰ Propõe, em suma, um novo método de conhecimento do psiquismo.

Nos capítulos 2, 3 e 4 do Livro I da obra *PsE*, Brentano explora quais seriam os fundamentos metodológicos sobre os quais deveria se desenvolver uma ciência psicológica. Porém, mais do que elaborar métodos para a psicologia, seu trabalho é fundamentar a possibilidade de uma psicologia como ciência empírica que supere ao mesmo tempo as críticas à psicologia metafísica e as críticas à psicologia introspectiva, enquadrando-se assim como ciência positiva. Esse intento somente seria possível se houvesse realmente a possibilidade de uma percepção interna. “Percepção e experiência constituem a base seja da psicologia seja da ciência natural”, afirma Brentano²³¹.

Os objetos externos percebidos podem ser observados, ou seja, considerados com o máximo de atenção para compreender suas manifestações. Porém, em se tratando da ciência psicológica, seu fundamento está em um tipo particular de experiência: a percepção interna imediata dos fenômenos psíquicos, ou seja, no exato momento em que os mesmos ocorrem.

Esse método era a percepção interna:

A fonte principal do conhecimento psicológico sem dúvida é a *percepção interna* dos nossos próprios fenômenos psíquicos. Jamais poderíamos obter um conhecimento sobre o que sejam representação e juízo, alegria e dor, desejo e repulsão, esperança e temor, coragem e desespero, decisão e vontade, se a nossa percepção interna não os mostrasse nos nossos próprios fenômenos²³².

Mas percepção interna não é sinônimo de observação interna e a ausência dessa distinção levou muitos psicólogos ao erro. Brentano define como dogma a possibilidade

²³⁰ Posteriormente, Dilthey defendeu que a psicologia deveria responder a outros critérios epistemológicos, uma vez que possuía um estatuto diverso das ciências naturais em virtude da peculiaridade de seu objeto de estudo. Enquanto a realidade externa poderia ser estudada com o método das ciências naturais, as quais explicam tal realidade em termos de relações de causa e efeito, a realidade interna estudada pelas ciências do espírito não poderia ser reduzida a leis gerais e não poderia ser desmembrada em fenômenos distintos enquanto é uma conexão vivente que pode ser compreendida somente no seu ser não redutível. À psicologia explicativa inspirada nas ciências naturais se propunha a ciência descritiva baseada em compreender. Cf. MECACCI, op. cit., p. 17.

²³¹ BRENTANO, op. cit., 1924, p. 93.

²³² Ibid., p. 93.

compartilhada por muitos autores – como, por exemplo, Fortlage²³³ – de uma observação dos fenômenos psíquicos e enfatiza a necessidade de distinguir essas duas modalidades com precisão. Diz textualmente: “Note-se bem: dissemos que essa primeira e indispensável fonte [do conhecimento psicológico] é constituída pela *percepção*, não pela *observação* interna, as duas modalidades devem ser distintas com precisão”²³⁴.

Brentano dividia com Comte as objeções acerca do método da introspecção ou auto-observação enquanto implicava em um processo de objetivação do ato psíquico. Tal processo modifica essencialmente o ato psíquico e torna impossível colhê-lo de forma imediata e autêntica²³⁵. Mas evidencia-se aqui um novo problema, assim colocado por Brentano:

Percebemos os fenômenos psíquicos que subsistem em nós? A resposta é sem dúvida afirmativa. Em caso contrário, de fato, isto é, sem tal percepção, como poderíamos ter os conceitos de representar e de pensar? Mas é também evidente que não somos capazes de observar os nossos fenômenos psíquicos atuais; mas como se explica isso senão com o fato que somos incapazes de percebê-los?²³⁶

Faz-se necessário, então, distinguir os conceitos de observação interna (*innere Beobachtung*) e de percepção interna (*innere Wahrnehmung*). Por observação interna entende-se aquela possível de ser aplicada à percepção externa. Diz Brentano: “Os objetos que, como se ouve dizer, são percebidos ao externo *podem* ser observados, ou seja, para compreender propriamente a manifestação, ela é considerada com o máximo de atenção”²³⁷. Mas é característica própria da observação poder ser dirigida a um objeto da nossa atenção, e não a si própria, o que inviabiliza uma observação dos próprios fenômenos psíquicos. Brentano observa que os defensores da possibilidade de uma observação interna como, por exemplo, J. S. Mill, na verdade se referiam a faculdade humana de, contemporaneamente, seguir com atenção uma pluralidade de coisas.

Por percepção interna, ao contrário, Brentano entende uma consciência secundária dirigida à consciência primária e ao mesmo tempo a si mesma. Essa consciência secundária é inseparável da consciência primária e independente da vontade. “A representação que acompanha o ato psíquico e se refere a ele se faz um todo unitário com o objeto ao qual se

²³³ FORTLAGE, Karl. *System der Psychologie als empirischer Wissenschaft aus der Beobachtung des innern Sinnes*. 2 Vol. Leipzig, 1855.

²³⁴ BRENTANO, op. cit., 1924, p. 93.

²³⁵ Cf. ANTONELLI, op. cit., 1998, p. 25.

²³⁶ BRENTANO, op. cit., 1924, p. 194.

²³⁷ *Ibid.*, p. 93/94.

dirige”²³⁸. Então, enquanto na observação interna se pressupõe um ato, por exemplo, ouvir um som, e um segundo ato voluntário, por exemplo, observar atentamente o ouvir um som, na percepção interna há um só ato independente da vontade. Para Brentano, “não sem motivo, então, colocamos em evidência a distinção entre percepção interna e observação interna e assinalamos o fato que somente uma das duas pode aplicar-se aos fenômenos psíquicos presentes em nós”²³⁹.

Antonelli esclarece que a “percepção interna não deve ser entendida como um ato autônomo e independente da reflexão, mas como uma ramificação secundária, acessória, da atenção, que, dirigida primariamente ao objeto ‘externo’, dirige-se secundariamente sobre o senciante tornando-o sabedor”²⁴⁰. Ou seja, ao fenômeno psíquico, há um concomitante ato reflexivo, a consciência reflexa. Em outras palavras, ato psíquico exhibe uma dúlice direção intencional: em direção ao seu objeto e em direção a si mesmo. Essa consciência reflexa que acompanha o ato psíquico jamais pode ser distinta do próprio fenômeno psíquico, ou seja, jamais pode transformar-se em observação externa: “[...] é próprio da percepção interna jamais poder se tornar observação interna”²⁴¹. Brentano exemplifica essa impossibilidade com o particular fenômeno psíquico da ira: “Quem desejasse observar a ira que o inflama, perceberia que, no momento da observação, ela teria já se aplacado, dissolvendo assim o objeto a ser observado”²⁴². Brentano considera a impossibilidade de direcionar nossa atenção aos objetos da nossa percepção interna uma lei psicológica universalmente válida. Essa impossibilidade advém da própria natureza do ato psíquico: um objeto segundo jamais pode ser objeto da percepção externa.

Essa noção de consciência secundária, também denominada consciência reflexa é fundamental na obra de Brentano, uma vez que é sobre ela que se elabora a idéia de percepção interna como sendo diferente de introspecção. Consciência primária e secundária não são processos psíquicos diferentes, mas sim um único processo com dois objetos. É possível a observação de um objeto primeiro, mas não de um objeto segundo. Porém, o ato psíquico contém necessariamente uma percepção interna, uma consciência interna de si mesmo. E esse é o método da psicologia empírica de Brentano.

Munch sublinha que a percepção interna estava no centro da possibilidade de constituição de uma psicologia científica:

²³⁸ BRENTANO, op. cit., 1924, p. 194.

²³⁹ Ibid., p. 94.

²⁴⁰ ANTONELLI, op. cit., 1998, p. 25.

²⁴¹ BRENTANO, op. cit., 1924, p. 94.

²⁴² Ibid., p. 94.

A descoberta da percepção interna significa, desta forma, que Brentano abriu um domínio de pesquisa científica positiva. Por esta descoberta, para resolver o problema da concretização dos fundamentos da psicologia como uma ciência na estrutura positiva, foi necessário o desenvolvimento de sua doutrina da percepção interior, a qual depende da idéia da inexistência intencional, do objetivo duplo e da primazia da representação²⁴³.

Se a percepção interna fosse destituída de possibilidade enquanto método, e enquanto tal depende das noções de intencionalidade, duplicidade de objeto e representação, uma psicologia científica positiva não seria possível.

Há uma inter-relação entre percepção interna e fenômeno psíquico que possibilita a inauguração da psicologia como ciência autônoma: os fenômenos psíquicos são verdadeiros em si mesmo e são percebidos por evidência.

Assim Brentano discorda da possibilidade de uma observação interna, como propunha Mill, mas tampouco concorda com a inviabilidade de acesso ao mundo dos fenômenos, como defendia Comte. Brentano entende que a não distinção entre observação interna e percepção interna levou também a impossibilidade de considerar a percepção interna como possível. É neste erro que, segundo Brentano, incorre Comte. Em seu *Curso de Filosofia Positiva*, Comte considera um sofisma a possibilidade de uma observação interior destinada ao estudo dos fenômenos intelectuais:

[...] essa pretensa contemplação direta do espírito por si mesmo é pura ilusão. [...] o espírito humano pode observar diretamente todos os fenômenos, exceto os seus próprios. Pois quem faria a observação? [...] O indivíduo pensante não poderia dividir-se em dois, um raciocinando enquanto o outro o visse raciocinar. O órgão observado e o órgão observador sendo, nesse caso, idênticos, como poderia ter lugar a observação²⁴⁴?

Se de um lado, Comte acertadamente evidenciou a impossibilidade da observação interna, pela ausência da distinção acima evidenciada, também condenou a possibilidade de uma percepção interna. A negação do método introspectivo levou a negação da psicologia como ciência e a sua redução à fisiologia.

Brentano afirma não só a possibilidade como a necessidade da percepção interna, enquanto a define como “a fonte prioritária das experiências indispensáveis às pesquisas psicológicas”²⁴⁵. Sem a percepção interna, uma psicologia seria quase impossível. Brentano

²⁴³ MUNCH, Dieter. Brentano and Comte. *Grazer Philosophiques Studien*, n. 36, 1989, p. 50.

²⁴⁴ COMTE, op. cit., pp. 34-35.

²⁴⁵ BRENTANO, op. cit., 1924, p. 98.

diz “quase impossível” porque uma alternativa, até certo ponto, seria a utilização da memória para a obtenção de conhecimentos dos fatos psíquicos. Assim como em todas as ciências empíricas, a memória possibilita a coleta de dados para examiná-los e estabelecer leis gerais. Refletindo sobre o que o ato que já passou, enquanto a sua marca ainda está fresca, a memória possibilitaria a psicologia a observação daquele dado. Mas uma observação pela memória não é o equivalente efetivo da observação autêntica dos eventos porque a memória incide frequentemente em erros.

Brentano define com uma desvantagem da psicologia em relação às outras ciências o problema da memória. Em todas as ciências empíricas, a memória, que “torna possível a coleta dos dados observados, com o escopo de estabelecer as verdades gerais, dá no entanto à psicologia a possibilidade de observar os próprios dados”²⁴⁶. Mas a observação mnemônica não é o equivalente da observação de dados presentes, uma vez que incorre frequentemente em erros. Assim, a memória fornece a possibilidade de observar alguns dados, limitando o âmbito de pesquisa e, como costuma incidir em erros, tal observação é duvidosa. Por outro lado, a percepção interna, pela ciência imediata que temos dos nossos fenômenos psíquicos, possui a característica da evidência, estando livre de qualquer dúvida.

Outra desvantagem é que qualquer manifestação psíquica emerge na nossa vida particular e, se os organismos físicos, ainda que da mesma espécie, apresentam diferenças, enormes podem ser as diferenças em âmbito psíquico. Então, como poderiam ser as propriedades individuais aplicadas a aspectos gerais? Diz Brentano,

[...] por quanto uma vida possa ser rica de fenômenos extraordinários – e toda vida, mesma a mais mísera, apresenta um enorme número de fenômenos, não é talvez evidente que ela, em todo caso, resultará mísera se confrontada com aquela que, reclusa em milhares e milhares de outros homens, subtrae-se à nossa percepção interna particular?²⁴⁷

Os dados colhidos pelo investigador, são singulares, próprios de um indivíduo e não necessariamente podem ser estendidos a aspectos gerais. Singular também é o observador, não sendo possível o controle da observação. Como Brentano resolve o problema da singularidade da manifestação e da percepção? “À percepção direta dos nossos próprios fenômenos psíquicos se acrescenta *um conhecimento indireto dos fenômenos psíquicos dos outros*”²⁴⁸, responde Brentano. “As manifestações da vida interna pedem, como se ouve dizer,

²⁴⁶ BRENTANO, op. cit., 1924, p. 99.

²⁴⁷ Ibid., p. 100.

²⁴⁸ Ibid., p. 102.

para externar-se; elas induzem variações perceptíveis do externo”²⁴⁹. A vida psíquica dos indivíduos contém aspectos homogêneos; de outra forma, qualquer descrição resultaria incompreensível. Além disso, as manifestações da vida interna induzem a algumas variações perceptíveis do externo. São elas:

- a) a comunicação linguística;
- b) as ações e os atos voluntários;
- c) as manifestações fisiológicas involuntárias.

A faculdade de comunicação recíproca fornece uma ideia do que acontece em nós com a descrição verbal dos estados psíquicos. A linguagem é um meio de exprimir-se e a mútua compreensão demonstra uma similaridade entre os indivíduos, possibilitando coligar as próprias experiências internas com o que um outro observou em si, ou seja, controlar as próprias observações através daquelas dos outros. Brentano recorda que a “faculdade de comunicação compreensível recíproca tem condições de fornecer uma ideia do que acontece em nós”²⁵⁰. Inclui-se também a importância do uso das biografias, observando o que o relato involuntariamente revela.

Mais seguro que os enunciados verbais é o agir voluntário, expressão das convicções e dos estados internos dos quais se originam. Retomando o antigo provérbio latino *verba docent, exempla trahunt*²⁵¹, Brentano enfatiza o caráter expressivo válido do agir prático.

As manifestações fisiológicas involuntárias como tremer, empalidecer, ruborizar são manifestações físicas, observáveis do externo e indicativas de manifestações psíquicas invisíveis. A exclusiva observação desses sinais não é, evidentemente, fonte de conhecimento psicológico, mas “conexa com aquela interna [percepção interna], ela poderia contribuir notavelmente ao enriquecimento e a completar as nossas experiências internas através daquilo que os outros experienciam em si, e ainda corrigir os erros nos quais podemos incorrer”²⁵².

Além disso, a história seja de grandes personagens que de todo um povo, os fenômenos sublimados da arte, da ciência e da religião também poderiam indicar aspectos fundamentais da vida psíquica. Assim, Brentano esclarece ser possível submeter a um controle intersubjetivo os dados imediatos indagados por uma esfera de experiência privada e pessoal que é aquela da percepção interna, aumentando consideravelmente o número dos fatos significativos para a psicologia.

²⁴⁹ BRENTANO, op. cit., 1924, p. 102.

²⁵⁰ Ibid., p. 102.

²⁵¹ “Palavras ensinam, exemplos extasiam”. Ibid., p. 103.

²⁵² Ibid., p. 103/104.

Ainda outras possibilidades, abandonadas²⁵³ mais tarde por Brentano são: a observação de crianças e dos povos primitivos, que dariam uma informação acerca da vida psíquica mais simples; os cegos de nascimento seriam úteis pela exclusão das representações adquiridas com a visão; indagações das características psíquicas dos animais, “sem afastar-se do comum bom senso”, adverte Brentano²⁵⁴; o estudo dos estados psíquicos patológicos, com a atenção de não fazê-los mais importantes que as manifestações de uma vida psíquica sadias, poderiam contribuir para a compreensão das leis da associação de ideias e da coligação entre fenômenos psíquicos e o corpo.

Ao final do segundo capítulo de *PsE*, destinado ao método, Brentano constrói uma síntese a cerca do mesmo:

A sua [do psicólogo] primeira fonte é a *percepção interna*, caracterizada pela desvantagem de jamais poder se tornar observação. Junto a essa temos a consideração das nossas experiências psíquicas precedentes na *memória*, no caso em que é possível usar seja a atenção seja a observação. O âmbito da experiência, antes limitado aos próprios fenômenos psíquicos internos, amplia-se, uma vez que as *exteriorizações* da vida psíquica de outrem nos garantem imediatamente uma visão dos fenômenos psíquicos alheios. Aumenta assim, de modo considerável, o número dos fatos significativos para a psicologia²⁵⁵.

Acima de tudo, Brentano reconfirma a percepção interna como fonte primária para uma psicologia empírica. A observação mnemônica – observação interna de experiências passadas – seria a fonte secundária. Estas duas fontes de experiências são complementadas pela observação objetiva das manifestações externas dos fenômenos psíquicos: o estudo da linguagem, do comportamento, do agir voluntário, das modificações fisiológicas que acompanham ou sucedem os estados psíquicos são o amplo espectro de instrumentos metodológicos auxiliares e complementares que preenchem as lacunas do método propriamente psicológico²⁵⁶, autêntica base de experiência da psicologia: a percepção interna.

Há, portanto, três especificidades no que diz respeito ao método da ciência psicológica que partem do próprio conceito de fenômeno físicos e psíquicos, a saber: quanto à observação dos fenômenos; quanto à existência dos objetos; quanto à evidência dos fenômenos, sendo cada uma decorrente da outra.

²⁵³ Cf. ANTONELLI, op. cit., 1998, p. 27.

²⁵⁴ BRENTANO, op. cit., 1924, p. 104/105.

²⁵⁵ Ibid., p. 107.

²⁵⁶ Cf. ANTONELLI, op. cit., 1998, p. 27.

a) Quanto à observação dos fenômenos: aA psicologia não tem condições de observar os fenômenos psíquicos como a física pode observar os fenômenos físicos. Diz Brentano, “a ciência natural parece gozar de uma posição muito mais vantajosa: milhares de homens veem o mesmo eclipse ou o mesmo cometa, e uma observação que somente um pode executar, de que nenhum outro tem condições de confirmar [...] seria acolhida com pouca credibilidade”²⁵⁷. Por sua vez, uma observação dos fenômenos da consciência, considerando que eles se dão instantaneamente, não é possível. Assim, os fenômenos psíquicos são objetos de um tipo particular de percepção, a percepção interna, enquanto os fenômenos físicos são objetos da percepção externa. Uma observação dos fenômenos psíquicos é possível somente num momento sucessivo ao da percepção interna atual.

b) Quanto à evidência dos fenômenos: o tipo particular de percepção pela qual os fenômenos psíquicos são dados pressupõe a unidade de perceptor e percebido, o que garante uma imediata evidência. A evidência da percepção interna se deve à fusão entre representação e objeto da representação; objeto da representação e ato da representação pertencem ao mesmo fenômeno psíquico.

c) Quanto à existência dos objetos da percepção: o objeto da percepção externa não é nada mais que um *sin*al de alguma outra coisa: “no que diz respeito aos objetos da experiência externa não temos algum direito de considerar que eles existam exatamente como nos aparecem também na verdade. É até mesmo demonstrável que eles não existam fora de nós”²⁵⁸. Mas no que se refere à percepção interna, Brentano afirma que não se pode dizer o mesmo, pois, uma vez que a percepção é imediata, não temos dúvida que o estado psíquico percebido em si subsiste de fato e que seja tal como o percebemos. Diz Brentano, “ninguém conseguiu de fato mostrar que quem toma por verdadeira as suas manifestações [da experiência interna] incida em contradição; ao contrário, da sua existência temos aquele nítido conhecimento e aquele suma certeza que somente a compreensão direta tem condições de oferecer”²⁵⁹. Assim, não é possível duvidar da atualidade com que um fenômeno psíquico se apresenta na nossa percepção interna sem incorrer num ceticismo absoluto.

Estabelecidos o objeto e o método, a psicologia agora ganha contornos nítidos e pode afirmar-se como conhecimento científico.

²⁵⁷ BRENTANO, op. cit., 1924, p. 101.

²⁵⁸ Ibid., p. 74.

²⁵⁹ Ibid., p. 74.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A psicologia do ato de Franz Brentano propunha a indissociabilidade entre ideia e ação para explicar a especificidade da conduta humana²⁶⁰. Esta proposta, especialmente através da obra *PsE*, era uma alternativa à psicologia como vinha sendo desenvolvida por Wundt. Ambos partilham a responsabilidade pelo nascimento da psicologia como ciência, mas o pensamento de Wundt foi tido como proeminente. Um dos motivos é que Wundt publicou mais que Brentano e o pensamento deste, inovador durante sua vida, tornou-se quase anônimo após sua morte. Mas Franz Brentano é, sem dúvida alguma, um importante pensador tanto da filosofia quanto e, sobretudo, da psicologia.

Diversas foram as contribuições identificadas na obra *PsE* de Brentano para a fundamentação de uma ciência psicológica. Antes de tudo, Brentano atendeu ao apelo cultural de sua época de construir uma ciência psicológica positiva, aceitando, assim, uma definição de psicologia como ciência dos fenômenos psíquicos ao invés de uma ciência da psique entendida como entidade metafísica. Para Brentano, a psicologia era ciência no sentido pleno do termo, ou seja, com um bem definido e distinto objeto de pesquisa e com um método baseado em dados empíricos. No entanto, é importante compreender que Brentano definiu empírico não apenas os dados da sensibilidade, mas também aquelas colhidas através da percepção interna.

Particular é a definição de fenômeno em Brentano, pilar fundamental em sua teoria sem o qual não é possível clareza de sua posição filosófica. Brentano, distanciando-se da definição comteana de fenômeno quanto daquela kantiana, entendia os fenômenos psíquicos não como *meras* manifestações de algo do qual fornece uma indicação somente aproximativa, mas como entidades que dão a conhecer acerca do suporte de tais fenômenos. Em outras palavras, enquanto na concepção kantiana havia uma cisão epistêmica entre os fenômenos e as coisas em si, para Brentano, no caso dos fenômenos psíquicos, ser e aparecer se identificavam completamente. A proposta brentaniana de uma psicologia empírica, então, não exclui, mas põe entre parênteses o conceito de alma assumindo um nível de análise precedente àquele metafísico²⁶¹.

Para compreender de que modo Brentano definiu o objeto da ciência psicológica é importante ter claro que fenômeno psíquico é sinônimo de ato psíquico e de consciência, o que equivale a dizer que o objeto da psicologia para Brentano era a consciência. Importante

²⁶⁰ Cf. RAMÓN, op. cit., p. 340.

²⁶¹ Cf. ANTONELLI, op. cit., 1996, p. 35.

também a distinção brentaniana entre fenômeno físico e fenômeno psíquico, identificada principalmente pela característica da intencionalidade. Os fenômenos psíquicos, e somente eles, teriam a propriedade da referência intencional para um objeto. Ouve-se algo, sente-se algo, ama-se algo, representa-se algo.

O método, por sua vez, deveria ser o mesmo método aplicado nas ciências da natureza. Porém, não se tratava de uma simples transposição, uma vez que ele deveria ser adequado às características específicas de cada ciência. Esse método científico possuía um traço fortemente empírico; seu fundamento baseava-se na percepção interna, muito bem distinta por Brentano de observação interna, possibilidade aceita por Wundt e repudiada por Hume, Kant e Comte. Somente a percepção interna teria acesso imediato aos fenômenos psíquicos, ou seja, todo ato seria acompanhado de sua reflexão.

A distinção inequívoca de fenômenos psíquicos, possibilitada pela concepção de intencionalidade, juntamente com a identificação de uma forma cientificamente aceita de acesso a tais fenômenos, foram os movimentos fundamentais na constituição de uma ciência psicológica. Em última instância, a íntima relação entre fenômeno psíquico e percepção interna possibilitou que Brentano elaborasse um programa para uma psicologia que atendesse aos critérios de cientificidade de sua época, mas sem as restrições anteriormente colocadas principalmente por Kant e Comte.

Para Mecacci²⁶², as maiores contribuições de Brentano à psicologia foram a clarificação da especificidade do seu objeto e o estudo da relação entre a sensação e a percepção e o pensamento; em outras palavras, o estudo dos confins entre física e psicologia e entre psicologia e filosofia. Para Porta²⁶³, a teoria da intencionalidade juntamente como a diferenciação entre os dois tipos de percepção, interna e externa, são decisivas na fundamentação da psicologia como uma ciência empírica autônoma.

Rosas²⁶⁴ questiona se o erro básico da psicologia não estaria exatamente em perseguir o modelo científico predominantemente positivista a exemplo da física e das ciências naturais. Outra crítica encontra-se em Ramón²⁶⁵, que considera a ausência de referências aos determinantes socioculturais um limite na proposta brentaniana de uma psicológica empírica.

²⁶² Cf. MECACCI, op. cit., p. 32.

²⁶³ Cf. PORTA, Mario Ariel González. **Un análisis del opúsculo de Kasimir Twardowsky “inhalt und gegenstand” en la perspectiva de su significación para la escuela de Brentano.** Síntese - Revista de Filosofía, América do Norte, 34, apr. 2010, pp. 273/274. Disponível em: <<http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/210/382>>. Acesso em: 16 Jul. 2011.

²⁶⁴ Cf. ROSAS, op. cit., p. 67.

²⁶⁵ Cf. RAMÓN, op. cit., p. 334.

Ramón alega que o espírito da época de Brentano não havia despertado para essa preocupação, o que viria ocorrer mais tarde por pensadores como, por exemplo, Vygotsky.

Pode-se concordar ou discordar de Brentano, mas em ambos os casos, antes de tudo, é preciso conhecê-lo, e ainda a seus mestres e intérpretes, pois noções comumente utilizadas pela psicologia moderna como alma, fenômeno, sensação são conceitos há muito discutidos pelas diversas correntes filosóficas. No entanto, apropriação dessa herança filosofia na constituição de uma psicologia científica não significa estar a ela subordinada.

A correta compreensão das teorias e sistemas das atuais escolas em psicologia impõe a consideração de seus fundamentos epistemológicos e filosóficos. Usando a expressão de Haller, desconsiderar essa herança filosófica implica em condenar a psicologia eternamente a um “sisifismo, uma vez que teria sempre de começar de novo, sem nenhuma memória de seu passado”²⁶⁶.

Por exemplo, segundo Honda²⁶⁷, há problemas na compreensão do pensamento wundtiano que são resultantes do desconhecimento da tradição filosófica à qual Wundt pertencia, a saber, a tradição racionalista proveniente, principalmente, de Leibniz. Por este equívoco, o projeto de psicologia experimental americana, julgando basear-se no modelo de Wundt, na verdade assumiu inspiração empirista decorrente da tradição inglesa, principalmente de Locke. Quanto a Brentano os problemas são ainda mais sérios, uma vez que teve influência em diversos discípulos e está na base de várias correntes.

PsE exprime a tríplice tarefa da doutrina brentaniana: imprimir autonomia e cientificidade à psicologia, definir o seu objeto de estudo e o seu método de investigação. Há que se considerar, no entanto, que esta obra fundamental, texto em torno ao qual foi realizada essa dissertação, foi o ponto de partida do pensamento de Brentano; as ideias de intencionalidade e de psicologia descritiva estão dentre os conceitos que sofreram uma intensa evolução. Importante, então, é a consideração das obras posteriores a *PsE* para a correta interpretação da tradição brentaniana.

Brentano acreditava que fosse possível um tratamento verdadeiramente científico da filosofia e que, para tal, era necessário considerar aquilo que havia sido deixado pelos grandes pensadores do passado. Se a psicologia pretende ser reconhecidamente científica esse mesmo movimento se faz necessário.

²⁶⁶ HALLER, op. cit., p. 17.

²⁶⁷ Cf. HONDA, Hélio. Notas sobre a noção de inconsciente em Wundt e Leibniz. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 20, n. 3, Dec. 2004, p. 275. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722004000300009&lng=en&nrm=iso. access on 02 Jul. 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722004000300009>.

REFERÊNCIAS

ALBERTAZZI, Liliana. **Introduzione a Brentano**. Roma-Bari: Editori Laterza, 1999.

_____. Franz Brentano: un filosofo mitteleuropeo. In: BRENTANO, F. **La psicologia dal punto di vista empirico**. Organização de Oskar Kraus. V. I (1874). Tradução de Giovanni Gurisatti. Roma/Bari: Editori Laterza, 1997.

ANTONELLI, Mauro. **Franz Brentano psicologo**. Dalla Psicologia dal punto di vista empirico alla Psicologia decrittiva. 2 ed. Bologna: Pitagora, 1998.

_____. **Alle radici del movimento fenomenologico**. Psicologia e metafísica nel giovane Franz Brentano. Collana di Psicologia descrittiva. Bologna: Pitagora, 1996.

ARAUJO, Saulo de Freitas. Uma visão panorâmica da psicologia científica de Wilhelm Wundt. **Sci. stud.**, São Paulo, v. 7, n. 2, June 2009. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-31662009000200003&lng=en&nrm=iso>. access on 22 Abr. 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S1678-31662009000200003>.

_____. **A fundamentação filosófica do projeto de uma psicologia científica em Wilhelm Wundt**. Campinas, 2007. Tese (Doutorado em Psicologia). Departamento de Psicologia, Universidade de Campinas. Campinas, SP, 2007.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução de Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1969.

BORING, Edwin G. **A History of experimental psychology**. London/New York: D. Appleton – Century Company, 1931.

BRENNAN, Robert Edward. **Historia de la psicología**. Segun la vision tomista. Madri: Clemares, 1957.

BRENTANO, Franz. **Psychologie vom empirischen Standpunkt I**. (1874), Mit Einleitung, Anmerkungen, und Register herausgegeben von Oskar Kraus. Hamburg: Felix Meiner Verlag. 1973 (Unveränderter Nachdruck von 1924).

_____. **La psicologia dal punto di vista empírico**. Organização de Oskar Kraus. Vol I (1874). Tradução de Giovanni Gurisatti. Roma/Bari: Editori Laterza, 1997.

_____. **La psicologia dal punto di vista empírico**. Organização de Oskar Kraus. Vol II (1874). Tradução de Giovanni Gurisatti. Roma/Bari: Editori Laterza, 1997.

_____. **El porvenir de la filosofía**. Tradução de Zubiri. Madrid: Revista de occidente, 1936.

BRETT, George Sidney. **Historia de la Psicología**. Trad. de D. A. Sampietro. Buenos Aires: PAIDÓS, 1963.

CHRUZIMSKI, Arkadiusz. **Die Intentionalitätstheorie Anton Marty's**. Grazer Philosophische Studien, n. 62, 2001, p. 175-214.

COMTE, Auguste. **Curso de Filosofia Positiva**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os pensadores, 33).

FABRO, Cornelio. **L'anima**. Introduzione al problema dell'uomo. Roma: Idivi, 2005.

FECHNER, Gustav. **Elements of psychophysics**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1966.

FENÔMENO. In: ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GOMES, W. B., GAUER, G.; SOUZA, M. L. **História da psicologia**. Manuscrito em preparação. 2007, p. 3. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/cogvila/dischistoria/gauer2.pdf>>. Acesso em 17 Out. 2011.

GOODWIN, C. James, **História da psicologia moderna**. São Paulo: Cultrix, 2005.

HALLER, Rudolf. **Wittgenstein e a filosofia austríaca**. Tradução Norberto de Abreu e Silva neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1990.

HONDA, Hélio. Notas sobre a noção de inconsciente em Wundt e Leibniz. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 20, n. 3, Dec. 2004. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722004000300009&lng=en&nrm=iso>. access on 02 Jul. 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722004000300009>.

HUME, David. **Tratado sobre a natureza humana**: uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais. Tradução Débora Danowski. - 2 ed. rev. e ampliada. - São Paulo: Editora UNESP, 2009.

JACQUETTE, Dale. Brentano's concept of intentionality. In: JACQUETTE, Dale (Org). **The Cambridge Companion to Brentano**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 98-130.

IDEALISMO. In: ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 608.

JACÓ-VILLELA, Ana Maria. **História da psicologia**: rumos e percursos. Rio de Janeiro: Editora NAU, 2005.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Tradução de Valério Rohden e Udo Valdur Moosburger. 2 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1983. (Os Pensadores, 25).

_____. **Antropologia de um ponto de vista pragmático**. Tradução de Clécia Aparecida Martins. São Paulo: Iluminuras, 2006.

KENNY, Anthony. **O despertar da filosofia moderna**. Vol III. Uma nova história da filosofia ocidental. São Paulo: Loyola, 2009.

KRAUS, Oskar. Introdução à edição de 1924. In: BRENTANO, Franz. **La psicologia dal punto di vista empirico**. Organização de Oskar Kraus. V. I (1874). Tradução de Giovanni Gurisatti. Roma/Bari: Editori Laterza, 1997.

LANGE, Federico Alberto. **Historia del Materialismo**. Tradução de Vicente Colorado. Madrid: Editor Daniel Jorro, 1903.

LOTZE, Hermann. **Medizinische Psychologie oder Physiologie der Seele**. Leipzig: Weidmann, 1852.

MANGIAGALLI, Maurizio. **Franz Brentano Interprete di Aristotele**. Roma: Aracne Editrice, 2009.

MANSION, Suzanne. A primeira doutrina da substância: a substância segundo Aristóteles. In: ZINGANO, Marco Antônio de Ávila (Coord.). **Sobre a metafísica de Aristóteles: textos selecionados**. São Paulo: Odysseus, 2005. p. 73-92.

MCALISTER, Linda L. Brentano's epistemology. In: JACQUETTE, Dale (Org). **The Cambridge Companion to Brentano**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 149-167.

MECACCI, Luciano. **Storia della psicologia del Novecento**. 19 ed. Bari: Editori Laterza, 2009.

MONTICELLI, Pedro. **Sobre a relação essencial da estrutura ontológica dos fenômenos psíquicos com a estrutura epistemológica da psicologia em Franz Brentano na psicologia do ponto de vista empírico**. 2005. s/n. Tese (Doutorado em Filosofia). -- Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, 2005. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1147>. Acesso em: 5 Jun. 2011.

_____. **A relação ao objeto: um estudo a partir do pensamento de Francisco Suárez**. 2010. s/n. Dissertação (Mestrado em Filosofia) -- Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, 2010. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetailObraForm.do?select_action=&co_obra=203851>. Acesso em: 18 Jun. 2011.

MUELLER, Fernand-Lucien. **História da psicologia**. Vol I: Da antiguidade aos dias de hoje. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

MUNCH, Dieter. Brentano and Comte. **Grazer Philosophiques Studien**, n. 36, pp. 33-53, 1989

PENNA, Antonio Gomes. **História das ideias psicológicas**. Rio de Janeiro: Imago ED., 1991.

PEWZNER, Evelyne; BRAUNSTEIN, Jean-François. **Storia della psicologia**. Torino: Einaudi, 2001.

PLATÃO. **Timeu**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 3. ed. ver. Belém: Editora da Universidade Federal do Pará, 2001.

PORTA, Mario Ariel González. **A filosofia a partir de seus problemas**. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2007.

_____. **Un análisis del opúsculo de Kasimir Twardowsky "inhalt und gegenstand" en la perspectiva de su significación para la escuela de Brentano**. Síntese - Revista de Filosofia, América do Norte, 34, apr. 2010. Disponível em: <<http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/210/382>>. Acesso em: 16 Jul. 2011.

_____. **Brentano y Natorp ("Intentionalität" y "Bewusstheit")**. Philosophica, ISSN 0716-1913, Nº. 30, 2006, págs. 103-126. ol. 30 [Semestre II / 2006] Valparaíso (103 - 126). Disponível em <<http://www.philosophica.ucv.cl/Phil%2030%20-%20art%2008.pdf>>. Acesso em: 18 Jun. 2011.

_____. **Franz Brentano: equivocidad del ser y objeto intencional**. Kriterion, Belo Horizonte, v. 43, n. 105, June 2002 . Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2002000100007&lng=en&nrm=iso>. access on 18 Jun. 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-512X2002000100007>.

RAMÓN, Saturnino Pesquero. **A importância da act-psychology de Franz Brentano**. Psicol. Reflex. Crit., Porto Alegre, v. 19, n. 2, 2006. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722006000200021&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 Dec. 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722006000200021>.

REIMHERR, Andrea. **Die philosophisch-psychologischen Grundlagen der Österreichischen Wertlehre: Franz Brentano und Carl Menger**. Inaugural-Dissertation zur Erlangung der Doktorwürde der Philosophischen Fakultät der Julius Maximilians-Universität-Wurtzburgo. Wurtzburgo, 2005. Disponível em: <http://opus.bibliothek.uni-wuerzburg.de/frontdoor.php?source_opus=1697&la=de>. Acesso em: 25 Jun. 2011.

ROSAS, Paulo da Silveira. **O dilema da Psicologia Contemporânea**. Psicol. cienc. prof., Brasília, v. 30, n. spe, Dec. 2010 . Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000500003&lng=en&nrm=iso>. access on 08 May 2012. <<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932010000500003>>.

SCHULTZ, Duane. P; SCHULTZ, Sydney Ellen. **História da psicologia moderna**. Tradução Suely Sonoe Murai Cuccio. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

SMITH, Barry. **Austrian philosophy: the legacy of Franz Brentano**. Chicago, IL: Open Court, 1994.

SORO, Giorgio. **Il soggetto senza origini**. La soggettività empirica nella fondazione wundtiana della psicologia sperimentale. 5 ed. Milão: Raffaello Cortina, 1992.

SUBSTÂNCIA. In: ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007, pp. 1091-1094.

TITCHENER, Edward Bradford. **Brentano e Wundt**: Psicologia Empírica e Experimental. Rev. abordagem gestalt. Goiânia, v. 16, n. 1, jun. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttex&pid=S1809-68672010000100013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 jan. 2012.

WERTHEIMER, Michael. **Pequena história da psicologia**. Trad. L. L. De Oliveira. 8. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1989.

WUNDT, Wilhelm. **Compendio di psicologia**. Torino: Clausen, 1900.